



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

LILIANE PINTO DA SILVA

**EDUCAR PARA RESISTIR: HISTÓRIA LOCAL, MEMÓRIA E *VIDEOCAST* NO
PROCESSO DE (RE)SIGNIFICAÇÃO, “BAIRRO XIQUE-XIQUE”, POÇO VERDE,
SERGIPE**

São Cristóvão, SE

2026

LILIANE PINTO DA SILVA

**EDUCAR PARA RESISTIR: HISTÓRIA LOCAL, MEMÓRIA E *VIDEOCAST* NO
PROCESSO DE (RE)SIGNIFICAÇÃO, “BAIRRO” XIQUE-XIQUE, POÇO VERDE,
SERGIPE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, da Universidade Federal de Sergipe (UFS), para obtenção do título de mestre em Ensino de História.

Orientadora: Profa. Dra. Sheyla Farias Silva

Linha de pesquisa: Linguagens, narrativas, produção e difusão.

São Cristóvão, SE

2026

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Silva, Lilliane Pinto da.

S586e Educar para resistir: história local, memória e *videocast* no processo de (re)significação, “Bairro Xique-Xique”, Poço Verde, Sergipe / Lilliane Pinto da Silva; orientadora Sheyla Farias Silva. – São Cristóvão, SE, 2026.

109 f.: il.

Dissertação (mestrado profissional em Ensino de História) – Universidade Federal de Sergipe, 2026.

1. História – Estudo e ensino - Sergipe. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. História local. 4. Memória. 5. Sabedoria. 6. Redes sociais. I. Maynard, Dilton Cândido Santos, orient. II. Título.

CDU 930.2:37(813.7)

LILIANE PINTO DA SILVA

**EDUCAR PARA RESISTIR: HISTÓRIA LOCAL, MEMÓRIA E *VIDEOCAST* NO
PROCESSO DE (RE)SIGNIFICAÇÃO, “BAIRRO” XIQUE-XIQUE, POÇO VERDE,
SERGIPE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, da Universidade Federal de Sergipe (UFS), para obtenção do título de mestre em Ensino de História.

Linha de pesquisa: Linguagens, narrativas, produção e difusão.

Orientadora: Profa. Dra. Sheyla Farias Silva

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sheyla Farias Silva (PROFHISTÓRIA/UFS)

Prof. Drº. José Vieira da Cruz (PROFHISTÓRIA/UFS)

Prof. Dr. Mateus Antônio de Almeida Neto (SEDUC/SE)

AGRADECIMENTOS

Aos meus estimados estudantes pesquisadores que apesar da timidez e do receio abraçaram esse projeto junto comigo, seja nos momentos felizes em sala de aula ou nos dias que estavam sem muita disposição não deixaram de cumprir nossas metas estabelecidas com toda responsabilidade e zelo, tornando esse trabalho mais rico e verdadeiro para mim.

Aos queridos colegas professores e funcionários da Escola Estadual Antônio Muniz de Souza o meu muito obrigada por me apoiarem nesse trabalho, seja no suporte de algumas tarefas ou em palavras de encorajamento para mim e para a turma envolvida, as contribuições foram essenciais para que nossos objetivos fossem alcançados.

A minha amada comunidade do Xique-Xique, a qual é a razão de ser desse projeto, não tenho palavras para expressar o quanto sou grata pelo acolhimento e pelo amor que sempre demonstraram ao meu trabalho. Da criança ao mais velho, sempre tive orientações positivas em minhas andanças de pesquisadora pelas ruas do bairro, o prazer e a alegria de vocês em me ajudarem seja por meio de entrevistas, ou informações sobre a comunidade sempre foi meu combustível para execução desse trabalho.

Aos queridos professores do Profhistória/UFS: Fábio Alves, Mariana Bracks, Marizete Lucini, Diogo Santana e Paulo Heimar, gratidão pelos ensinamentos e pela ajuda nos primeiros passos do projeto, quando eu ainda não tinha uma proposta definida para minha pesquisa, os diálogos em sala e conversas individuais me forneceram bases que solidificaram minha pesquisa.

Em especial e cheia de gratidão dedico esse pequeno espaço para citar minha querida professora e orientadora Sheyla Farias, ela que teve toda paciência em receber meus textos incompletos e com calma e serenidade os devolvia cheios de orientações e questionamentos, sem me deixar abater, mas buscando me incentivar da melhor forma a buscar as melhores estratégias para um trabalho acadêmico.

A presente pesquisa foi realizada com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), instituição fundamental para o fortalecimento da pós-graduação e da produção científica no Brasil. O incentivo oferecido pela CAPES, por meio de suas políticas de fomento à pesquisa e à formação acadêmica, contribuiu significativamente para o desenvolvimento deste estudo, possibilitando a ampliação dos conhecimentos teóricos e metodológicos necessários à sua realização.

Tive a honra de fazer parte de uma turma espetacular! Gratidão a turma do Profhistória 2024, vocês foram fundamentais nessa formação do mestrado, falo com orgulho de vocês, somos uma turma companheira, cada um na sua individualidade, mas quando a coisa apertava, as dúvidas e anseios vinham, estávamos lá, ainda que de forma online, um ajudando o outro, aconselhando, incentivando, parabenizando cada conquista. Meu muito obrigada e tenho muito orgulho de fazer parte desse grupo de mestrandos.

Agradeço aos meus colegas de turma que junto comigo formamos o grupo do *carroterapia*: Andrea Moreira, Josefa Rosania Reis e Carlos Acioly, quantas indagações, anseios, estudos e discussões textuais partilhamos em nossas idas para as aulas presenciais na UFS que fortaleceram minha vida acadêmica.

De forma especial agradeço à minha família, que sempre me apoiou e acreditou em mim, meus principais incentivadores: Mainha; as irmãs Nadia Silva, Miliena Silva, Sheyla Arantes e Daniel Duarte; as melhores primas Giselia Silva, Simone Silva e Girlande Silva.

Aos queridos amigos que se fazem presentes em minha vida e me incentivam a cada dia correr atrás dos meus sonhos, vocês também são peças fundamentais nesse projeto, minha gratidão em ter vocês sempre por perto e atuantes em minha vida. De forma especial agradeço a Jamile Gomes, amiga e orientadora nos aspectos de mídia digital, sua paciência em me ouvir e me ajudar em meio a correria de sua vida foi espetacular.

Por fim, obrigada Poço Verde, muitas pessoas dessa cidade me apoiaram e demonstraram extrema felicidade e honra em apresentar um projeto de pesquisa do Mestrado Profissional que contemplava sua cidade, isso nos acalenta e nos motiva a estudar e pesquisar sobre a História local.

“A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (Chimamanda Ngozi, 2009, p.14).

RESUMO

O presente estudo propõe uma abordagem do Ensino de História centrada na História local, com foco no “bairro Xique-Xique”, Poço Verde, Sergipe, buscando valorizar as memórias e vivências de seus moradores. O projeto se contrapõe às narrativas hegemônicas, dando voz a sujeitos historicamente marginalizados e promovendo novas leituras sobre o bairro, muitas vezes estigmatizado como periférico e violento. Através de entrevistas e análise das narrativas orais, são reveladas memórias de resistência e afetividade, que configuram um patrimônio histórico e social legítimo. A pesquisa foi desenvolvida com uma turma do 9º ano do ensino fundamental, composta por vinte alunos entre 14 e 15 anos, priorizando o vínculo afetivo dos estudantes com a escola. O estudo teve como objetivo geral compreender a constituição do bairro a partir das memórias de vivência local, promovendo a produção de novos saberes históricos pelos próprios alunos. Para isso, foram estabelecidos objetivos específicos como investigar o processo de ocupação do bairro, a marginalização social sofrida, identificar memórias dos moradores e produzir, em conjunto com os alunos, um *videocast* com base nas entrevistas realizadas. A metodologia adotada foi qualitativa, com base na pesquisa-ação participante e no uso da metodologia da História oral. Os estudantes participaram ativamente de todas as etapas, do planejamento às entrevistas e análise das narrativas. A produção do *videocast* buscou democratizar o acesso ao conhecimento histórico, inserindo o projeto na perspectiva da História Pública e da História Local. O referencial teórico inclui autores como, Bittencourt (2008), Barros (2009), Le Goff (1996), Hall (2006), Candau (2023), Pollak (1992) e Jörn Rüsen (2006), além do diálogo com dissertações acadêmicas do ProfHistória. Destaca-se ainda a preocupação em construir narrativas contra-hegemônicas e afetivamente engajadas, valorizando as memórias e vivências da periferia. A proposta visa contribuir para a formação da consciência histórica dos alunos, ao articular a história do bairro com questões identitárias e sociais mais amplas.

Palavras-chave: Ensino de História; história local; memória; *videocast*.

ABSTRACT

This study proposes an approach to History teaching centered on Local History, focusing on the Xique-Xique neighborhood in Poço Verde (SE), aiming to value the memories and lived experiences of its residents. The project opposes hegemonic narratives by giving voice to historically marginalized subjects and promoting new interpretations of the neighborhood, which is often stigmatized as peripheral and violent. Through interviews and analysis of oral narratives, memories of resistance and affection are revealed, constituting a legitimate historical and social heritage. The research was conducted with a 9th-grade class of Elementary School, composed of twenty students aged between 14 and 15, prioritizing the affective bond between the students and the school. The general objective of the study was to understand the formation of the neighborhood through local lived memories, promoting the production of new historical knowledge by the students themselves. To this end, specific objectives were established, such as investigating the neighborhood's occupation process, the social marginalization it faced, identifying residents' memories, and producing a videocast together with the students based on the conducted interviews. The adopted methodology was qualitative, based on participatory action research and the use of Oral History. Students actively participated in all stages, from planning to conducting interviews and analyzing the narratives. The production of the videocast aimed to democratize access to historical knowledge, framing the project within the perspectives of Public History and Local History. The theoretical framework included authors such as Bittencourt (2008), Barros (2009), Le Goff (1996), Hall (2006), Candau (2023), Pollak (1992), and Jörn Rüsen (2006), as well as dialogue with academic dissertations from the ProfHistória program. This study also emphasizes the importance of constructing counter-hegemonic and affectively engaged narratives, valuing the memories and experiences of the urban periphery. The proposal seeks to contribute to the development of students' historical consciousness by connecting the neighborhood's history with broader identity and social issues.

Keywords: History teaching; local history; memory; videocast.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Lei que determina as vias públicas em Poço Verde em 14 de maio de 2003.....	40
Figura 2 – Planta planialtimétrica das vias públicas de Poço Verde 14 de maio de 2003.....	41
Figura 3 – Bairros de Poço Verde destacando o Perímetro do Xique-Xique 27 de dezembro de 2025.....	42
Figura 4 – Mapa dos municípios do Brasil com destaque para Poço Verde-Sergipe.....	44
Figura 5 – Letreiro da cidade de Poço Verde-SE na avenida principal que dá acesso ao município em 24 de julho de 2025.....	45
Figura 6 – Gráfico do número total de habitantes e a quantidade de moradores no cadastro único em 04 de dezembro de 2025.....	46
Figura 7 – Gráfico de classificação das famílias no cadastro único em 04 de dezembro de 2025.....	47
Figura 8 – Gráfico de classificação por pessoas no cadastro único em 04 de dezembro de 2025.....	48
Figura 9 – Jornal A semana, ano 1954.....	51
Figura 10 – Mapa de Poço Verde com povoados e municípios vizinhos	52
Figura 11 – Mapa destacando o perímetro do Xique-Xique e suas ruas em 27 de dezembro de 2025.....	54
Figura 12 – Registro aéreo do bairro Xique-Xique em 16 de outubro de 2024.....	55
Figura 13 – Certidão de transferência de propriedade.....	56
Figura 14 – Registro fotográfico de Tarcísio Fonseca Oliveira.....	57
Figura 15 – Um dos primeiros casais a residirem no Xique- Xique: Valdice de Souza José Rodrigues de Souza.....	58
Figura 16 – Área que deu origem a uma das primeiras habitações locais 1980.....	59
Figura 17 – Planta Xique-Xique (<i>Pilosocereus Polygonus</i>).....	63
Figura 18 – Planta fuxico (<i>Euphorbia tirucalli</i>).....	64
Figura 19 – Registro aéreo da Escola Antônio Muniz em outubro de 2024.....	65
Figura 20 – Registro aéreo da localização da Escola Antônio Muniz em relação ao Xique-Xique em outubro de 2024.....	68
Figura 21 – Pátio da escola onde ocorre apresentações dos alunos 2018.....	70
Figura 22 – Jogos internos da escola no ano de 2017 realizado no “campinho”.....	71
Figura 23 – Evolução do IDEB.....	73

Figura 24 – Dados do último IDEB 2023.....	73
Figura 25 – Exibição da palestra os perigos de uma História única em 10 de outubro de 2024.....	80
Figura 26 – Atividade de leitura com o livro Os perigos de uma História única em 10 de outubro de 2024.....	82
Figura 27 – Oficina de história oral 28 de outubro de 2024.....	84
Figura 28 – Entrevista com a aluna do 9º ano Rana Claudia.....	86
Figura 29 – Entrevista com a moradora dona Tereza de Jesus.....	86
Figura 30 – Pintura do painel da sala de gravação do <i>videocast</i> em março de 2025.....	88

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O CAMINHO QUE ME ESCOLHEU: VIVÊNCIAS NO XIQUE- XIQUE.....	22
2.1	ENTRE VIVÊNCIAS E COMPROMISSOS: A MOTIVAÇÃO PESSOAL QUE ORIENTOU A ESCOLHA DO TEMA.....	25
2.2	ENTRE CONCEITOS E PRÁTICAS: OS DIÁLOGOS TEÓRICOS E AS PRODUÇÕES.....	27
3	MEU “BAIRRO” TAMBÉM TEM HISTÓRIA: PESQUISANDO SOBRE O XIQUE- XIQUE.....	38
3.1	POÇO VERDE EM FOCO: CONHECENDO A CIDADE QUE ABRIGA O XIQUE- XIQUE	43
3.2	QUANDO A CIDADE SE EXPANDE: A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO XIQUE-XIQUE.....	53
3.3	XIQUE-XIQUE: UM NOME, MUITAS HISTÓRIAS.....	61
3.4	DA SALA DE AULA À COMUNIDADE: A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA ESTADUAL ANTÔNIO MUNIZ DE SOUZA PARA O XIQUE- XIQUE.....	65
4	MUNDO DIGITAL E HISTÓRIA LOCAL: PREPARANDO AS MEMÓRIAS DE VIVÊNCIA DO XIQUE-XIQUE PARA AS REDES SOCIAIS	75
4.1	APRESENTANDO O TEMA DA PESQUISA AO 9º ANO	76
4.2	INICIANDO A PESQUISA COM OS ESTUDANTES PESQUISADORES.....	78
4.3	CONSTRUINDO ROTEIRO DO NOSSO RECURSO PEDAGÓGICO: <i>VIDEOCAST</i>	87
4.4	MEMÓRIA DO XIQUE-XIQUE: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA NO ENSINO	

	DE HISTÓRIA.....	89
4.5	AS MEMÓRIAS DE VIVÊNCIA DO XIQUE- XIQUE.....	94
5	CONSIDERAÇÕES	99
	FINAIS.....	
	REFERÊNCIAS	101
	APÊNDICE – ENDEREÇO DOS EPISÓDIOS DO VIDEOCAST.....	107

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa nasceu da minha própria vivência no Xique-Xique, situado no município de Poço Verde, região Centro Sul de Sergipe. Enquanto frequentadora e pesquisadora, percebi que muitas das histórias que atravessam o cotidiano local, experiências de migração, trabalho, sociabilidade, resistência e organização comunitária, permanecem ausentes das narrativas escolares e, muitas vezes, invisibilizadas pelos discursos oficiais que costumam representar periferias apenas a partir da carência ou da violência. Esse distanciamento entre a história ensinada e a história vivida provocou em mim inquietações pedagógicas que impulsionaram a construção desta dissertação.

Ao adentrar o Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória/UFS), encontrei na História local, na História oral e nas metodologias participativas instrumentos teóricos e metodológicos capazes de aproximar a escola da comunidade, e de atribuir centralidade às memórias que fazem parte do Xique-Xique. Assumi minha posição enquanto pesquisadora, alguém que compartilha das experiências, dos vínculos e das temporalidades que constituem a vida no local, não orientou apenas minhas escolhas metodológicas, mas também se tornou parte constitutiva desta investigação. Entendo, como aponta Walter Benjamin (2012), que narrar memórias é também disputar sentidos sobre o passado; e, como lembra Paul Ricoeur (2007), todo ato de memória envolve seleção, afeto e responsabilidade.

Assim, este trabalho com estudantes do 9º ano da Escola Estadual Antônio Muniz de Souza na produção de conhecimentos históricos a partir das memórias de moradores, mobilizou oralidades, experiências e usos públicos da história. A escolha por desenvolver uma proposta pedagógica baseada na confecção de um *videocast* surgiu de minha prática docente e da necessidade de dialogar com linguagens mais próximas do universo juvenil. Através da pesquisa-ação, busquei compreender como História local e cultura digital podem, articuladas, contribuir para fortalecer o reconhecimento identitário dos estudantes e ressignificar a maneira como eles percebem o lugar onde vivem.

A construção da História vai muito além dos grandes eventos ou figuras consagradas: ela também pulsa nos becos, ruas e memórias de comunidades frequentemente silenciadas. Partindo dessa compreensão, desenvolvi um projeto de pesquisa voltado para o Ensino de História, com foco na História local e na valorização da memória do bairro Xique-Xique.

A ideia central foi divulgar as memórias de vivências dos moradores de um bairro frequentemente taxado como periférico e violento pela sociedade na qual está inserido, a fim

de possibilitar novos olhares sobre a História desse local, construída pelas vozes de seus próprios ocupantes. Por trás dessas visões estigmatizadas, emergem memórias, afetos e histórias de resistência que merecem ser reconhecidas como parte legítima da construção histórica.

A partir de entrevistas com os moradores e da análise das narrativas coletadas, tentei produzir compreensões mais humanas, plurais e fiéis à realidade do local. Tal abordagem propõe um distanciamento das concepções hegemônicas e uma aproximação com as experiências reais de quem vive cotidianamente nesses espaços.

Embora o Xique-Xique não possua, do ponto de vista administrativo e legal, o reconhecimento oficial como bairro, ele se insere no imaginário coletivo como uma unidade territorial distinta e dotada de identidade própria. Dessa forma a expressão “bairro Xique-Xique” será utilizado ao longo desse trabalho por corresponder à forma como ele é identificado e reconhecido pelos moradores de Poço Verde. Trata-se, portanto, de uma escolha metodológica que privilegia os sentidos sociais e culturais atribuídos ao lugar.

Ao nos referirmos a um local como “periférico”, é necessário considerar as contribuições de Santos (1979), que argumenta, a partir de uma perspectiva geográfica, que a periferia não deve ser entendida apenas em termos de distância física em relação ao centro urbano, mas, sobretudo, a partir da acessibilidade. Essa acessibilidade, segundo o autor, envolve a existência de vias de transporte e, principalmente, a efetiva possibilidade de utilizá-las para satisfazer necessidades concretas. A ausência de acesso a bens e serviços essenciais, por si só, já seria suficiente para colocar o indivíduo em uma condição de marginalidade e exclusão, ou seja, de periferia.

Para Lefebvre (1991), o espaço urbano é uma construção social marcada por decisões políticas e interesses econômicos. Isso significa que ruas, bairros, equipamentos públicos, áreas comerciais e até fronteiras simbólicas não surgem de forma espontânea, mas são resultado de decisões humanas. Essas decisões, por sua vez, são atravessadas pela produção do espaço, orientado por grupos hegemônicos que definem quais áreas serão valorizadas ou marginalizadas.

Por esse motivo, as desigualdades e segregações socioespaciais não são naturais, mas politicamente produzidas. A distância entre bairros centrais e periféricos, a ausência de equipamentos culturais ou de saúde em determinadas regiões, a precariedade das moradias ou a concentração de serviços em áreas valorizadas não são resultados inevitáveis: são produtos de escolhas políticas que beneficiam alguns e prejudicam outros.

Essa compreensão amplia a visão sobre o que constitui a periferia, incorporando aspectos sociais e econômicos, como desigualdade, precariedade e falta de oportunidades. Dessa forma, pode perceber que a análise da realidade do Xique-Xique ganha consistência, revelando que o conceito de periferia vai além de sua localização geográfica e adentra o campo das estruturas sociais excludentes.

Complementando essa reflexão, Jesus (2021) destaca que, embora o fenômeno da periferização seja amplamente observado nos grandes centros urbanos, ele também está presente em cidades do interior. Nessas localidades, o processo ocorre de maneira mais lenta, mas igualmente marcado por desigualdades e exclusões sociais. O autor chama a atenção para o fato de que mesmo em municípios de menor porte, que se desenvolveram fora do ciclo da industrialização e cuja economia está mais relacionada à produção agrária e ao comércio, o crescimento urbano ainda gera segregações.

Nesse contexto, como observa Corrêa (2004), há uma atuação conjunta entre o Estado e agentes imobiliários para separar o espaço urbano, criando áreas valorizadas e outras marginalizadas. Assim, os bairros com maior acesso a atividades comerciais e serviços essenciais, como escolas, hospitais e supermercados, tornam-se inacessíveis para grande parte da população. Em contrapartida, surgem as áreas periféricas, localizadas em regiões distantes e carentes de infraestrutura, como o Xique-Xique.

O Xique-Xique sofre com a falta de saneamento básico, habitações precárias, ausência de áreas de lazer, algumas casas não possuem rede de água encanada e energia elétrica; aliado a isso temos uma rede de esgoto deficitária que facilita a proliferação de doenças, o que o classifica como um bairro pobre e periférico. Segundo Cassab (2009), a pobreza não pode e nem deve ser entendida apenas pelo grau de consumo, mas deve ser levado em consideração a falta de habitação, saúde, educação, esporte e lazer, dentre outros.

Lanna e Calais (2020), atribuem que morar em uma zona periférica é se sujeitar à situação de pobreza duas vezes, ou seja, a pobreza econômica e a pobreza territorial. O local de moradia, não é apenas o recorte geográfico, mas se configura também de identidade e pertencimento, contribuindo preponderantemente para a reprodução da desigualdade social.

Desta forma, morar na periferia traz a inferência de estar situado duas vezes na relação com a pobreza. A pobreza ligada às complexas questões de classe social somada ao empobrecimento que pode ser produzido pela relação com o território enquanto meio, enquanto dimensão objetiva e subjetiva de produção da vida. O território gera pobreza à medida que reduz o acesso dos indivíduos aos bens sociais, complexificando ainda mais a situação de pobreza. Em vista disso, há desigualdades sociais que são, em primeiro lugar,

desigualdades territoriais, porque decorrem do lugar onde o indivíduo encontra-se localizado, em um nível geopolítico, assim como as relações simbólicas que estabelece para com tal lugar (Lanna; Calais, 2020, p. 405).

Some-se a isso, a ideia socialmente construída de que pobreza sempre tem ligação com o crime e pode influenciar negativamente em diversos aspectos das pessoas pobres, como a busca por empregos, relação com a polícia e na interação social. “Além disso, pode-se dizer que a construção da imagem do jovem violento está intimamente ligada ao jovem que se encontra em situação de vulnerabilidade social e/ou vive em periferias” (Lanna; Calais, 2020, p. 407).

Eric Hobsbawm, historiador de referência no estudo das classes populares e das ideologias modernas, dedicou parte de sua obra a compreender como as tradições são criadas e utilizadas e junto com Terence Ranger, também historiador, escreveram o clássico livro “A invenção das tradições” para discorrerem sobre a temática.

Para eles, muitas tradições não são heranças antigas, mas construções recentes que se apresentam como antigas para reforçar identidades, valores e formas de autoridade. Em *A invenção das tradições* (Hobsbawm; Ranger, 2014), argumentam que esse processo envolve práticas rituais e simbólicas que se repetem para produzir uma sensação de continuidade com um passado selecionado.

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras abertamente ou tacitamente aceitas, e de natureza ritual ou simbólica, que procuram inculcar certos valores e normas de comportamento por meio da repetição, o que implica automaticamente uma continuidade em relação ao passado (Hobsbawm; Ranger, 2014, p. 1).

Hobsbawm e Ranger destacam que tradições inventadas podem surgir tanto de decisões institucionais quanto de iniciativas individuais e podem combinar elementos realmente antigos com adaptações a novos contextos. Diferencia tradição, costume e convenção: a tradição busca estabilidade e formalização, o costume admite mudanças, e a convenção responde a necessidades práticas, sem função simbólica.

O debate apresentado pelos autores sobre a invenção de tradições se aproxima com a maneira como estereótipos sobre a periferia são construídos, naturalizados e reproduzidos ao longo do tempo. Quando ele explica que tradições são frequentemente criadas por meio da formalização de rituais, da repetição e da referência seletiva ao passado, ele também fornece um fundamento conceitual para entender como certas imagens sobre locais periféricos ganham força social e passam a ser tratadas como verdades incontestáveis.

Assim como no exemplo que ele apresenta do escotismo criado por Baden Powell ou das adaptações feitas pela Igreja Católica para manter costumes sob novas condições, os estereótipos sobre a periferia também passam por processos semelhantes de seleção, repetição e ritualização simbólica. Expressões como “lugar perigoso”, “território da falta”, “espaço sem cultura”, “comunidade violenta” ou “área marginalizada” não surgem espontaneamente: elas são construídas historicamente por instituições, discursos midiáticos, políticas de segurança e narrativas oficiais que, ao longo do tempo, repetem e reforçam determinados significados sociais.

Esse processo funciona como uma espécie de “tradição inventada” aplicada ao espaço urbano. A leitura estigmatizada da periferia serve a finalidades específicas: justificar intervenções policiais, orientar políticas públicas restritivas, reforçar a divisão centro–periferia, legitimar desigualdades e, muitas vezes, ocultar as múltiplas formas de sociabilidade, cultura e resistência existentes nesses territórios. A repetição constante desses estereótipos, seja em reportagens sensacionalistas, discursos políticos ou conversas cotidianas, cria uma ritualização discursiva que atribui ao local uma identidade fixa, descolada da realidade vivida pelos moradores.

Por isso, quando o autor assinala que algumas tradições são parcialmente inventadas e parcialmente apropriadas de práticas existentes, é notório que os estereótipos sobre a periferia também se apoiam em alguns elementos, como situações de vulnerabilidade, para produzir generalizações que ignoram pluralidades, histórias locais e transformações sociais nesses espaços. Além disso, muitas dessas narrativas são construídas em “grupos fechados”, instituições externas, órgãos estatais, que falam sobre a periferia sem ouvir aqueles que vivem ali dentro, produzindo uma tradição discursiva que dura por muito tempo, mesmo quando não corresponde ao cotidiano real do território.

Quando optei por esse tipo de temática, escolhi a participação de sujeitos historicamente invisibilizados, como moradores e estudantes do Xique-Xique, com base na compreensão de que a História é construída coletivamente e não apenas por figuras célebres. A História local, nesse contexto, oferece a possibilidade de romper com os padrões hegemônicos que tradicionalmente valorizam apenas grandes acontecimentos e personagens globais, contribuindo para a manutenção de uma visão distanciada da realidade cotidiana de professores e alunos.

Nesse sentido, torna-se essencial pensar em práticas educativas que se contraponham aos modelos tradicionais baseados na simples transmissão verbalista de conhecimentos e nos discursos impostos por grupos dominantes. Como apontado por Ucha (2020), o ensino de

História deve evitar silenciar outras existências, saberes, crenças, memórias e histórias que, embora marginalizadas, seguem resistindo nas ruas e becos das periferias. Essa perspectiva propõe um ensino mais plural, que reconhece diferentes sujeitos históricos e valoriza suas experiências no processo de construção do conhecimento.

Além disso, há um debate crescente sobre as novas abordagens que devem ser incorporadas ao Ensino de História, a fim de torná-lo mais significativo para educadores e educandos. Dentre essas discussões, destaca-se o pensamento decolonial, que propõe a inclusão de múltiplas vozes e a valorização de diferentes passados. Essa perspectiva, conforme ressaltado por Prado (2022), não se propõe a rejeitar ou excluir o pensamento europeu, mas sim a evitar o silenciamento de outras epistemologias. Tais autores lembram que toda seleção canônica, ao privilegiar certas narrativas, é por natureza controversa e complexa, o que exige uma postura crítica diante das escolhas que compõem o currículo histórico.

O pensamento supracitado consolidou-se em meio a um cenário de intensos debates acadêmicos e políticos que marcaram o fim do século, criticando fortemente o eurocentrismo. Esse contexto estimulou intelectuais latino-americanos, africanos e caribenhos a repensar criticamente as teorias produzidas no Norte global, destacando como muitas delas permaneciam incapazes de compreender as múltiplas formas de dominação herdadas da colonialidade.

Maldonado-Torres (2007), defende a ideia de que a violência instaurada pela colonização não se encerrou com as independências latino-americanas, permanecendo por meio da colonialidade, que seria dimensão estrutural que sustenta a modernidade europeia e a lógica da globalização. Desde o século XV, esses processos produziram uma divisão hierárquica do mundo, tomando o norte global, associado ao homem branco, cristão e heterossexual, como referência universal, enquanto relegam povos indígenas e negros do sul global a posições de silêncio, subalternidade e exclusão, elementos indispensáveis à manutenção das relações de dominação.

Por isso, ele vai propor o giro decolonial como uma mudança profunda de perspectiva na forma de compreender o mundo, a história e as relações sociais. Para o autor, esse giro nasce do enfrentamento direto que ele denomina “colonialidade do ser, do saber e do poder”, estruturas que permanecem mesmo após o fim formal do colonialismo. Assim, o giro decolonial não é apenas um novo campo teórico, mas um convite a desnaturalizar hierarquias, questionar epistemologias eurocêntricas e recuperar modos de existência e conhecimento produzidos por povos historicamente subalternizados.

Segundo Maldonado-Torres, a modernidade europeia instituiu uma lógica de desumanização que classificou grupos sociais como inferiores, gerando práticas políticas, epistêmicas e sociais baseadas na racialização. O giro decolonial busca justamente romper com essa lógica, propondo uma “ética da decolonialidade” que reconhece outras formas de saber, valorizar experiências locais e reinscrever sujeitos antes silenciados no centro da produção do conhecimento.

Em termos metodológicos, o giro decolonial implica deslocar o olhar, incorporando vozes, memórias e narrativas invisibilizadas, analisando como a colonialidade molda estruturas cotidianas. No contexto da pesquisa em História e Ensino de História, esse giro permite compreender o meu local de pesquisa como território de produção legítima de saberes, memórias e histórias.

Na minha pesquisa enveredei pelo caminho das memórias de vivência dos moradores, pois a forma como uma pessoa enxerga a História de um lugar é influenciada por suas experiências vividas ali, tornando esse ambiente carregado de emoções e significados, o que torna o estudo dessas memórias necessário para a construção de saberes históricos no tempo presente.

O uso de ‘museus afetivos’ como afirma Nair Sutil, e/ou memoriais na educação não apenas valoriza as experiências dos alunos, mas também cria um ambiente de aprendizado mais inclusivo e envolvente. Esse método encoraja os alunos a verem a si e suas comunidades como fontes legítimas de conhecimento e compreensão histórica. Isso, por sua vez, pode fomentar um senso de pertencimento e autoestima, fatores críticos para o sucesso educacional e pessoal (Rüsen, 2009, p. 80).

Optei por desenvolver a pesquisa com uma turma composta por vinte alunos com idades entre 14 e 15 anos, por três razões principais. Em primeiro lugar, a maioria dos estudantes frequenta a escola desde o 1º ano do Ensino Fundamental I, o que favoreceu a criação de vínculos afetivos tanto com a instituição quanto comigo, enquanto professora. Em segundo lugar, a maior parte dos alunos reside no próprio bairro que é objeto de estudo deste projeto, o que proporciona uma conexão direta com a realidade investigada. Por fim, muitos deles possuem laços familiares com as primeiras famílias que habitaram a comunidade, o que os torna participantes privilegiados na reconstrução da memória local.

Seguindo essa abordagem, a pesquisa tem como objetivo geral compreender a constituição do Xique-Xique, a partir das memórias de vivência locais para que seja possível a construção de novos saberes históricos produzidos pelos estudantes sobre o local.

Para tanto, encalcei os seguintes objetivos específicos: averiguar como foi seu processo de ocupação; identificar as memórias guardadas pelos moradores; conhecer e divulgar as narrativas dos moradores sobre a vivência no local; produzir um *videocast* junto com os alunos sobre a História da localidade, a partir das memórias analisadas.

Pensando então a partir dessa perspectiva, pretendo responder às seguintes questões: Como os estudantes podem aprender História trabalhando com as memórias e História local e como estas podem interferir na construção e desconstrução do conhecimento histórico?

Com intuito de alcançar os objetivos supracitados utilizei a metodologia de pesquisa qualitativa, pois ela possibilita compreender melhor os fenômenos com uma dependência da subjetividade do pesquisador, possibilitando uma melhor compreensão do grupo social a ser estudado. Os pesquisadores, nesse caso eu e os alunos, tivemos um contato direto com as pessoas que foram estudadas em seu ambiente “natural” e tivemos que ser bem empáticos para ganharmos a confiança e mergulhamos no mundo subjetivo desses sujeitos.

A presente investigação se enquadra na abordagem metodológica da pesquisa-ação participante, tendo em vista que os estudantes estiveram envolvidos ativamente em todas as etapas do processo investigativo. De acordo com Thiollent (2011), a pesquisa-ação caracteriza-se pela realização de um trabalho coletivo, no qual os participantes não apenas fornecem dados, mas também refletem e atuam sobre a realidade estudada. Essa perspectiva rompe com a dicotomia tradicional entre sujeito e objeto da pesquisa, promovendo uma relação dialógica entre os envolvidos.

Ao empregar essa metodologia, busquei evitar a hierarquização dos saberes e construir, junto aos estudantes, um percurso compartilhado de aprendizagem e construção do conhecimento. A ideia central foi caminhar no mesmo nível, como parceiros no processo, estabelecendo uma colaboração horizontal.

Nascimento, Denardi e Quadros (2024) elencam sete características fundamentais da investigação-ação participativa, entre as quais destacam-se: a horizontalidade e reciprocidade entre os pesquisadores e os atores sociais envolvidos; a definição dos objetivos a partir das necessidades concretas desses atores; o compromisso com a transformação da realidade social; a articulação entre pesquisa científica e ação prática; a aplicabilidade em contextos microssociais; o respeito aos critérios de objetividade científica; e, por fim, a vinculação com um processo educativo emancipador.

Embora Paulo Freire (2002) não tenha utilizado diretamente o termo “pesquisa-ação” em sua obra, sua concepção de educação popular dialoga com os princípios dessa metodologia. Freire defende uma prática educativa em que professores e estudantes aprendem

e ensinam mutuamente, em um processo coletivo e contínuo de construção do conhecimento. Em sua visão, o ato de educar não é unilateral, mas ocorre por meio da mediação do mundo e da interação entre os sujeitos, ideia que contribui para sustentar a perspectiva colaborativa da pesquisa-ação participante, mesmo sem vinculá-la formalmente ao conceito.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizamos a metodologia da História oral, uma vez que a principal fonte de dados foi a oralidade, acessada por meio de entrevistas com moradores do bairro. Inicialmente, a proposta era entrevistar apenas os primeiros habitantes da comunidade. No entanto, compreendemos que a riqueza do trabalho poderia ser ampliada ao diversificar os perfis dos entrevistados. Assim, optamos por incluir, além dos moradores pioneiros, líderes da associação de moradores, ex-alunos e estudantes atualmente matriculados na Escola Antônio Muniz de Souza, escola mais próxima da localidade.

Thompson (1992), acredita que o historiador assume um papel ativo na construção das fontes históricas, uma vez que pode definir criteriosamente quem será entrevistado e quais temas serão abordados durante o processo investigativo. Essa escolha não é aleatória, mas orientada pelos objetivos da pesquisa e pelas questões históricas que se deseja compreender. A entrevista, portanto, ultrapassa a função de simples registro de depoimentos, constituindo-se como um instrumento metodológico fundamental para acessar memórias, experiências e interpretações dos sujeitos sobre o passado.

Além disso, o diálogo estabelecido durante as entrevistas frequentemente possibilita a identificação de outros vestígios documentais, como fotografias, cartas, cadernos, registros pessoais e documentos oficiais guardados no âmbito familiar ou comunitário. Muitos desses materiais permanecem invisibilizados nos arquivos tradicionais e só emergem a partir da confiança construída entre entrevistador e entrevistado. Desse modo, a História oral amplia o repertório de fontes disponíveis ao historiador, contribuindo para uma escrita da História mais plural, sensível às vivências locais e atenta às memórias de grupos e sujeitos historicamente marginalizados.

Os historiadores orais podem escolher exatamente a quem entrevistar e a respeito do que perguntar. A entrevista propiciará, também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados (Thompson, 1992, p. 25).

Conforme destaca Alberti (2008), o número ideal de entrevistados em uma pesquisa que utiliza a História oral só pode ser determinado ao longo do processo investigativo. Isso porque é à medida que o trabalho avança que o pesquisador se aprofunda no objeto de estudo e consegue avaliar se as fontes consultadas oferecem informações suficientes para a construção de uma análise significativa. Com base nessa perspectiva, realizamos entrevistas

com dois dos moradores mais antigos ainda vivos e residentes no bairro, dois integrantes da associação de moradores, um ex-aluno da escola e um aluno atualmente matriculado na turma do 9º ano.

Existem vários debates, até dentro das universidades, se um trabalho científico baseado em fontes orais seria digno de confiabilidade e veracidade. Sobre isso, Amadou Hampâté Bâ esclarece que a fonte oral, assim como as outras fontes históricas inclusive a escrita, são produzidas por seres humanos passíveis de erros e acertos “O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem” (Bâ, 2010, p.168).

Percebemos que ao trabalhar com a oralidade nas aulas de História devemos vê-la como algo além das entrevistas; é pensar o presente, incitar uma busca por suas raízes. É comum questionarmos nossos alunos sobre quem eram/são seus avós, o que faziam/fazem e os educandos não sabem as respostas. Dentro do próprio seio familiar não tem mais a tradição oral, de conversas nas calçadas de casa, em volta da mesa ou até reunidos na sala.

Para Ivo Matozzi, a história oral permitiria ao indivíduo a compreensão de uma relação diferenciada entre o presente e o passado, contribuindo para o entendimento do processo da construção do conhecimento histórico. O Ensino de História, segundo o autor, com vistas em demonstrar ao aluno como o conhecimento histórico é construído, poderia contribuir para favorecer a rememoração deste sobre a sua própria história (Guariza, 2002, p. 3).

Após essa discussão inicial, apresentarei agora as seções que compõem esse trabalho. Na seção um, exponho os objetivos que orientam o trabalho, como promover o protagonismo dos estudantes, aproximar a escola das memórias da comunidade e refletir sobre usos pedagógicos da história oral. Delimito a problemática ao questionar como o uso da história local pode favorecer aprendizagens significativas e ampliar a compreensão dos alunos sobre o território que habitam. Por fim, justifico o uso do *videocast* como recurso pedagógico articulado à cultura digital, capaz de integrar pesquisa, memória e participação ativa dos estudantes.

Procurei apresentar na seção dois uma autobiografia intelectual e profissional que evidencia o percurso que conduziu à escolha do tema desta pesquisa. Nele, recupero aspectos significativos da minha história de vida, cuja relação com o Xique-Xique e com a escola pública orientou meu olhar para a História local como campo de investigação e prática docente. Além disso, discuto nesse espaço dissertativo a fundamentação teórica que sustentou minhas escolhas, dialogando com autores do campo da memória e do Ensino de História, ao mesmo tempo em que reconheço a inspiração de outros trabalhos desenvolvidos no âmbito do

ProfHistória, cujo caráter inovador e comprometido com as realidades locais ajudou a consolidar e justificar essa proposta investigativa.

Na terceira seção me dediquei a contextualizar o município de Poço Verde e o Xique-Xique, espaço central da pesquisa. Inicialmente, apresento um panorama histórico e socioeconômico de Poço Verde, destacando sua formação, dinâmicas populacionais e aspectos culturais que configuram o cotidiano local. Em seguida, focalizo o Xique-Xique, analisando seu processo de constituição, suas particularidades territoriais, sua nomenclatura e o lugar que ocupa na memória social dos moradores, além de elencar o papel da Escola Antônio Muniz para a comunidade.

A quarta e última seção, apresento o percurso efetivamente desenvolvido na pesquisa, descrevendo as atividades, as experiências educativas e as reflexões construídas tanto pelos estudantes quanto por mim. A investigação inicia-se com a problematização das narrativas sobre o bairro, abrangendo relatos de acontecimentos recentes. Esse processo foi conduzido por meio de leituras, oficinas de sensibilização e realização de entrevistas aos moradores. Em seguida, desenvolveu-se uma análise crítica e coletiva das memórias de vivência dos moradores para a produção do nosso *videocast*.

2 O CAMINHO QUE ME ESCOLHEU: VIVÊNCIAS NO XIQUE-XIQUE

“Toda narração articula um lugar de onde se fala; ela organiza a experiência e, ao fazê-lo, revela o narrador” (Certeau, 1994, p. 139).

A minha aproximação com o tema desta pesquisa não ocorreu de maneira imediata, mas foi sendo tecida ao longo de experiências pessoais, escolares e profissionais. Desde a minha formação inicial, percebo que determinadas vivências moldaram meu olhar para o ensino de História e para a importância de compreender o cotidiano dos lugares onde vivemos.

Como atestou Michel de Certeau (1994), escrever história não significa apenas registrar acontecimentos, mas construir um discurso marcado pela posição de quem escreve. O historiador nunca é neutro: ele está inserido em um tempo, em uma cultura e em instituições que moldam seu olhar. Por isso, toda escrita histórica carrega, mesmo de forma implícita, uma dimensão autobiográfica, revelando traços da experiência, das escolhas e do contexto do próprio autor.

Assumindo, como propõe o autor supracitado, que “toda escrita da história é também uma escrita de si” reconheço que minha trajetória enquanto estudante e professora atravessa e orienta as escolhas que realizo nesta pesquisa. Compreender a minha própria caminhada ajuda a explicitar de onde falo, porque optei pela pesquisa e a forma de construí-la.

Cursei toda a Educação Básica em escolas da rede pública, experiência que marcou não apenas meu olhar sobre a escola, mas também a percepção das desigualdades que atravessam os processos educativos. No primeiro ano do Ensino Médio, decidi estudar História. À época, essa escolha não partia ainda da consciência de ser professora, mas de um desejo inicial de me dedicar às questões históricas que despertavam minha curiosidade.

Após concluir o Ensino Médio, iniciei a preparação para o vestibular. Foram dois anos de cursinho pré-vestibular até ser aprovada para o curso de Licenciatura em História na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), em 2004.2. No Trabalho de Conclusão de Curso, optei pela linha de História das Religiões e desenvolvi uma monografia sobre educação e religião, analisando a experiência da escola Presbiteriana em Feira de Santana. Essa primeira pesquisa foi fundamental para meu aprendizado, pois pude mobilizar metodologias próprias da investigação histórica e compreender, na prática, a complexidade de produzir conhecimento acadêmico.

Minha formação inicial foi marcada por dois momentos que considero estruturantes. O primeiro ocorreu no estágio supervisionado, em uma turma de 9º ano, onde vivenciei pela primeira vez o cotidiano da docência: elaboração e execução de planos de aula, mediação de conflitos e interação com estudantes de perfis variados. Ali compreendi, de modo concreto, o que significa ser professora. O segundo momento decisivo foi a escrita do Trabalho de Conclusão de Curso, quando pude experimentar a pesquisa histórica de maneira mais sistemática e perceber que minhas escolhas teóricas e metodológicas eram influenciadas por minhas próprias experiências enquanto estudante e pesquisadora, movimento que confirma a noção de Certeau de que não existe historiografia que não tenha as marcas do sujeito que a escrevi: “Escrever a história é, para o historiador, inscrever-se. A operação historiográfica se enraíza em um lugar social, em práticas e em um conjunto de determinações que marcam o texto produzido” (Certeau, 2011, p. 46).

Concluí a graduação em 2009 e, no ano seguinte, tentei ingressar no mestrado acadêmico da própria UEFS, mas não fui aprovada. Diante disso, optei por me dedicar aos estudos para concursos públicos enquanto lecionava na rede privada. Fui aprovada no concurso da Secretaria do Estado de Educação (SEDUC) e convocada em 2014, iniciando minha atuação como professora de História, Filosofia e Sociologia.

Fui alocada em 03 escolas para poder cumprir minha carga horária de 25 horas semanais e dentre estas unidades de ensino, estava a Escola Estadual Antônio Muniz de Souza, ofertando o Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) e II (6º ao 9º ano), a qual se localiza a 400 metros do local de pesquisa deste trabalho, o Xique-Xique. Por conta dos choques de horários, não foi possível continuar nas três escolas, por isso a Diretoria Regional de Educação 02 (DRE 02) concentrou toda minha carga horária na Escola Estadual Antônio Muniz de Souza, a qual fiz parte até março de 2025.

Ao longo da minha trajetória na Escola Estadual Antônio Muniz de Souza, construí uma experiência marcada por diferentes funções, responsabilidades e olhares sobre o cotidiano escolar. Minha entrada na instituição ocorreu como professora, momento em que pude compreender de maneira sensível e direta as demandas dos estudantes, suas realidades, potenciais e limitações. Na sala de aula, aprendi que ensinar História naquele contexto exigia não apenas domínio de conteúdo, mas também escuta ativa, afetividade, criatividade pedagógica e compreensão das especificidades socioculturais.

Em agosto de 2015, assumi a coordenação do Programa Mais Educação, função que ampliou minha visão sobre a escola e sobre a importância de ações interdisciplinares e integradas para a formação integral dos estudantes. Nesse cargo, pude dialogar com diferentes

áreas do conhecimento, articular oficinas, planejar atividades ligadas à cultura, esporte, artes e reforço escolar. O programa permitiu observar, na prática, como a ampliação do tempo e dos espaços educativos contribuía para fortalecer vínculos, estimular talentos e promover aprendizagens significativas.

Junho de 2016 aceitei mais um desafio, me tornei coordenadora pedagógica, papel que exigiu um novo olhar sobre o processo educativo. Se antes minha atuação se concentrava na sala de aula e na articulação de projetos, agora minha responsabilidade estendia-se ao acompanhamento das práticas docentes, ao planejamento coletivo e ao fortalecimento da formação continuada. A partir desse lugar, pude compreender mais profundamente os desafios enfrentados pelos professores, desde dificuldades estruturais até a necessidade de atualização metodológica. Trabalhei para promover momentos de estudo, reflexões sobre currículo e estratégias que aproximassem o ensino das vivências dos estudantes. Nesse cargo, aprendi que a coordenação pedagógica é um espaço estratégico de mediação entre gestão, docentes e comunidade, exigindo firmeza, sensibilidade e capacidade de diálogo.

Por fim, assumi a gestão da instituição em 2017, etapa que consolidou todas as aprendizagens construídas ao longo dos anos. Como gestora, passei a lidar diretamente com decisões administrativas, organização do trabalho escolar, gestão de recursos, relação com órgãos externos e fortalecimento do clima institucional. Enfrentei desafios relacionados à infraestrutura, à necessidade de reorganizar processos internos e à construção de uma cultura colaborativa. Ao mesmo tempo, pude conduzir projetos que reforçaram a identidade da escola, valorizaram a História local e aproximaram ainda mais a instituição da comunidade do Xique-Xique. A gestão exigiu olhar macro, capacidade de liderança e compreensão de que cada decisão impacta diretamente o percurso formativo dos estudantes e as condições de trabalho dos profissionais.

Essa trajetória múltipla no Muniz como professora, coordenadora do Programa Mais Educação, coordenadora pedagógica e gestora permitiu-me conhecer a escola por diferentes ângulos e compreender a complexidade que envolve o ato educativo. Todas essas experiências contribuíram para minha formação enquanto pesquisadora e fundamentam a escolha de desenvolver uma investigação que dialoga diretamente com a realidade da escola e dos sujeitos que a compõem. Assim, escrever sobre o Xique-Xique, seus moradores, sua história e sua relação com os estudantes não é apenas um exercício acadêmico, mas também um compromisso construído ao longo de anos de vivência, pertencimento e atuação na própria escola que serve de base para esta pesquisa.

Em 2023, decide ingressar no Mestrado Profissional em Ensino de História. A escolha partiu de uma dupla motivação: por um lado, o desconforto com experiências formativas distantes da prática escolar; por outro, a necessidade de renovar horizontes, construir novos saberes e reencontrar significado no fazer docente. O mestrado profissional se apresentou como um caminho coerente com essa busca, pois propõe a pesquisa voltada para a sala de aula, para o território, para os sujeitos com os quais se trabalha diariamente.

2.1 ENTRE VIVÊNCIAS E COMPROMISSOS: A MOTIVAÇÃO PESSOAL QUE ORIENTOU A ESCOLHA DO TEMA.

Para historiador Thompson (1989), todo tema nasce de um ponto de vista. Nossas escolhas de pesquisa não são imparciais, somos guiados pelas experiências que vivemos e pelas questões que consideramos importantes para a sociedade, destacando que o trabalho do historiador não é um processo distante, frio ou abstrato. Para ele, a pesquisa histórica é sempre atravessada pela experiência humana, tanto a do pesquisador quanto a dos sujeitos estudados. Isso significa que o historiador não escolhe um tema ao acaso: suas escolhas são influenciadas por vivências pessoais, inquietações sociais, contextos políticos e pelas perguntas que considera importantes para compreender a realidade. Assim, a ideia de neutralidade é ilusória; todo tema carrega intencionalidades. Thompson critica, portanto, concepções de história excessivamente teóricas ou descoladas da vida concreta, defendendo que a pesquisa deve partir dos problemas reais das pessoas e das contradições do mundo social. Escolher um objeto é, sempre, assumir um posicionamento diante da sociedade e reconhecer que o conhecimento histórico nasce do diálogo entre o passado e os desafios do presente.

A escolha do tema desta pesquisa não se deu de forma casual, tampouco se limitou a uma exigência acadêmica do Mestrado Profissional em Ensino de História. Ela surgiu, sobretudo, de um conjunto de vivências pessoais, memórias e compromissos ético-pedagógicos que atravessaram minha trajetória enquanto educadora, frequentadora e pesquisadora ligada ao Xique-Xique.

Para Carlo Ginzburg (1989), a pesquisa histórica não começa com um grande acontecimento já pronto para ser analisado, mas com um indício, um detalhe aparentemente pequeno que desperta a atenção do historiador. Esse “sinal” inicial funciona como uma pista: algo que provoca estranhamento, curiosidade ou desconforto. É a partir desse “detalhe

inquietante” que o historiador formula perguntas, constrói um problema de pesquisa e define o tema a ser investigado.

No meu caso, esse interesse veio com a percepção estereotipada sobre o Xique-Xique provocando em mim um profundo incômodo, porque essa visão superficial desconsidera as dinâmicas cotidianas que eu mesma pude vivenciar no local: as redes de solidariedade, as trajetórias de luta e os sentidos de pertencimento que o estruturaram.

Esse desconforto não é apenas emocional, mas epistemológico: compreender essa realidade exige romper com narrativas prontas e reconhecer que todo conhecimento histórico é situado. Assim, o incômodo transforma-se em ponto de partida para uma investigação mais atenta às memórias, às vozes e às práticas sociais que constituem o local, valorizando sua complexidade e recusando enquadramentos simplificadores que reproduzem estigmas e desigualdades históricas.

Ginzburg (1989) mostra que o historiador trabalha de modo semelhante a um detetive: observa rastros, marcas e fragmentos do passado que, embora discretos, revelam caminhos para compreender processos maiores. Assim, o tema não é apenas escolhido de forma abstrata; ele emerge do encontro entre o olhar do pesquisador e um elemento do real que o desafia.

“O historiador, como o detetive, trabalha com indícios. Ele recolhe sinais aparentemente negligenciáveis, detalhes marginais que, tomados em conjunto, permitem reconstruir uma realidade mais ampla e complexa” (Ginzburg, 1989, p. 143).

Minha relação com o bairro antecede a escolha metodológica e mesmo o projeto acadêmico. Ela se inscreve nas práticas cotidianas, no contato diário com os alunos que residem no local, nos percursos pelas ruas, nos encontros com moradores, nas celebrações e nos conflitos que marcam a vida comunitária.

Foi a partir disso, que desenvolvi uma percepção mais apurada sobre os desafios enfrentados por comunidades periféricas, bem como sobre as potências existentes nas histórias, memórias e saberes locais frequentemente invisibilizados pelos discursos hegemônicos. Essa familiaridade, entretanto, nunca significou acomodação. Pelo contrário, tornou-se impulso para compreender, com rigor científico, processos históricos e pedagógicos que sempre me atravessaram de maneira sensível.

Meu caminho como professora de História da rede pública também contribuiu para amadurecer a necessidade de investigar o bairro como campo de experiências educativas. Ao longo dos anos, percebi o quanto estudantes do 9º ano carregam narrativas próprias sobre o lugar onde vivem ou têm proximidade, ainda que elas nem sempre encontram espaço de

legitimação no currículo escolar. A inquietação diante dessa lacuna, entre a História ensinada e a História vivida, constituiu um divisor de águas em meu percurso profissional.

Nesse contexto, fortaleci a compreensão de que o ensino de História precisa dialogar com as realidades locais, valorizando memórias, identidades e sentimentos de pertencimento. Essa perspectiva tem relação com a compreensão freireana de que “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes. Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, sobretudo aos que se constroem na prática comunitária” (Freire, 1996, p. 30).

Convivi e trabalhei com pessoas cujas memórias atravessam o bairro há décadas. Essas referências vivas: moradores antigos, lideranças comunitárias, trabalhadores, mães, jovens e idosos constituíram, desde cedo, parte de minha compreensão sobre o que significa “fazer História” em diálogo com quem a vive. Muitas vezes, as conversas espontâneas, as lembranças compartilhadas e os modos como cada pessoa narra sua trajetória revelaram, de forma muito mais contundente do que documentos oficiais, como o Xique-Xique se construiu enquanto território, comunidade e identidade. Esse contato cotidiano transformou-se em motivação para sistematizar, por meio da História oral e da pesquisa-ação participante, conhecimentos que já circulavam de maneira dispersa nas práticas sociais locais.

Em consonância com Pollak (1992), Candau (2023) e Hall (2006), reconheço que memória e identidade são construções em constante transformação e que assumir essa posição não compromete a objetividade da pesquisa, mas antes a enriquece, pois explicita o compromisso ético que deve orientar a produção do conhecimento. Ao revelar a motivação pessoal que baseia este estudo, afirmo que o Xique-Xique significa, acima de tudo, reafirmar o valor das histórias que nele se constroem e o peso educativo de reconhecê-las como parte fundamental do ensino de História.

2.2 ENTRE CONCEITOS E PRÁTICAS: OS DIÁLOGOS TEÓRICOS E AS PRODUÇÕES

A pesquisa histórica é sempre marcada por escolhas teóricas, que estruturam tanto o olhar do pesquisador quanto os caminhos metodológicos percorridos. Como atesta Certeau (2011), a escrita da história é uma operação teórica, organizada segundo práticas e conceitos que estruturam o discurso do historiador. Rüsen (2009), reforça que a orientação teórica é o que permite transformar experiências do passado em narrativas dotadas de sentido. Assim, o trabalho do historiador, longe de ser apenas empírico, fundamenta-se em debates conceituais que orientam perguntas, fontes e interpretações.

O desenvolvimento da minha pesquisa exigiu a articulação entre referenciais teóricos, opções metodológicas e práticas formativas que estão ligadas diretamente com a realidade do Xique-Xique e com os sujeitos envolvidos no processo educativo. Nesse sentido, apresento os fundamentos que sustentam teoricamente a minha investigação, destacando conceitos-chaves, tais como História local, memória, identidade, cultura digital e História Pública.

Ao aproximar teoria e prática, busco demonstrar que a construção do conhecimento histórico em sala de aula não se limita à aplicação de métodos previamente estabelecidos, mas surge da relação entre os estudantes, o território e as experiências compartilhadas por seus moradores. Assim, os diálogos teóricos aqui mobilizados não apenas fundamentam a pesquisa, mas permitem compreender o *videocast* como uma prática pedagógica, capaz de promover participação, protagonismo juvenil e novas formas de produção e circulação do saber histórico.

A História local, como aponta Bittencourt (2008), tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência (escola, casa, comunidade, trabalho e lazer) e igualmente por situar os problemas significativos da história do presente (Bittencourt, 2008, p. 168). A autora ainda chama atenção de como deve ser a abordagem de um estudo utilizando a História local, pois ela não deve apenas reproduzir um conhecimento, mas possibilitar uma abordagem que crie ligação com as memórias dos educandos.

A História local pode simplesmente reproduzir a História do poder local e das classes dominantes, caso se limite a fazer os alunos conhecerem nomes de personagens políticos de outras épocas, destacando a vida e obra de antigos prefeitos e demais autoridades. Para evitar tais riscos, é preciso identificar o enfoque de uma História Local que crie vínculos com a memória familiar, do trabalho, da migração, das festas [...] (Bittencourt, 2008, p. 169).

Mas o que seria História local? Dentre alguns conceitos pesquisados para o nosso trabalho, utilizaremos a ideia defendida pelo historiador Assunção de Barros, que utiliza a história local da seguinte forma:

Há também certa tendência, no Brasil, a utilizar a expressão ‘história local’ para o estudo de localidades menores do que aquelas regiões geográficas ou administrativas mais amplas que podem corresponder a um estado, ou mesmo a uma área consideravelmente grande dentro de um estado. Assim, a ‘história local’, na historiografia brasileira, costuma se referir a cidades, bairros, vizinhanças, aldeias indígenas, enquanto a expressão ‘história regional’ volta-se mais habitualmente para as regiões mais amplas (o Vale do Paraíba, o sul de Minas, o estado do Piauí, e assim por diante) (Barros, 2009, p. 112).

O fato de usar um estudo voltado para a singularidade e particularidade, não significa que sua análise esteja presa a esse círculo fechado. Deve-se sempre levar em consideração seu

contexto e suas relações externas, pois isto também influencia nas ações e nos pensamentos locais, ou seja, dialogando sempre com o contexto maior da cidade, do estado e do mundo.

Outro ponto importante é o papel da memória nos estudos de História local, pois “a memória impõe-se por ser a base da identidade, e é pela memória que se chega à História local” (Bittencourt, 2008, p. 169). Para que seja possível promover construções de narrativas sobre História local, será necessário o resgate da memória, trazendo novos significados e sentidos para essa História.

Existe uma diferença entre memória e História que deve ser levada em consideração, uma vez que como ratifica Bittencourt:

A memória, entretanto, não pode ser confundida com a história, como advertem vários historiadores. As memórias precisam ser evocadas e recuperadas e merecem ser confrontadas. A dos velhos e de pessoas que ainda estão no setor produtivo ou as de homens e de mulheres nem sempre coincidem, mesmo quando se referem ao mesmo acontecimento. Mas nenhuma memória, individual ou coletiva, constitui a história [...] (Bittencourt, 2008, p. 170).

Em seus estudos sobre memória, Le Goff (1996) conceitua a memória como faculdade de guardar acontecimentos, partindo de funções psicológicas. “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (Le Goff, 1996, p. 423).

Segundo Le Goff (1996), ao debruçarmos nos estudos da memória, iremos nos deparar com vários campos de estudos em Psicologia, Neurofisiologia, Biologia e Psiquiatria. Mas, mesmo com esse vasto campo que o estudo da memória está inserido, em algum momento esse estudo terá trações e problemas de uma memória histórica e social.

Souza (2014), em seu trabalho *Memória como matéria-prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade*, discute a relação entre memória e identidade, onde ela atribui que rememorar determinados fatos históricos, não é apenas trazer o que passou para o tempo presente, e sim construir um novo caminho que conduz à construção de uma identidade.

Rememorar é muito mais do que trazer o passado para o presente, trata-se de um instrumento para reavaliações, revisões, autoanálise, autoconhecimento e é por este caminho que a memória alcança a identidade, sendo fator chave em sua (re)construção. (Souza, 2014, p. 19).h

Nesse sentido, Hall (2006) acredita que a construção da identidade se dá com a interação entre o sujeito e seu mundo, ela se define historicamente e não biologicamente, como muitos acreditavam.

O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior”, entre o mundo pessoal e o mundo público. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura (Hall, 2006, p. 11-12).

O antropólogo francês Joel Candau também fez um estudo sobre a memória, focando sua abordagem nas suas diversas formas e como elas são compartilhadas “[...] mais importante que memória enquanto faculdade humana é analisar as formas como a mesma se manifesta” (Candau, 2023, p. 21).

Para ele, existem três tipos de memória: a protomemória, que é a memória repetida, aquela do hábito e das experiências individuais; a memória de alto nível, que corresponde à recordação; e a metamemória, a qual seria a representação que as pessoas fazem de suas próprias lembranças, sendo essas que moldam as dimensões de pertencimento ao passado.

É correto ressaltar também, que a memória não é algo que se encerra apenas com uma lembrança do passado. Segundo Pollak (1992), ao evocarmos a lembrança da memória, ela vem ressignificada de novas emoções, de sentimentos e experiências de vida vividas pelo indivíduo.

Maurice Halbwachs (2006), afirma que as lembranças individuais não existem de forma isolada, mas são construídas e compartilhadas no interior dos grupos sociais aos quais os indivíduos pertencem. Além disso, a autora atesta que essa memória é seletiva, a memória coletiva não constitui um registro fiel e completo do passado, mas um processo dinâmico de seleção e reconstrução realizado pelos grupos sociais.

Nesse sentido, lembrar determinados acontecimentos leva, inevitavelmente, esquecer ou silenciar outros fatos ocorridos, uma vez que as lembranças são organizadas de acordo com os interesses, valores e necessidades do presente. A memória, portanto, não é estática, mas constantemente reinterpretada pelos sujeitos em suas relações sociais. Esse movimento de seleção e ressignificação contribui para a construção de narrativas que podem ser legitimadas e difundidas como memórias oficiais, ao mesmo tempo em que outras experiências e vozes permanecem ocultas ou marginalizadas.

Com a proposta de um Ensino de História que tenha significado para os alunos, onde eles possam perceber que não existe uma História única e verdadeira, mas que ela pode ser construída e desconstruída a todo o momento por diferentes fontes históricas, as ideias de Rüsen, presentes na obra *Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão* (2006), foram muito importantes para dar o suporte teórico à pesquisa.

Nessa obra, o autor faz um estudo do uso da Didática da História na Alemanha, onde ela consegue deixar de ser apenas uma disciplina mediadora entre o conhecimento histórico acadêmico e a educação histórica escolar, para uma disciplina que reflete sobre a sociedade e o conhecimento histórico, e seu objetivo seria investigar o aprendizado histórico.

O aprendizado histórico é uma das dimensões e manifestações da consciência histórica. É o processo fundamental da socialização e individualização humana e forma o núcleo de todas as operações. A questão básica é como o passado é experienciado e interpretado de modo a compreender o presente e experienciar o futuro. (Rüsen, 2006, p. 16).

Nos estudos de Rüsen, quatro itens principais lideram as discussões a respeito da didática da história: a metodologia de instrução, as funções e uso da História na vida pública, o estabelecimento de metas para a educação histórica e a função e importância da consciência histórica. Dentre os itens citados, o último se enquadra na discussão mais atraente para os estudiosos dos estudos históricos, uma vez que a consciência histórica não diz respeito apenas ao aprendizado e ensino de história, mas abarca todas as formas de pensamento histórico.

Consciência histórica é uma categoria geral que não apenas faz relação com o aprendizado e ensino de história, mas cobre todas as formas de pensamento histórico; através dela se experiencia o passado e se o interpreta como História. Assim, sua análise cobre os estudos históricos, bem como o uso e a função da História na vida pública e privada (Rüsen, 2006, p. 14).

Podemos afirmar, que a consciência histórica não pode ser relacionada apenas como um conhecimento do passado, ela vai estruturar esse conhecimento como mecanismo de entender o tempo presente e antecipar o futuro, ou seja, existe uma conexão entre as três dimensões do tempo em sua estrutura, capaz de demonstrar que a História vai além do estudo do passado humano e que ela pode interferir em questões do tempo presente e do futuro.

Assim, ao trazer o requisito da Didática como a ciência da aprendizagem histórica, Rusen apresenta uma abordagem da História onde a prática e a ciência não devem se separar, pois estão interligadas já que ela realiza a “formação histórica”. Todas as pessoas possuem uma consciência histórica, o papel do professor de História é justamente medir o grau e

condensar a consciência histórica dos seus alunos, ou seja, o professor vai ajudar a organizar e dar sentido às experiências temporais individuais e coletivas dos alunos.

Conforme destacam Pinsky e Pinsky (2005), cabe ao professor aproximar os estudantes dos sujeitos concretos da História, sem recorrer à idealização. Ao compreender que indivíduos comuns também são protagonistas da construção histórica, os alunos passam a perceber a disciplina como algo próximo à sua realidade, e não como uma narrativa distante e impessoal. Tal abordagem fomenta a “inclusão histórica”, estimulando a participação ativa dos estudantes na compreensão e ressignificação do passado.

A proposta de trabalho com a História local, portanto, não se limita à inserção de conteúdo do entorno nas práticas escolares. Trata-se de uma estratégia metodológica que propõe o uso das experiências e referências culturais dos estudantes como ponto de partida para uma aprendizagem significativa. Rüsen (2011), ao abordar os princípios do ensino baseado na experiência, aponta que a aprendizagem ocorre de forma mais eficaz quando os conteúdos são situados dentro da chamada “zona de desenvolvimento proximal”, conceito originalmente desenvolvido por Vygotsky. Nesse contexto, a articulação entre vivências pessoais e saberes escolares possibilita ao aluno conectar-se emocional e cognitivamente com o conteúdo, o que favorece o desenvolvimento de competências mais profundas.

Em consonância a esse contexto teórico e ao Ensino de História tenho que destacar também nesse espaço a História Pública, uma vez que ela tem ganhado destaque por propor a ampliação dos locais de estudo, dos sujeitos históricos, da produção e circulação do conhecimento histórico, rompendo com a ideia de que a História se constrói e se legitima exclusivamente dentro das universidades. História pública se apresenta como uma iniciativa significativa para o trabalho pedagógico, sobretudo quando articulada a uma abordagem decolonial e de História Local.

Portanto, mais do que uma prática intrínseca ao trabalho do(a) historiador(a) ou do(a) professor(a) de História; mais do que formação técnico-acadêmica, história pública é uma escolha e um posicionamento comprometido com a diferença de seus públicos. Mais do que usos de novas tecnologias, deve se considerar o sentido ético de seus usos na provocação de debates públicos; mais do que transposições acadêmicas, deve se configurar como mediação e abertura a outros saberes; mais do que geração de produtos, criar processos colaborativos; mais do que internacionalização para reproduzir modelos, recriá-los e descolonizá-los; mais do que ‘para o público’, fazer com ele. Enfim, mais do que ciência técnica, a história pública deve ser ciência humanizada; tornando-se mais do que utilidade (Rovai, 2022, p. 9).

Os debates que se desenvolveram sobre a História pública em meados de 1970, sobretudo em países do Norte global, ajudaram na compreensão inicial do seu conceito. Mais

do que a simples divulgação do conhecimento histórico, ela propõe a construção conjunta de narrativas sobre o passado, reconhecendo os sujeitos sociais como produtores de memória e de história.

A História pública, nesse sentido, propõe movimentar um lugar que antes era ocupado apenas pelos historiadores que faziam parte das academias, valorizando as práticas e o público como agentes ativos no processo de construção histórica: “A história deixa de ser restrita aos intelectuais conservadores que acreditam reter o conhecimento histórico, sujeitos trancafiados em seus arquivos e que só se exibem àqueles em que acreditam serem merecedores” (Almeida; Rovai, 2011, p. 9).

No âmbito do ensino de História, essa perspectiva amplia o papel da escola e do professor, que deixam de ser meros transmissores de conteúdos para atuarem como mediadores culturais e intelectuais. A aula de História, nesse contexto, pode se transformar em um espaço de história pública, na medida em que promove o diálogo entre saberes acadêmicos, experiências de vida e memórias locais, contribuindo para a formação crítica dos estudantes e para a democratização do acesso ao conhecimento histórico. Dessa forma, a história pública reafirma seu papel pedagógico, ao possibilitar que diferentes públicos não apenas aprendam História, mas também se reconheçam como sujeitos históricos capazes de produzir e compartilhar saberes sobre o passado.

Almeida e Rovai (2011) destacam que talvez a principal diferença entre o que a História Pública propõe e aquilo que tradicionalmente é produzido no ambiente acadêmico são os espaços em que o conhecimento histórico é difundido, bem como na diversificação de seus públicos e de seus usos sociais. Nesse sentido, as autoras expõem que o trabalho histórico desenvolvido fora das universidades pode se expandir por meio de diferentes suportes e linguagens, como arquivos, museus, fotografia, cinema e história oral, sem que isso implique perda de seriedade ou de compromisso com a produção dos saberes históricos. Assim, a História Pública atua em favor da divulgação do conhecimento histórico voltado a grandes públicos, promovendo o diálogo entre a historiografia acadêmica e a sociedade, ao reconhecer várias formas de produção, mediação e apropriação do passado.

Diante das abordagens teóricas, é fundamental considerar o que estabelece a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sobre a presença da História local no ensino. Sendo o principal documento de referência das aprendizagens essenciais para a Educação Básica, a BNCC orienta a formulação curricular de todo o sistema educacional brasileiro. Segundo a BNCC (Brasil, 2018), deve-se superar a fragmentação das políticas educacionais, fortalecer o regime de colaboração entre as diferentes esferas de governo e assegurar um patamar comum

de aprendizagens a todos os estudantes, indo além da simples garantia de acesso e permanência na escola.

Apesar de seu caráter normativo e regulador, a BNCC pode fornecer subsídios relevantes para um Ensino de História que dialogue com a realidade sociocultural dos estudantes. Ralejo, Mello e Amorim (2021) indicam que o campo do ensino de História é um espaço de fronteira, onde ocorrem diálogos, tensões e aproximações entre diferentes culturas e narrativas. Para os autores, é possível encontrar brechas dentro da própria estrutura curricular para promover a diversidade, a inclusão e o reconhecimento de sujeitos historicamente silenciados.

Essa concepção pedagógica aponta para a superação de narrativas tradicionais e abre espaço para um ensino mais plural e democrático. A prática docente, nesse cenário, ganha centralidade, pois o professor é o responsável por interpretar a BNCC e transformá-la em ações didáticas significativas. Seu papel vai além da simples transmissão de conteúdos: é ele quem constrói sentidos e promove a mediação entre o conhecimento institucionalizado e as experiências dos estudantes.

As dez competências gerais da BNCC reforçam esse entendimento ao destacar que a escola não deve ser apenas um espaço de transmissão de conteúdos, mas um ambiente voltado para o desenvolvimento da autonomia, da empatia e do respeito à diversidade. A formação integral do estudante, dentro de um contexto marcado por múltiplas diferenças, é vista como parte essencial da missão educativa.

Relacionando esse aspecto ao ensino de História, essa mensagem das dez competências gerais nos ajuda a combater a ideia de uma História tradicionalmente relacionada aos eventos, datas e nomes que carregam consigo uma única versão que vinha se caracterizando pelo seu teor eurocêntrico e patriarcal. Ao explorar em nossas práticas docentes, por exemplo, a competência de número 2 - pensamento científico, crítico e criativo - somos levados a considerar os diferentes conhecimentos, formular hipóteses, analisar outras versões e interpretá-las de forma crítica, o que é reforçado pela competência de número 7 - argumentação - que possibilita a formulação, negociação e defesa de diferentes ideias (Ralejo; Mello; Amorim, 2021, p. 412).

Dentro do currículo sergipano, para a etapa Fundamental, também é possível encontrar bases para interpretarmos um desenvolvimento de Ensino de História em que o aluno não seja mero receptor de conteúdo.

A proposta curricular sugere, no âmbito escolar, o uso de ações pedagógicas integradoras e diversificadas que permitam ao estudante desenvolver suas competências, no

processo educativo, focadas em aprendizagens sintonizadas com suas necessidades, possibilidades, interesses, e com os desafios da sociedade contemporânea. A aprendizagem perpassa pela coparticipação do estudante na construção do conhecimento. Em relação ao professor, sua atuação se objetiva à mediação, agindo como facilitador dessa prática (Sergipe, 2018, p. 107).

Nessa proposta, não vou trabalhar abertamente habilidades e competências direcionadas ao uso da História local em sala de aula para a etapa do fundamental anos finais. No entanto, algumas habilidades presentes no documento nos deram brechas para desenvolver nosso projeto. As habilidades para o 9º ano “Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência” (Sergipe, 2018, p. 482) e a “Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região Nordeste e no território sergipano” (Sergipe, 2018, p.475). A partir dessas habilidades podemos inserir uma diversidade de acontecimentos que ficaria de fora da narrativa histórica se não voltássemos o olhar para os estudos das localidades.

Para me aprofundar sobre o tema de História local, memória e também sobre produção e uso de *videocast* nas aulas de História fiz uma busca no banco de dissertações do ProfHistória e em outras plataformas, onde encontrei muitos trabalhos sobre os dois primeiros temas, mas a procura relacionando *videocast* às aulas de História não teve muito êxito, por ser uma prática ainda recente. No entanto, encontrei trabalhos de Ensino de História utilizando *podcast*, que é um método mais antigo em que os conhecimentos produzidos são divulgados nas mídias digitais apenas pelo formato de áudio (sendo essa a principal diferença entre *podcast* e *videocast*). Pude me basear nesses trabalhos para criar e organizar o meu roteiro.

Uma dissertação defendida no Profhistória, pela Universidade Federal do Piauí que serviu de base para definir esta proposta, sobre o uso da História local, foi a dissertação de mestrado de Maycon Silva de Oliveira intitulada “Reflexões para o Ensino de História local: O bairro Taquari Palmas-TO”. Na dissertação referida, o autor procurou analisar a aprendizagem da História por meio da História local, pois para ele, isso é primordial na construção da consciência histórica e na formação das identidades. Com uma metodologia voltada para pesquisa-ação, Oliveira (2022) colocou seus alunos do terceiro ano do Ensino Médio para participarem de forma efetiva da construção da experiência.

A partir do estudo da história local, os estudantes podem compreender que não vivem à parte da História, mas que são participantes dela. A localidade pode ser um ponto de partida para o aprimoramento e aprofundamento do conhecimento histórico, haja vista que ao

estudar o que é próximo a eles, os discentes conseguirão compreender que seu entorno não se encontra isolado do mundo. E como tal, possibilita a articulação entre passado e o cotidiano. Assim, quando os discentes refletem sobre suas vivências, são estimulados a pensar de maneira crítica (Oliveira, 2022, p. 18).

A aproximação com esse trabalho vai além dos aspectos teóricos sobre História local, uma vez que a dissertação em apreço propõe como produto da pesquisa a produção de narrativas produzidas pelos alunos sobre a História desse bairro, que esteve silenciada por muito tempo. Além disso, ele levanta questões pertinentes também à pesquisa sobre o bairro Xique-Xique em Poço Verde, tais como: Como é trabalhar História local em um bairro periférico? Como desenvolver a aprendizagem histórica dos estudantes utilizando História Local? O que os alunos compreendem por História local?

Oliveira (2022) apresenta em suas conclusões que o interesse dos alunos na disciplina cresceu, já que pôde observar uma maior participação e comprometimento nas aulas, após o trabalho com a pesquisa participativa. Foi possível compreender também quem eram esses estudantes pesquisados e que visão de conhecimento eles tinham a respeito do seu local de moradia.

Analisei outra dissertação de Mestrado, essa do Programa de Pós-graduação do Ensino de História pela Federal do Rio Grande do Sul, a de Leonardo Borghi Ucha: “Eu não sabia que meu bairro tinha história: Decolonizando a aula de História com as memórias de um território na periferia de Porto Alegre”. O trabalho trouxe contribuições sobre o uso da memória no Ensino de História, além das discussões sobre seu conceito.

Por esse caminho, ao trabalhar com as memórias locais, busquei construir narrativas contra hegemônicas. Narrativas que problematizassem identidades e representações sobre o local, que desconstruíssem estereótipos e preconceitos e valorizassem as experiências, envolvendo afetivamente os participantes da pesquisa a partir das memórias locais e da produção de sentidos na busca pela humanização e por justiça (Ucha, 2020, p. 80).

O objetivo principal do trabalho de Ucha é possibilitar ações pedagógicas para decolonizar as aulas de História, através do compromisso comunitário na construção de História e memória de um território negro e periférico na cidade de Porto Alegre. Para isso, o autor fez uso de uma metodologia de investigação-ação participante com os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental.

A pesquisa procurou responder como o engajamento coletivo na construção do território, a partir da produção de memória contribuiu para decolonizar a aula de História. Segundo o autor, o uso da memória nas aulas de História possibilitou produções de afetos,

laços sociais e protagonismo, o que abre possibilidade para superação de um ensino baseado na transposição didática e no acúmulo individual de conhecimentos.

Ao trabalhar com a perspectiva decolonial, o autor procurou questionar um Ensino de História de padronização Ocidental e Eurocêntrica, possibilitando a construção de saberes históricos por grupos socialmente excluídos e silenciados, tornando os estudantes agentes históricos e produtores de conhecimento.

Compreender a História sob a perspectiva decolonial é romper com o instrumental analítico produzido pelo mundo ocidental e eurocêntrico, que é notadamente marcado por dualidades excludentes que impõem hierarquizações em nível global, entre indivíduos, grupos sociais, lugares, raças, cosmovisões, saberes e práticas, colocando aqueles não ocidentais conforme Boaventura de Souza Santos (2010), “do outro lado da linha” (Ucha, 2020, p. 32 - 33).

Na prática, os sujeitos do projeto são colocados diante de conteúdos históricos que destacam formas tradicionais ou exemplares de construção de narrativas históricas e devem recriá-los de forma a evidenciar uma narrativa crítico-genética, a partir do trabalho com as fontes dos arquivos familiares, ou seja, desenvolver uma contranarrativa daqueles conteúdos a partir de seu presente e de sua experiência (Souza, 2020, p. 77).

A metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa-ação, onde professor e aluno pesquisaram, analisaram e problematizaram as fontes materiais do bairro em estudo, por meio de aulas e oficinas e produziram um mapeamento desses patrimônios locais. Dessa forma, para o autor foi possível desenvolver o pensamento histórico consciente dos seus alunos, a partir de mudanças conceituais sobre as fontes estudadas, observadas por questionários que os alunos responderam antes e depois da oficina sobre Patrimônio Material Local.

3 MEU “BAIRRO” TAMBÉM TEM HISTÓRIA: PESQUISANDO SOBRE O XIQUE-XIQUE

Contextualizar o local de estudo é uma etapa fundamental para uma compreensão profunda dos fenômenos investigados, especialmente em pesquisas que envolvem a relação entre espaço, memória e práticas sociais. No caso desta pesquisa, com foco no Xique-Xique, esse processo permite situar ao longo do tempo e socialmente o território em que os sujeitos da investigação tecem suas relações. Ao descrever as especificidades geográficas, culturais e econômicas do bairro, torna-se possível evidenciar como ele influencia e é influenciado pelas experiências cotidianas dos moradores e estudantes.

Desde que cheguei a Poço Verde, ouvi com frequência moradores e interlocutores referirem-se ao Xique-Xique como se fosse um bairro da cidade. No entanto, ao me aprofundar na pesquisa documental e nas conversas com antigos moradores, verifiquei que o Xique-Xique está formalmente inserido dentro do bairro Cruzeiro. Essa distinção entre identificação popular e delimitação administrativa tem consequências diretas para a produção de dados e para o reconhecimento institucional do território.

Uma das maiores dificuldades da pesquisa apareceu no momento na busca de registros junto aos serviços sociais, pois ao se cadastrarem no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) ou em programas sociais, muitos moradores não informavam “Xique-Xique” e nem bairro Cruzeiro como bairro de moradia, demonstrando que conviverem com uma imprecisão na forma de registrar seu endereço. Em consequência, os bancos de dados do município e as listas de beneficiários acabam por dispersar as informações entre diferentes categorias ou simplesmente agrupá-las sob rubricas genéricas (nome da cidade, ruas sem bairro), tornando mais difícil localizar e quantificar os moradores daquele território quando se utiliza apenas a documentação administrativa.

Essa tensão entre memória local e cartografia institucional tem dois efeitos principais para a pesquisa em História local. Primeiro, gera um desafio metodológico: a consulta exclusiva a fontes oficiais pode subestimar a presença de habitantes e as práticas sociais específicas do Xique-Xique, levando a leituras distorcidas sobre densidade populacional, demandas sociais e usos do espaço. Segundo, expõe um problema político: a invisibilidade administrativa contribui para fragilizar a identidade coletiva e a capacidade de mobilização por melhorias de infraestrutura e serviços públicos, quando um lugar não “existe” nos formulários, tende a receber menos atenção em políticas públicas.

Para enfrentar essas dificuldades, adotei procedimentos complementares de investigação: sistematização de entrevistas e histórias orais com moradores e lideranças locais; utilizei dados da saúde básica do Município, por meio dos relatórios da agente de saúde designada para região; cruzamento de dados administrativos e perguntas para captar como as pessoas nomeiam e percebem seu território. Essas estratégias permitiram reconstruir uma geografia social mais fiel à experiência dos moradores e também evidenciou a necessidade de estar atenta para a divergência entre nomenclatura popular e delimitação oficial.

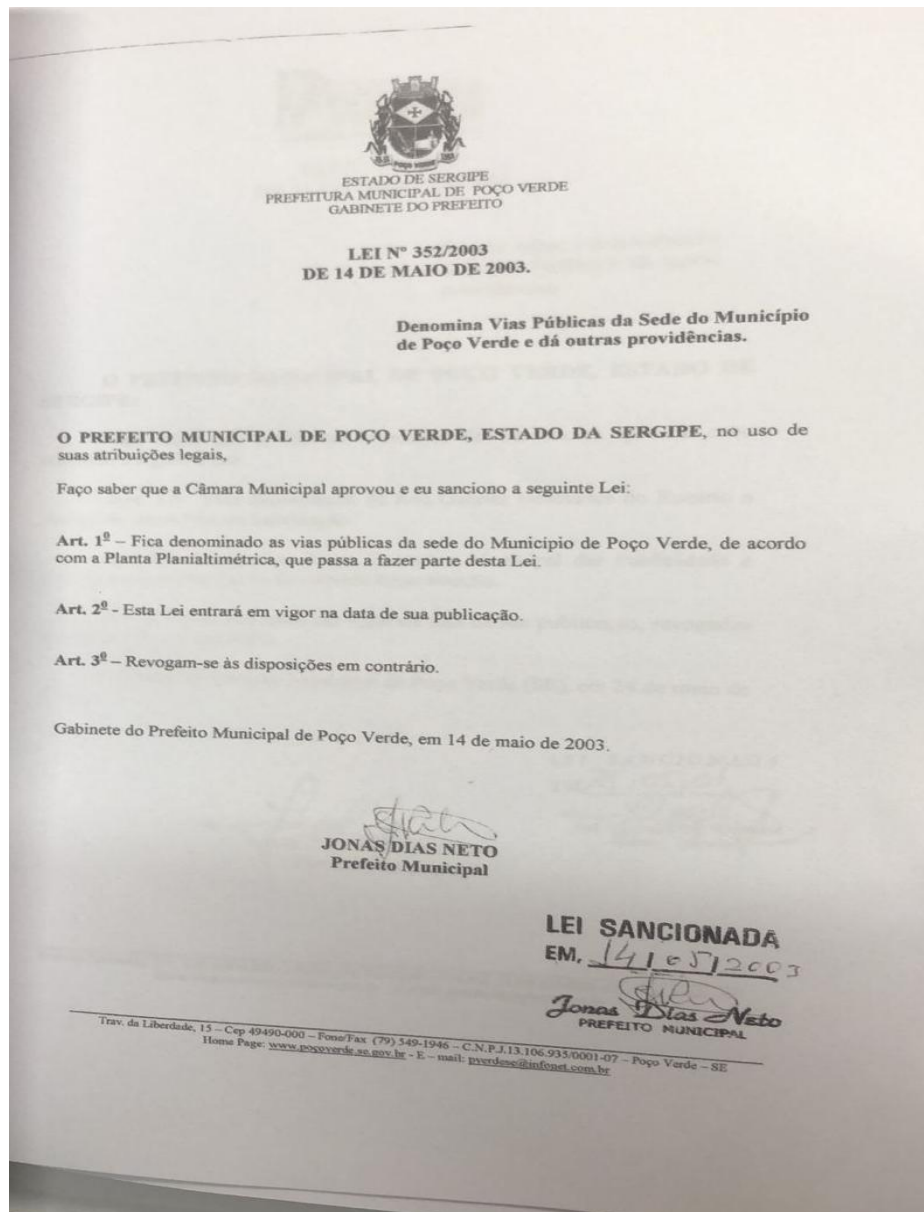
A denominação “bairro” para um espaço urbano, ainda que esse status não exista oficialmente nos registros administrativos, revela um processo social de construção simbólica, pois quando moradores passam a nomear e reconhecer uma localidade com essa nomenclatura, produzem uma tradição socialmente compartilhada que organiza sua experiência coletiva, orienta modos de pertencimento e estabelece fronteiras representativas que não dependem de validação estatal.

Portanto, a designação de um território como bairro, sem ser oficial, funciona como uma tradição inventada que se consolida pela repetição, pelo uso e pelo consenso comunitário, tornando-se elemento estruturante da vida local, exatamente como afirma Hobsbawm (2001) ao analisar os mecanismos pelos quais grupos sociais constroem e legitimam suas próprias referências históricas.

Embora Xique-Xique seja amplamente reconhecido pela população como um “bairro”, é importante destacar que não existe, nos documentos administrativos do município de Poço Verde, uma delimitação oficial que o constitua formalmente enquanto tal. A denominação “Xique-Xique” surgiu, portanto, das práticas sociais, das referências de pertencimento dos moradores e da construção histórica do espaço, mais do que de um ato administrativo.

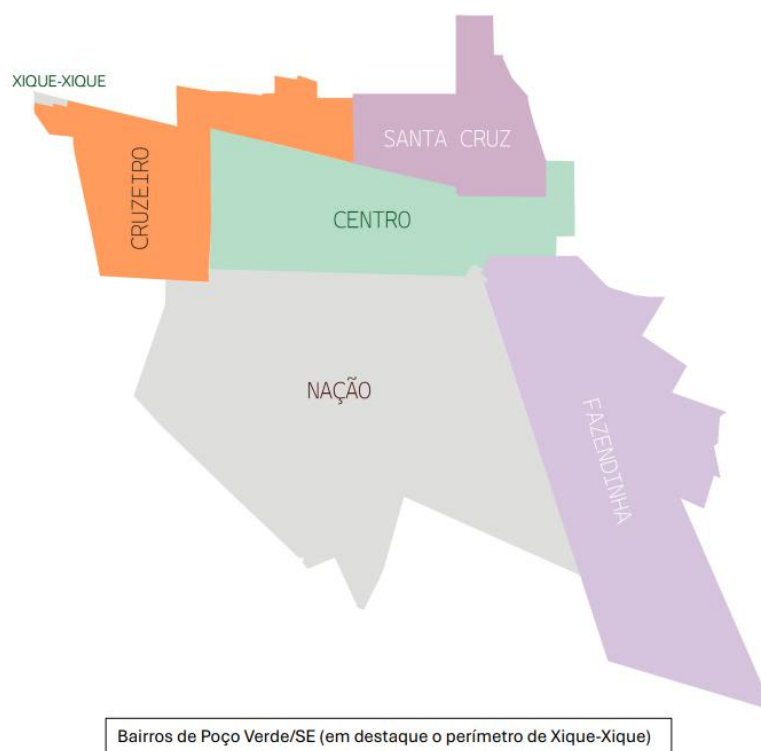
Do ponto de vista institucional, conforme o documento na figura 1 e a Planta planialtimétrica das vias públicas da cidade na figura 2, desde 2003 Poço Verde possui em seu território cinco bairros cadastrados pela prefeitura e por órgãos de planejamento urbano e o Xique-Xique não aparece como unidade territorial nesses registros.

Figura 1 – Lei que determina as vias públicas em Poço Verde em 14 de maio de 2003



Fonte Poço Verde (2003).

Figura 3 – Bairros de Poço Verde destacando o Perímetro do Xique-Xique 27 de dezembro de 2025



Fonte: José Artur Santos Sousa (2025a).

A análise do livro de memórias do ex-prefeito Emídio Neto, que administrou o município nos períodos de 1959 a 1968, 1967 a 1970 e 1973 a 1976, intitulado *Poço Verde: um olhar emocionado sobre sua História* (2019), aliada aos relatos orais coletados junto aos moradores antigos da cidade, observamos que, em seus primórdios, a localidade já foi denominada “povoado do Xique-Xique”. Essa nomeação como um povoado, aparece associada às memórias de ocupação inicial do território e às formas de sociabilidade que se estabeleceram antes da consolidação da rede urbana e da formalização dos bairros. O uso do termo “povoado”, remete a um período em que o espaço era marcado por características rurais e por uma organização social distinta daquela imposta posteriormente pelo ordenamento urbano oficial.

Dessa forma, o Xique-Xique se apresenta como um território marcado por tensões entre o reconhecimento oficial e a identidade socialmente construída. Analisá-lo implica considerar tanto os processos institucionais que o enquadram quanto as narrativas e memórias que o legitimam enquanto bairro na percepção da sociedade.

A leitura reforça a importância da História local e da História oral como instrumentos fundamentais para problematizar as versões oficiais e ampliar o entendimento sobre os

processos de formação dos territórios periféricos. Ao valorizar os relatos memorialistas, torna-se possível perceber que o Xique-Xique não é apenas uma divisão administrativa, mas um lugar socialmente produzido, cuja história é marcada pela sobreposição entre o que é reconhecido pelo poder público e aquilo que é legitimado pela memória e pela experiência de seus habitantes.

Ao abordar a história e as memórias locais, torna-se fundamental contextualizar a cidade de Poço Verde (SE), uma vez que a localidade está inserida em seu território urbano e compartilha, em diversos aspectos, os processos históricos, sociais, econômicos e culturais que marcaram o município. Compreender Poço Verde permite ampliar a leitura sobre as dinâmicas que influenciam diretamente a formação e o cotidiano do Xique-Xique, como o crescimento urbano desordenado, as desigualdades socioespaciais, as políticas públicas locais e as representações sociais que estigmatizam determinadas áreas da cidade.

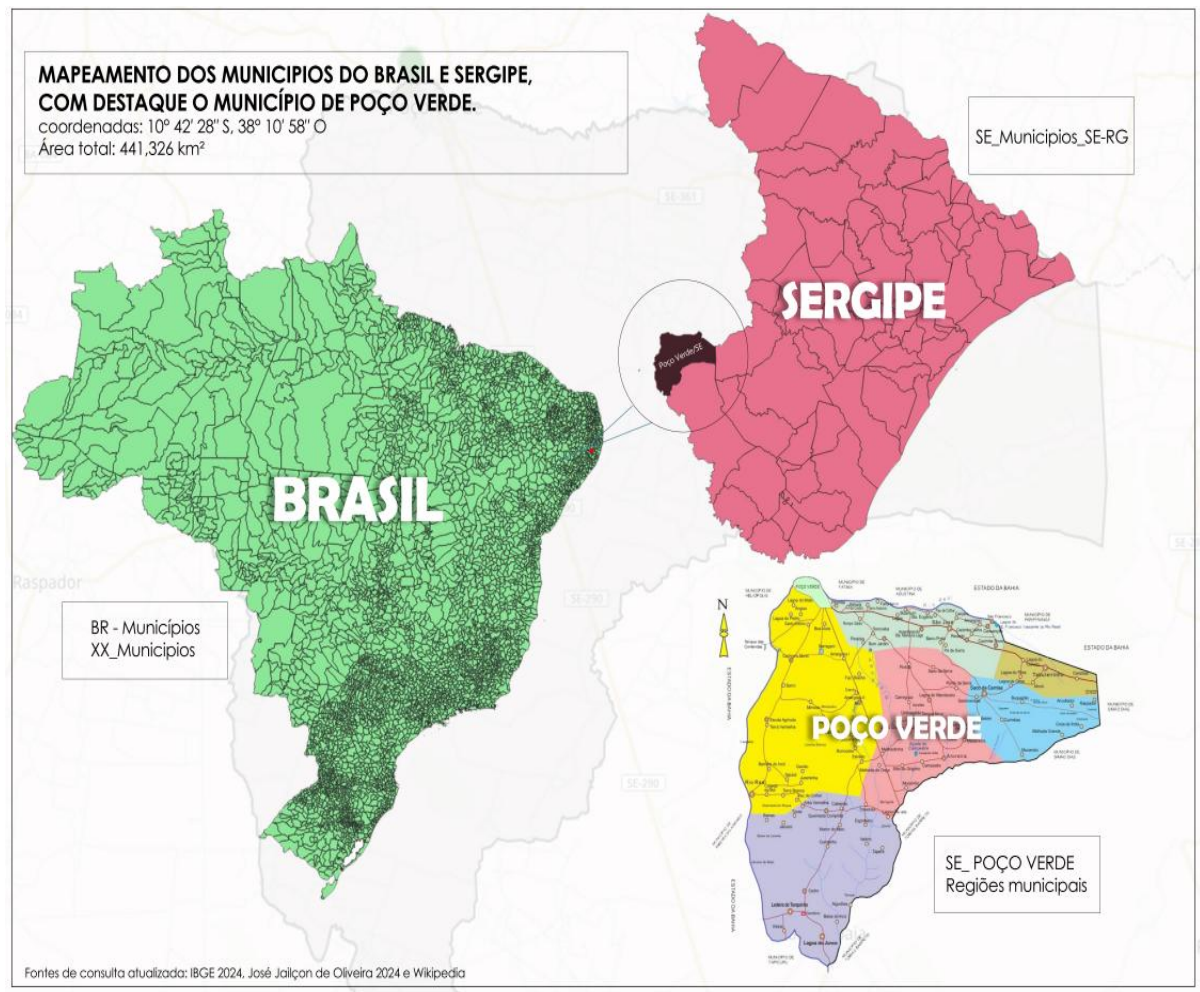
Por isso, este capítulo tem como objetivo apresentar aspectos históricos, geográficos e culturais de Poço Verde que contribuem para a compreensão do cenário no qual se desenvolveu a presente pesquisa, bem como entender como o local foi construído social, econômica e culturalmente ao longo do tempo, revelando as relações de poder, os fluxos migratórios e as formas de resistência que marcaram sua trajetória.

3.1 POÇO VERDE EM FOCO: CONHECENDO A CIDADE QUE ABRIGA XIQUE-XIQUE

Poço Verde, carinhosamente chamada de “Pocinho” por seus moradores é um município do estado de Sergipe, situado no interior nordestino, mais especificamente na região centro-sul, fazendo parte da microrregião do agreste sergipano, próxima à divisa com o estado da Bahia. Sua localização distancia-se a 145 km de distância da capital (Aracaju) sendo em linha reta 126 km

Geograficamente, conforme podemos analisar no mapa da figura 4, o município tem papel de destaque, por ser a última cidade do extremo sudoeste do Estado, limitando o estado de Sergipe da Bahia. Limita-se ao norte, com os municípios baianos de Paripiranga e Adustina, ao oeste Fátima, Heliópolis e Ribeira do Amparo (Bahia), ao leste com o município sergipano de Simão Dias e ao sul com Tobias Barreto.

Figura 4 – Mapa dos municípios do Brasil com destaque para Poço Verde-Sergipe
24 de janeiro de 2026



Fonte: Jose Artur Santos Sousa (2026)

Segundo o IBGE (2018), a principal região de influenciada cidade é a capital Aracaju, e sua localização desde o ano de 2024 se insere na região intermediária de Itabaiana e na região imediata de Lagarto. Tendo uma área territorial de 441,326 km², Poço Verde está na posição 16 de 75 entre os municípios do estado e 2685 de 5570 entre todos os municípios (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022).

Abaixo, apresento a figura 5 com a imagem do letreiro da cidade, localizado na avenida principal que dá acesso ao município. O letreiro da cidade é uma importante estratégia figurativa e visual, pois mais que um elemento decorativo, ele funciona para informar a entrada oficialmente no município, além de servir como um cartão-postal nos dias atuais. Podemos associar sua presença com as práticas de valorização do espaço público, contribuindo para a construção de memórias, principalmente nos registros fotográficos.

Figura 5 – Letreiro da cidade de Poço Verde-SE na avenida principal que dá acesso ao município em 24 de julho de 2025



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A configuração socioterritorial de Poço Verde apresenta uma articulação entre dinâmicas rurais e urbanas que contribuem para a compreensão de sua História. Segundo o Censo Demográfico de 2022, o município possui uma população estimada em 22.217 habitantes, dos quais aproximadamente 40% residem na zona rural, o que revela o destaque do campo na organização socioeconômica e cultural do município.

Segundo os dados do Relatório de Programas e Ações do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS) referentes ao Cadastro Único de outubro de 2025, observa-se um quadro socioeconômico que demonstra profundas desigualdades sociais no município, conforme o gráfico abaixo na figura 6, 75% da população estimada da cidade está cadastrada no Cad. Único.

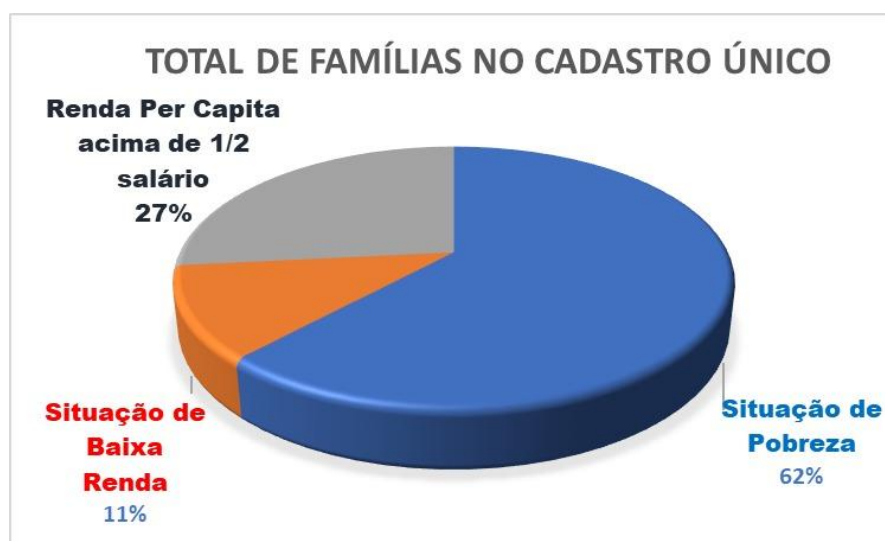
Figura 6 – Gráfico do número total de habitantes e a quantidade de moradores no cadastro único em 04 de dezembro de 2025



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Além disso, os dados das famílias cadastradas, conforme gráfico da figura 7, apresenta que mais da metade dessas famílias vivem em situação de pobreza. Fazendo uma análise quantitativa, desses dados, observei que 983 famílias estão classificadas como de baixa renda, situando-se em situação de vulnerabilidade que, embora menos extrema, ainda exige acompanhamento e amparo social. Por outro lado, apenas 2.281 famílias apresentam renda per capita mensal acima de meio salário mínimo, demonstrando que uma parcela relativamente pequena da população possui condições econômicas consideradas medianas pelo critério do programa.

Figura 7 – Gráfico de classificação das famílias no cadastro único em 04 de dezembro de 2025



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Quando analisei os dados do número total de pessoas registradas, o cenário se reafirma. O Cadastro Único contabiliza 16.721 indivíduos, dos quais 10.617 vivem em situação de pobreza, reforçando a presença de um contingente significativo de moradores submetidos a limitações estruturais, tanto econômicas quanto de acesso a serviços básicos. Outros 2.689 indivíduos se enquadram na faixa de baixa renda, compondo um grupo que, embora não esteja no nível mais crítico, ainda enfrenta restrições que afetam diretamente suas dinâmicas sociais, educacionais e de saúde. Apenas 3.406 pessoas possuem renda per capita superior a meio salário mínimo, configurando uma minoria com maior estabilidade financeira dentro do conjunto analisado.

A figura 8 sintetiza em forma de gráfico as informações das pessoas registradas no Cadastro único de Poço Verde. Ao expressar os dados em termos percentuais, o gráfico permite evidenciar proporções e desigualdades que, muitas vezes, não são percebidas apenas por meio de números absolutos. Dessa forma, é possível compreender melhor a composição de cada grupo, principalmente quando o aspecto essencial para análises envolve questões como a renda.

Figura 8 – Gráfico de classificação por pessoas no cadastro único em 04 de dezembro de 2025



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Esses números não apenas dimensionam a realidade socioeconômica local, mas também revelam desafios importantes para a formulação de políticas públicas, principalmente no campo da educação. Em territórios marcados por altos índices de pobreza, como demonstram os dados, a escola se torna um espaço essencial de proteção, acesso a direitos e construção de perspectivas de futuro. Assim, compreender esse contexto é fundamental para analisar a participação dos estudantes nas atividades pedagógicas e nos projetos desenvolvidos, como aqueles voltados à História local, uma vez que a vulnerabilidade social impacta diretamente suas trajetórias escolares e suas formas de se relacionar com os saberes e com o território em que vivem.

A história da ocupação de seu território remonta ao período da colonização portuguesa nas terras que é hoje o Brasil. Portugal para garantir a devida ocupação da terra, já que outros povos também desejavam dominar e explorar a região, viu na concessão de terras a particulares, por meio das sesmarias, uma forma de povoar a região e garantir seu total domínio sobre ela. As sesmarias eram porções de terra concedidas pela Coroa Portuguesa a indivíduos que se comprometiam a cultivá-las e torná-las produtivas, geralmente nobres, militares ou pessoas de confiança. Este sistema, estabelecido por leis a partir do século XIV em Portugal, foi posteriormente adotado no Brasil com o início da colonização em 1530. Assim, foi com essa tentativa de consolidação e crescimento territorial que emergiram as primeiras posses de terras que deram origem a Poço Verde.

Do final do século XVI para início do século XVII, um grande movimento de colonização foi realizado na Zona territorial entre os rios que cortavam os sertões da Bahia e de Sergipe. Do lado baiano, os marcos de distribuição de terras partiam tanto do litoral, subindo os rios Inhambupe, Itapicuru e Real, quando de suas cabeceiras, caminhando no sentido da Costa. Já do lado sergipano, foram concedidas várias sesmarias nas áreas dos rios Piauí e Real, afluindo para ali muitos moradores da Bahia (Curvelo, 2022, p. 14-15).

Curvelo (2022), destaca que dentre os vários portugueses que receberam doações de sesmarias para povoar a região Nordeste da colônia se destaca a família Ávila e um dos membro dessa família chamado Garcia d'Ávila recebeu terras que englobavam as cabeceiras do rio real, que cortam o atual município de Poço verde, tornando-o uma das primeiras pessoas a ter domínio sobre o então território. Por mais de dois séculos sem praticamente nenhuma ocupação humana, essas terras foram arrendadas a fazendeiros baianos que a utilizaram para criação de gado.

É correto ressaltar que o rio Real desempenhou papel fundamental na ocupação e no desenvolvimento da região, servindo como fonte de água para abastecimento, agricultura e criação de animais, além de ter influenciado as rotas de povoamento e as formas de organização social e econômica local. Suas margens abrigaram antigas fazendas, comunidades rurais e, posteriormente, povoados que viriam a compor o município de Poço Verde. O rio ainda possui um lugar especial na memória dos moradores da cidade, sendo muito citado nos relatos orais da vida cotidiana, nos costumes e mudanças que o município passou ao longo do tempo.

Desde a época dos primeiros domínios sobre a terra que deram origem ao município, o Rio Real, já servia de limite territorial entre Bahia e Sergipe. Limites estes que, tempos em depois, determinaram o início da povoação da localidade, à sua margem direita, na Bahia, por meio de uma fazenda chamada Poço Verde, que era assim conhecida devido a existência de uma espécie de reservatório que, mesmo em período de seca, permanecia na superfície esverdeada, devida a alguma ligação com o rio (Curvelo, 2022, p. 27).

A fase de ocupação de fato da cidade veio em meados do século XIX quando Sebastião de Fonseca Dória adquiriu terras pertencentes aos herdeiros de Garcia d'Ávila dando início a fase de formação de Poço Verde. Vindo da Vila de São João Batista de Jeremoabo, então província da Bahia em 1839 Sebastião da Fonseca Dória comprou a fazenda Poço Verde e passou a residir na localidade juntamente com sua esposa Maria do Espírito Santo e seus dois filhos. O embate começa no desejo dele de construir uma capela em devoção a Santa Cruz, mas a paróquia da Vila de São João Batista de Jeremoabo não atende

seu pedido e o fazendeiro recorre a paróquia de Nossa Senhora Imperatriz de Campos do Rio Real, em Sergipe, onde foi fundada a atual cidade de Tobias Barreto e mais uma vez seu pedido foi negado, pois sua fazenda ficava fora do território sergipano.

A solução encontrada para que Sebastião da Fonseca Dória e sua esposa pudessem construir a capela com autorização da paróquia Nossa Senhora Imperatriz de Campos do Rio Real seria adquirir terras que pertencessem ao território sergipano. Assim, em 17 de junho de 1987 eles compraram o sítio Caxorro Morto que fazia parte da Vila de Campos do Rio Real e anexada a Lagarto, então comarca da Vila constitucional de Estância, província de Sergipe. Com uma localização ao lado de sua fazenda Poço Verde e a esquerda do Rio Real construiu-se então a capela e um cemitério. No decorrer do tempo, outras construções ao seu redor impulsionaram o povoamento e desenvolvimento da área, que passou a ser chamada de Poço Verde em decorrência da fazenda que lhe deu origem.

Aos poucos e de forma natural, a paisagem daquela terra foi se mudando. A cultura pastoril dos tempos do império foi dividindo espaço com a agricultura. Casas comerciais foram sendo abertas e a população existente, vinda dos arredores baianos e da própria sede, foi se tornando cada vez maior (Curvelo, 2022, p. 21).

Sua emancipação política ocorreu em 25 de novembro de 1953, entrando no mapa das novas divisões territoriais de Sergipe como município sergipano, passando em seguida para o processo eleitoral de escolha dos seus primeiros representantes políticos. Sua emancipação acompanhou a de outros municípios sergipanos, pois no início da década de 1950 foi criada a Lei nº 525-A, de 25 de novembro de 1953, que promoveu uma grande reestruturação atendendo as demandas de autonomias locais.

A emancipação de Poço Verde foi noticiada, conforme podemos observar na figura 9 no jornal brasileiro “A semana” cuja edição ocorria em Simão Dias- SE. A publicação e o uso desse jornal é uma fonte de grande relevância para a pesquisa, pois me permitiu analisar o registro produzido no próprio contexto em que o acontecimento ocorreu. Em se tratando da História Local, os jornais de época, como “A semana”, assumem um papel ainda mais significativo. Muitas vezes, são as únicas fontes escritas que registram acontecimentos de pequenas cidades, que não aparecem em documentos oficiais de grande circulação.

Figura 9 – Jornal A semana, ano 1954



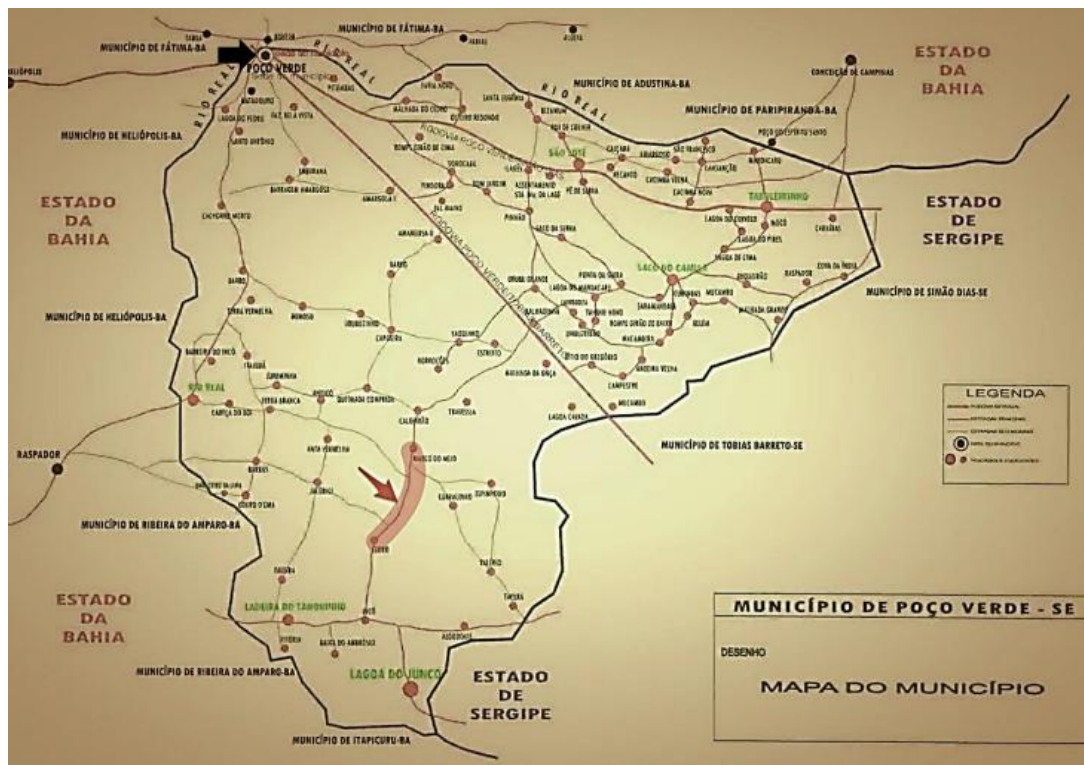
Fonte: A Semana (1954).

Dessa forma, em 03 de outubro de 1954 Poço Verde elegeu seu primeiro prefeito João Manoel de Oliveira, conhecido nas ruas da cidade por “Juca Carira”. Ele nasceu em 6 de abril de 1916 e faleceu em 2 de fevereiro de 1991. Além de seu papel político como prefeito, João de Oliveira foi o primeiro diretor da 1.^a Escola Estadual de Poço Verde e um dos primeiros professores da cidade. Ele também fundou o Grêmio Escolar Barão do Rio Branco em 20 de janeiro de 1946, onde atuou como professor de disciplinas como francês, inglês, matemática e português; também era comerciante de tecidos (Curvelo, 2022).

O desenvolvimento do município de Poço Verde pode ser compreendido à luz das reflexões de Corrêa (2004), que considera o espaço urbano não apenas como uma materialidade geográfica, mas como uma construção social e simbólica. Nesse sentido, Poço Verde pode ser considerado como um território historicamente constituído por múltiplas camadas de significados e marcado por ações acumuladas ao longo do tempo por diferentes agentes sociais. O crescimento da cidade a partir da criação de gado e de uma capela reflete os usos diversos do seu território e as disputas por espaço e visibilidade entre as diferentes classes sociais.

Abaixo, apresento o mapa com os povoados e municípios vizinhos da cidade. É visível um território marcado pela presença de muitos povoados, o que revela uma ocupação relacionada às atividades do meio rural, sendo que as maiores povoações estão concentradas em: São José, Tabuleirinho, Saco do Camisa, Rio Real e Lagoa do Junco

Figura 10 – Mapa de Poço Verde com povoados e municípios vizinhos



Fonte: Poço Verde (2013).

Corrêa (2004), afirma que o espaço urbano é resultado da atuação de diferentes agentes sociais, que são classificados de acordo com suas práticas cotidianas em: os proprietários dos meios de produção; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos. Essa atuação, que envolve relações complexas, está ligada à lógica da acumulação de capital, às múltiplas demandas da sociedade e aos conflitos de classe que surgem dessas demandas.

Em primeiro lugar, a ação destes agentes se faz dentro de um marco jurídico que regula a atuação deles. Este marco não é neutro, refletindo o interesse dominante de um dos agentes. A ação desses agentes serve ao propósito dominante da sociedade capitalista, que é o da reprodução das relações de produção, implicando a continuidade do processo de acumulação e a tentativa de minimizar os conflitos sociais (Corrêa, 2004, p. 12-13).

O Estado é apontado como o principal agente nesse processo, pois controla as leis de uso da terra, desenvolve políticas públicas e possui grandes áreas de terras. Sua atuação tem

como objetivo principal facilitar e manter o funcionamento da sociedade, por meio da criação de moradias, espaços públicos e infraestrutura urbana.

Por outro lado, os grupos sociais excluídos enfrentam dificuldades no acesso a bens e serviços essenciais, como a moradia, que continua sendo inacessível para grande parte da classe trabalhadora devido à falta de renda. Essa exclusão reflete na forma desigual e fragmentada com que a cidade capitalista é estruturada e nos modos como os serviços urbanos são distribuídos.

Os grupos sociais excluídos tornam-se, efetivamente, agentes modeladores, produzindo seu próprio espaço, na maioria dos casos independentes e a despeito dos outros agentes. A produção deste espaço é, antes de mais nada, uma forma de resistência e, ao mesmo tempo, uma estratégia de sobrevivência. Resistência e sobrevivência às adversidades impostas aos grupos sociais recém-expulsos do campo ou provenientes de áreas urbanas submetidas às operações de renovação, que lutam pelo direito a cidade (Corrêa, 2004, p. 30).

Em Poço Verde, a dinâmica urbana revela que sujeitos historicamente marginalizados se tornaram protagonistas da produção do espaço. Em locais habitados pelos grupos dos excluídos como o Xique-Xique, a autoconstrução, os mutirões, as redes de vizinhança e a ocupação de vazios urbanos criam territorialidades próprias, garantindo moradia e serviços de forma precária, porém efetiva.

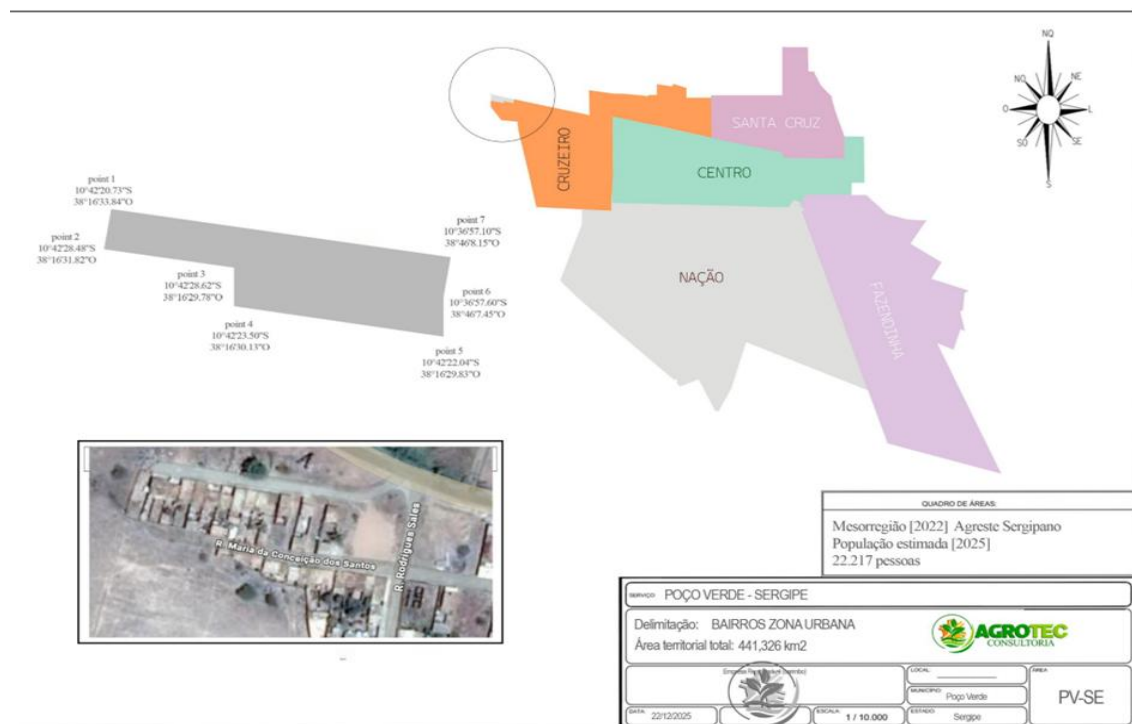
Portanto, compreender a ocupação das zonas periféricas de Poço Verde significa não analisar apenas as marcas deixadas pelo processo de urbanização excludente, mas também valorizar as narrativas e experiências daqueles que, historicamente, contribuíram para a formação social e cultural da cidade a partir das bordas.

3.2 QUANDO A CIDADE SE EXPANDE: A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO XIQUE-XIQUE

A história de um local, é também a história da cidade que o abriga e das relações sociais, econômicas e políticas que favorecem o seu desenvolvimento. Neste tópico, buscamos compreender o processo de formação e consolidação do Xique-Xique, em Poço Verde (SE), inserindo-o no contexto de desenvolvimento do município. Ao olhar para o Xique-Xique não apenas como um espaço geográfico periférico, mas como território de experiências, memórias e pertencimentos, reconheço sua importância na configuração urbana e identitária da cidade.

Segundo os dados de 2025 provenientes da Atenção Básica de Saúde, a localidade apresenta um quadro socioeconômico e habitacional marcado por múltiplas vulnerabilidades sociais, sendo composta pela Travessa José Rodrigues Sales e a rua Maria da Conceição, como é visível no mapa da figura 11. Por meio da imagem do mapa abaixo, posso apontar de forma concreta e visível o meu espaço de estudo, na travessa José Rodrigues Sales reside 6 famílias, totalizando aproximadamente 18 habitantes, e na Rua Maria da Conceição Santos, concentra 17 famílias, somando 70 habitantes. Trata-se, portanto, de um território relativamente pequeno em extensão, mas que revela graves problemas sociais e na estrutura de suas vias públicas.

Figura 11 – Mapa destacando o perímetro do Xique-Xique e suas ruas em 27 de dezembro de 2025



Fonte: José Artur Santos Sousa (2025b).

De modo geral, as famílias residentes no Xique-xique possuem baixa renda e enfrentam severas limitações no acesso a oportunidades de emprego formal, o que contribui para a manutenção de ciclos de pobreza e exclusão social. A precariedade econômica influencia nas condições de moradia, uma vez que a infraestrutura urbana é insuficiente e muitas habitações não atendem aos padrões mínimos de salubridade e conforto. A maioria das casas são formadas por coabitação excessiva, com mais de dez pessoas vivendo em um único

cômodo, situação que compromete a privacidade, a saúde física e mental dos moradores, além de contribuir nos conflitos no âmbito doméstico.

Esse cenário de precarização habitacional e econômica também se articula a outros problemas sociais identificados pelos serviços de saúde, como os elevados índices de violência doméstica e o uso de drogas na área. Tais fenômenos não podem ser compreendidos de forma isolada, mas sim como resultado de um conjunto de fatores estruturais, incluindo a ausência de políticas públicas efetivas, a fragilidade da rede de proteção social e a falta de equipamentos públicos que promovam lazer, cultura e geração de renda.

A fotografia aérea do Xique-Xique na figura 12, demonstra a estrutura habitacional do local. É possível perceber um terreno composto majoritariamente por residências, sem a presença de patrimônios públicos que favoreçam o encontro, o descanso e a socialização dos moradores.

Figura 12 – Registro aéreo do bairro Xique-Xique em 16 de outubro de 2024



Fonte: Antônio Renan dos Santos (2024c).

Grande parte das terras que compõem essa região, era uma propriedade rural de nome “Lagoa do Mato” e pertencia ao senhor Manoel Zacarias de Oliveira, uma figura de grande destaque em Poço Verde por ser proprietário da única farmácia de manipulação na cidade e desempenhar função de médico para os moradores locais e das regiões circunvizinhas.

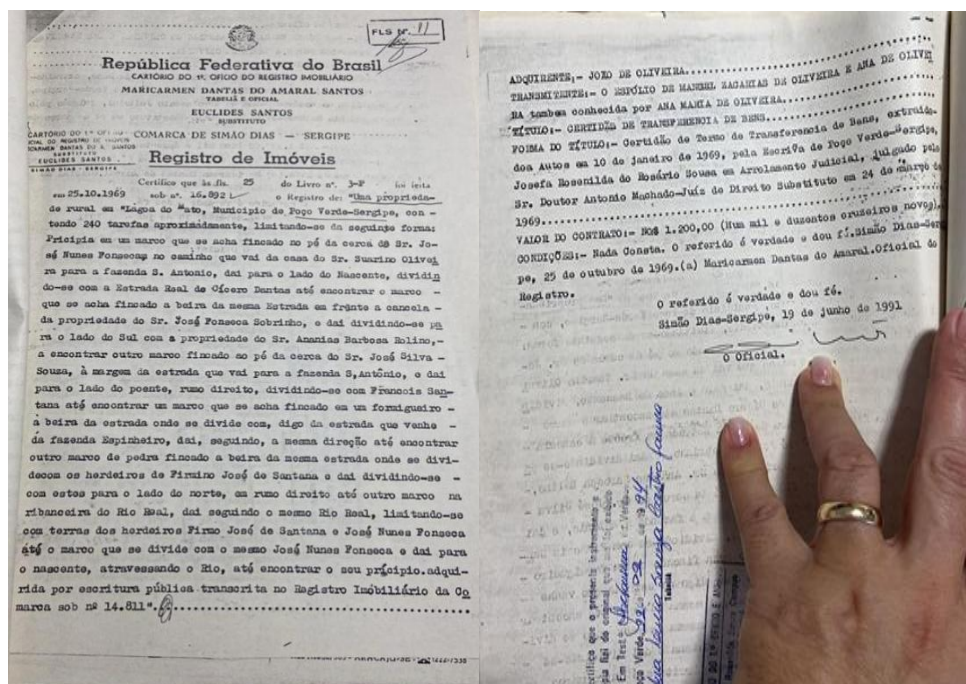
Esse fato ocorreu principalmente, porque no início do século XX era comum em povoados a carência de alguns serviços básicos, inclusive o de saúde, e em Poço Verde nesse período não seria diferente, sem hospitais e profissionais da área Manoel Zacarias passou a

desempenhar a função de médico. Fruto de uma “sabedoria popular”, sem nenhum diploma de curso superior era a ele que os cidadãos procuravam quando precisavam de serviços ligados à saúde.

Contam os antigos que, certa vez, um homem, vindo a cavalo dos arredores baianos, o procurou para que manipulasse um remédio para sua esposa, a qual estava grávida e sentia muitas dores. Oportunidade em que produziu um líquido e o entregou ao referido homem, que em meio a chuva, acabou derramando-o na travessia do Rio Real. Desesperado e temendo não ter tempo de socorrer sua esposa, encheu o recipiente com água do próprio rio e levou para ela, dizendo-lhe se tratar de um remédio feito por Manoel Zacarias. Crente no que seu marido lhe disse, a mulher que sofria a dias bebeu o líquido e obteve melhora. Trata-se apenas de um exemplo do que esse homem representa para as pessoas de sua época (Curvelo, 2022, p. 83-84).

Falecido em 1955, Manoel Zacarias deixa como herança as terras da Lagoa do Mato para seu filho João de Oliveira (já citado anteriormente pela sua atuação política e educacional na cidade), que com o passar do tempo, dividiu o terreno entre os seus descendentes, mantendo-se dentro do círculo familiar, o que contribuiu para a consolidação do espaço como território de memória não só para as pessoas que ocupam esses espaços. A foto da certidão de transferência de propriedade que compõe a figura 13 abaixo, não só ratifica as informações acima, como revela aspectos jurídicos e administrativos que marcaram o uso e a circulação das terras que compõem o Xique-xique.

Figura 13 – Certidão de transferência de propriedade



Fonte: Simão Dias (1991).

Segundo seu filho, Tarcísio Fonseca Oliveira, de 64 anos, bancário aposentado e que herdou a maior parte do terreno em 1989, essas terras sempre foram utilizadas por seu pai para o plantio e a criação de animais e em suas memórias existiam duas casas no local, uma feita de taipa, árvores e um rio na área. Ao nos relatar sobre o terreno ficou muito emocionado, pois para ele a localidade tem um grande valor histórico familiar e se sentiu muito satisfeito em poder colaborar para essa pesquisa, evidenciando a participação de sua família no desenvolvimento de Poço Verde e do bairro em apreço.

Logo abaixo apresento registro fotográfico de Tarcísio Fonseca de Oliveira (figura 14), uma vez que a fotografia possibilita a contextualização dos relatos orais, auxiliando na interpretação das informações.

Figura 14 – Registro fotográfico de Tarcísio Fonseca Oliveira



Fonte: arquivo pessoal da autora.

A senhora Maria José Santos Santana, uma das primeiras moradoras do local, atesta que o seu pai Sr. José Rodrigues de Souza e sua mãe Valdice de Souza compraram um lote do terreno quando ela ainda era criança, com a idade de seis ou sete anos (não recorda sua idade correta nem a quem pertencia o terreno que seu pai comprou), mas fazendo os cálculos com sua idade atual acredito que o acontecimento pode ter ocorrido entre os anos de 1975 e 1976.

Figura 15 – Um dos primeiros casais a residirem no Xique- Xique: Valdice de Souza José Rodrigues de Souza



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Atualmente, sua família permanece quase toda morando no local, irmãos, filhos, sobrinhos e netos favoreceram o crescimento habitacional da localidade de forma bastante significativa. Essa permanência familiar na comunidade consolidou laços de identidade e resistência, conferindo ao bairro características singulares marcadas pela continuidade histórica e pelas relações de vizinhança herdadas por gerações.

No período final da década de 1970 as terras ainda eram utilizadas para o cultivo de roça, como afirmou Tarcísio Fonseca de Oliveira e foi confirmada por dona Maria José Santos Santana, mas na década de 1980 o local passou por um processo significativo de transformação em seu ambiente. O espaço que antes servia à produção agrícola foi gradativamente ocupado por construções residenciais, marcando o início da consolidação como área habitacional. Essa mudança não apenas alterou a paisagem local, mas também redefiniu as formas de uso do território, dando lugar a uma dinâmica urbana voltada à vida comunitária e às relações de vizinhança. Assim, o bairro deixou de ser reconhecido como área

de plantio para assumir a identidade de um espaço de moradia, constituindo-se em parte importante do processo de urbanização da cidade.

Segundo Curvelo (2022), diversas iniciativas foram fundamentais para o desenvolvimento de Poço Verde. Entre elas, destacam-se aquelas realizadas no bairro Cruzeiro, do qual oficialmente o Xique-Xique faz parte. A criação da Escola de 1º Grau Antônio Muniz de Souza e a implantação do serviço de abastecimento de água potável, por meio do Departamento de Saneamento de Sergipe (DESO), representaram marcos importantes desse processo. Tais ações não apenas melhoraram as condições de vida da população local, como também contribuíram para atrair novos moradores, vindos de outras localidades, consolidando a expansão urbana e social do município.

As terras que pertenciam a Tarcísio Fonseca de Oliveira começaram a ser doadas no início dos anos de 1990 para pessoas que não tinham condições financeiras de comprar um imóvel e construir suas moradias. O doador dos lotes nos informou que não sabe ao certo, mas acredita que maioria das casas que compõem o Xique-Xique são de doações feitas por ele.

Outra proprietária de lotes de terra no local era a senhora Maria Josefa de Santana Ninnin. Em 1980, ao vender parte de sua propriedade, ela possibilitou a construção de uma das primeiras casas do bairro, fato que se tornou um marco para o desenvolvimento habitacional local. Na figura 16 é possível observar pelo registro fotográfico parte desses lotes de terras, que eram usados para o cultivo agrícola e criação de animais.

Figura 16 – Área que deu origem a uma das primeiras habitações locais 1980



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Alguns moradores eram naturais de Poço Verde, e os que chegaram de fora, em sua maioria vieram do Estado da Bahia, principalmente do município de Fátima (Povoado Serra Velha) e do Cubanzê (povoado de Heliópolis), como estas cidades limitam-se a Oeste de Poço Verde, para adentrarem na cidade passavam pelas localidades que hoje é o Xique-Xique. Atraídos pela maior feira da região que ocorria e ainda ocorre aos sábados, essas pessoas passaram a ver Poço Verde como uma oportunidade para melhorar de vida e adquirir uma nova estadia numa área ainda não ocupada na cidade. Para Curvelo (2022), as feiras eram um grande evento na cidade, e foi retratado com notável sensibilidade por Antônio Virgílio Sobrinho em seu poema a “A feira de Poço Verde” (Curvelo, 2022, p. 28):

A FEIRA DE POÇO VERDE

São sete horas... o comércio abriu as portas
E os compradores agrupados vão chegando
Na rua... pelo vento correm folhas mortas
E de cansaço passam velhas suspirando

Atrás dos muros das casas, nos mourões
Os animais são amarrados sem licença
Pelas calçadas... os arreios em montões
Conferenciam sonsos numa dor imensa

A feira começou...um cheiro de cachaça
Mistura-se cm o ar e o hálito do povo
Fazendo a sensação de morraça

As lojas...estão cheias... o caixeiro sua
Sol está quase em pino e um ciclo novo vem.

Segundo Joel de Jesus Santos, morador do bairro e fundador da associação de moradores, o local não teve muitas mudanças em sua estrutura física, além da construção de novas casas. O local continua sem assistências dos órgãos governamentais, há falta de asfaltamento, rede de esgoto, construção de praça e área de lazer para os seus habitantes.

Assim, podemos observar que longe de ser apenas um aglomerado urbano marginalizado, sua ocupação não se deu de forma espontânea ou ordenada, mas foi resultado de dinâmicas sociais, econômicas e políticas que envolveram tanto a exclusão quanto o poder de transformação das pessoas que habitam este lugar.

3.3 XIQUE-XIQUE: UM NOME, MUITAS HISTÓRIAS

O nome de um bairro carrega em si muito mais do que uma simples identificação geográfica. Ele é uma expressão simbólica da história, da cultura e das vivências de uma comunidade. Ao nomear um bairro, registram-se memórias, acontecimentos marcantes, homenagens a figuras locais ou características naturais do território.

Marc Bloch, um dos fundadores da Escola dos Annales, dedicou atenção especial à discussão sobre as origens dos nomes como parte fundamental do trabalho do historiador. Para Bloch (2001), os nomes sejam eles de lugares, grupos sociais, instituições ou práticas, não constituem designações neutras ou casuais, mas são construções históricas carregadas de sentidos. Em sua obra *Apologia da História ou o Ofício do Historiador* (2001), o autor ressalta que investigar a origem dos nomes é um caminho privilegiado para compreender as transformações sociais, culturais e simbólicas ao longo do tempo.

Segundo ele, os nomes surgem em contextos específicos e respondem a necessidades concretas de identificação, distinção e poder. A nomeação de um território, por exemplo, pode revelar relações de dominação, processos de ocupação, memórias coletivas ou tentativas de apagar experiências anteriores.

Assim, ao analisar um nome, o historiador deve questionar quem o atribuiu, em que contexto histórico, com quais interesses e de que maneira esse nome foi apropriado, ressignificado ou contestado ao longo do tempo. Essa postura crítica impede que o historiador naturalize categorias herdadas do passado e as utilize de forma acrítica em suas análises. Bloch também alerta para o perigo do anacronismo na interpretação dos nomes. Muitas denominações permanecem, mas seus significados se transformam profundamente. Um mesmo termo pode assumir sentidos distintos em épocas diferentes, refletindo mudanças nas estruturas sociais, nas mentalidades e nas relações de poder.

“Os nomes de lugares são, muitas vezes, verdadeiros fósseis da linguagem e da vida social. Sobrevivem a transformações profundas das populações, das instituições e das paisagens, conservando a lembrança de realidades há muito desaparecidas” (Bloch, 2001, p. 71).

Essa afirmação, é central para a compreensão histórica da origem e permanência dos nomes, especialmente no campo da toponímia histórica. Mesmo quando o contexto original se transforma, como ocorre com bairros periféricos, áreas urbanas reconfiguradas ou territórios oficialmente redefinidos, o nome permanece como um arquivo vivo da memória coletiva. Desse modo, o historiador não deve pensar o nome como uma explicação em si, mas como

um ponto de partida para uma investigação mais ampla sobre a realidade histórica que o produziu.

Outro aspecto central na reflexão de Marc Bloch é a relação entre linguagem e sociedade. Para ele, os nomes fazem parte de um sistema linguístico vivo, profundamente conectado às práticas sociais e às representações coletivas. A análise etimológica, embora importante, não é suficiente se não estiver articulada ao estudo das condições históricas concretas. O autor defende uma abordagem interdisciplinar, dialogando com a linguística, a geografia, a sociologia e a antropologia, a fim de compreender os múltiplos significados que os nomes podem assumir.

Nesse sentido, a discussão de Bloch sobre as origens dos nomes colabora para uma concepção de História que valoriza a complexidade do social e rejeita explicações simplistas. Ao investigá-los criticamente, o historiador amplia sua compreensão sobre como as sociedades se percebem, se organizam e narram a si mesmas ao longo do tempo, reafirmando o compromisso da História com a problematização constante de suas próprias categorias de análise.

Para Souza (2021), o nome de um local não é apenas uma designação geográfica, ele carrega em si vários significados, memórias coletivas e identidades construídas ao longo do tempo. Nomear um espaço urbano é ato de alto poder representativo, pois pode tanto valorizar quanto invisibilizar histórias locais. Em muitos casos, esses nomes estão relacionados a marcos históricos, lideranças comunitárias, eventos significativos ou características naturais da região, funcionando como uma forma de resistência cultural e de afirmação territorial das populações locais. Por isso, compreender a origem e os sentidos atribuídos ao nome é fundamental para o fortalecimento da identidade dos seus moradores e para a valorização da sua memória.

No caso do nome Xique-Xique a origem do seu nome divide algumas opiniões quanto ao significado do seu nome, refletindo as diferentes tradições e memórias presentes entre seus moradores.

A primeira versão, amplamente difundida entre os moradores e presente na memória coletiva local, aponta que o nome do local teria se originado a partir de uma planta típica da região, conhecida popularmente como “xique-xique”, como é possível visualizar na figura 17. Trata-se de uma espécie de cacto resistente, adaptada às condições climáticas do semiárido, que era bastante comum nas áreas onde o bairro começou a ser ocupado. Segundo os relatos, essa planta aparecia com frequência ao longo das cercas de arame que delimitavam terrenos e propriedades, funcionando quase como um elemento paisagístico recorrente naquele espaço.

Essa explicação confere centralidade à relação entre o meio natural e o processo de ocupação do território, atribuindo à vegetação local um papel importante na constituição da identidade do local e na forma como seus moradores passaram a nomeá-lo e reconhecê-lo.

Figura 17 – Planta Xique-Xique (*Pilosocereus Polygonus*)



Fonte: Pilosocereus Polygonus, 2025.

Entretanto, essa narrativa não está isenta de controvérsias. Alguns depoimentos e interpretações alternativas problematizam a associação direta entre o nome do bairro e a planta conhecida como xique-xique. Há quem sustente que, na realidade, a vegetação predominante na área não seria esse cacto específico, mas sim uma planta popularmente chamada de “fuxico”, como a que é representada na figura 18. Isso teria gerado, ao longo do tempo, um equívoco na nomenclatura, o nome “Xique-Xique” poderia resultar de um processo de simplificação, confusão ou resignificação oral, comum em contextos nos quais a transmissão da memória ocorre predominantemente de forma verbal e intergeracional.

Figura 18 – Planta fuxico (*Euphorbia tirucalli*)



Fonte: Euphorbia tirucalli, 2025.

Essa divergência em torno da origem do nome revela aspectos importantes sobre a construção das memórias locais, demonstrando que elas não são homogêneas nem fixas, mas compostas por disputas de sentido, esquecimentos e reelaborações. Mais do que estabelecer uma versão definitiva, o debate em torno da planta que teria dado nome ao local contribui para compreender como os moradores interpretam o passado, dão significados ao espaço que habitam e constroem narrativas identitárias que articulam natureza, território e experiência social. Nesse contexto, a problemática da nomenclatura não diminui o valor da explicação, mas reforça a necessidade de analisá-la como parte de um processo histórico e memorial dinâmico, marcado por diversas vozes e interpretações.

Dessa forma, é correto considerar a ideia de que poderia ter vigorado na região a presença das duas espécies de plantas. Hoje não encontramos mais nenhum dos tipos da vegetação no local elas tiveram que ser arrancadas para construção das casas habitacionais.

Já a segunda versão associa a denominação da localidade à existência de antigos chiqueiros na localidade, estruturas que, embora não estejam mais presentes no espaço físico atual, foram, ao longo do tempo, sendo gradativamente desativadas e destruídas em função do processo de urbanização e da construção de moradias. Essa interpretação tem conexão de maneira mais direta à história econômica e social do lugar, destacando um período em que a vivência local estava profundamente marcada pela atividade rural e pela ocupação das terras por antigos proprietários que se dedicavam à criação de porcos em chiqueiros.

Tal versão não apenas explica a origem toponímica do bairro, mas também permite compreender as transformações do espaço ocorridas ao longo do tempo, revelando a passagem de um território predominantemente rural para um espaço urbano, formado por

novas formas de ocupação, moradia e sociabilidade. Desse modo, a memória associada aos chiqueiros funciona como um vestígio dos modos de vida anteriores.

Ambas as versões, portanto, desempenham um papel relevante na construção da identidade histórica e cultural local, ao mostrarem diferentes formas de significado atribuídas ao mesmo espaço. Essa variedade de interpretações reforça a importância de considerar as memórias dos moradores como fontes legítimas para a escrita da História local, especialmente no âmbito do ensino e da pesquisa histórica, uma vez que contribuem para ampliar a compreensão do território para além dos registros oficiais, valorizando as vivências cotidianas.

3.4 DA SALA DE AULA À COMUNIDADE: IMPORTÂNCIA DA ESCOLA ESTADUAL ANTÔNIO MUNIZ DE SOUZA NO XIQUE-XIQUE

Início esse tópico apresentando a figura 19 com o registro aéreo da Escola Estadual Antônio Muniz de Souza. Diferentemente das imagens em nível do solo, a fotografia aérea oferece uma visão panorâmica que permite compreender a escola não apenas como um edifício isolado, mas como parte integrante de um contexto ambiental mais amplo. Assim, é possível visualizar a localização cercada por áreas residências, o que favoreceu o desenvolvimento de práticas pedagógicas interdisciplinares e projetos educativos voltados à comunidade, como atividades culturais e ações sociais.

Figura 19 – Registro aéreo da Escola Antônio Muniz em outubro de 2024



Fonte: Antônio Renan dos Santos (2024a)

Ao fazer parte do corpo docente da Escola Estadual Antônio Muniz de Souza a partir de 1 junho de 2014, fui percebendo que aquele espaço educativo estava intrinsecamente entrelaçado às histórias e identidades construídas no entorno. As conversas informais com estudantes e funcionários revelavam, pouco a pouco, que a escola não era apenas um equipamento público localizado próximo Xique-Xique, mas um espaço de referência, de sociabilidade e de reconhecimento para a comunidade.

O processo de escuta das narrativas dos estudantes fez nascer aquilo que Paul Ricoeur entende como o papel da memória na constituição da identidade narrativa: “contamos histórias porque, fundamentalmente, nossas vidas pedem para ser narradas” (Ricoeur, 2007). Ao observar como os estudantes falavam sobre o Xique-Xique, suas ruas, festas, conflitos, personagens e mudanças, percebi que suas narrativas não apenas descreviam o bairro, mas o produziam simbolicamente, reafirmando pertencimentos e disputando sentidos.

Desse modo, iniciar minha prática docente nessa escola foi também começar uma investigação sobre como o bairro é narrado e sentido por seus habitantes. Minha presença ali se transformou numa posição dupla: professora e pesquisadora, permeada pela convivência cotidiana e pela necessidade de compreender historicamente aquele espaço. Como observa Geertz (1989), toda interpretação é uma “descrição densa” que exige atenção às camadas de significado inscritas nas ações humanas.

Por outro lado, a forma como o Xique-Xique é narrado por pessoas que não pertencem ao seu cotidiano demonstram distorções em torno da memória e da representação social do território. Muitas vezes, esses discursos externos produzem imagens estigmatizadas, associando o espaço à pobreza, à violência ou à marginalidade, numa lógica que Wacquant (2008) denomina de “estigma territorial”, quando determinados lugares são marcados por significados negativos que passam a definir seus moradores. Tais narrativas, distantes da experiência concreta daqueles que vivem o bairro, constroem o que Geertz (1989) chamaria de “descrições rasas”: percepções superficiais, repetidas e pouco sensíveis às práticas culturais e aos vínculos comunitários que estruturam a vida local. Além disso, elas dialogam com o que Pollak (1992) identifica como memórias enquadradas, isto é, representações dominantes que silenciam outras vozes e outras versões possíveis da história. Analisar como “os de fora” falam sobre o Xique-Xique, portanto, não significa apenas mapear estereótipos, mas compreender como essas narrativas influenciam a autoestima dos moradores, moldam políticas públicas e tensionam o direito à memória e ao pertencimento.

Assim, minha inserção na escola se converteu também em um percurso investigativo. Ao mesmo tempo em que buscava me adaptar à dinâmica pedagógica e institucional da

Antônio Muniz, fui sendo convidada de forma silenciosa, porém insistente a olhar para o Xique-Xique não apenas como paisagem externa, mas como campo vivo de pesquisa, feito de vozes, silêncios, disputas, memórias e pertencimentos. A convivência cotidiana me levou a perceber que compreender o bairro era também entender a escola, sua história, suas práticas e os sentidos que as pessoas constroem sobre si e sobre o lugar que habitam.

Em locais periféricos, onde muitas vezes faltam investimentos em infraestrutura, lazer e serviços públicos, a escola se torna muito mais do que um espaço de ensino formal: ela representa um ponto de encontro, de pertencimento e de esperança para a comunidade. O prédio escolar, com suas salas, pátios e muros, carrega memórias, vivências e histórias que ultrapassam os limites do conteúdo curricular. É ali que crianças e jovens constroem saberes, convivem com o diferente, enfrentam desafios sociais e encontram possibilidades de transformação pessoal e coletiva.

A presença da escola nesses ambientes também cumpre uma função poderosa. Seu prédio, muitas vezes simples, se torna como ambiente de resistência, demonstrando que educação é um direito de todos, independentemente da condição social ou da localização geográfica. Assim, preservar e valorizar esse espaço é também reconhecer a importância da educação como ferramenta de emancipação e cidadania, especialmente em contextos onde as desigualdades se fazem mais presentes.

Inserida no bairro Cruzeiro, a escola localiza-se a uma distância aproximada de 300 metros da área conhecida como Xique-Xique, como pode ser observado na figura 20. A imagem evidencia a proximidade física entre a escola e a localidade, reforçando o papel da unidade escolar como referência educativa e social para seus moradores.

Figura 20 – Registro aéreo da localização da Escola Antônio Muniz em relação ao Xique-Xique em outubro de 2024



Fonte: Antônio Renan dos Santos (2024b).

Nesse sentido, a vivência cotidiana, as relações sociais estabelecidas e as experiências compartilhadas entre a comunidade escolar e os moradores do Xique-Xique fazem com que, no imaginário social e na percepção popular, a escola seja compreendida como parte integrante desta localidade. Tal reconhecimento demonstra a distância existente entre as classificações administrativas e as dinâmicas sociais efetivamente vividas, revelando como o uso do espaço e as práticas sociais produzem outras formas de territorialização e de identificação. Essa condição é particularmente relevante para a pesquisa em História local, pois permite compreender a escola não apenas como um sistema educacional presente em determinado local, mas como um espaço social que se insere, dialoga e participa ativamente da memória, da identidade e do cotidiano do Xique-Xique.

O município de Poço Verde dispõe de uma rede educacional composta por instituições das redes estadual e municipal, responsáveis por atender diferentes etapas da Educação Básica. No âmbito da rede estadual, o município conta com cinco escolas localizadas na sede urbana, sendo três destinadas ao Ensino Fundamental II. Dentre essas unidades, uma encontra-se situada no povoado de São José, afirmando a presença do Estado também nas áreas mais afastadas do centro urbano. Além disso, a rede estadual mantém duas escolas que ofertam o Ensino Médio, desempenhando papel fundamental na continuidade da escolarização dos estudantes que concluem o Ensino Fundamental e buscam a formação básica exigida para o ingresso no ensino superior ou no mercado de trabalho.

Paralelamente, a rede municipal de ensino apresenta uma estrutura mais ampla, totalizando 14 escolas, responsáveis principalmente pela Educação Infantil e pelo Ensino Fundamental. Dentre essas unidades, cinco estão localizadas na sede do município, sendo duas delas destinadas ao funcionamento de creches. As demais escolas da rede municipal estão distribuídas pelos povoados, somando 09 unidades, demonstrando uma descentralização da oferta educacional e de garantia do acesso à educação para a população residente nas zonas rurais.

A presença da Escola Antônio Muniz de Souza na região teve início em 20 de março de 1983 com o nome de Escola de 1º grau Antônio Muniz de Souza, só depois de alguns anos teve seu nome alterado para Escola Estadual Antônio Muniz de Souza. A escolha de seu nome aconteceu de forma equivocada, a princípio seu patrono deveria ser Joaquim Emídio dos Santos, um dos pioneiros da família Emídio em Poço Verde, mas devido a um grande contingente de inaugurações em Sergipe, os nomes foram trocados.

Dessa forma, o patrono da escola ficou sendo Antônio Muniz de Souza, que era natural da antiga Vila do rio Real e ficou conhecido pelos seus estudos sobre plantas, remédios e riquezas minerais. Nas suas pesquisas pelo sertão brasileiro recolheu materiais, que foram doados para instituições científicas e por isso foi nomeado como “homem de natureza”, além da publicação de alguns livros, dentre os quais se destacam *viagens e observações de um brasileiro* e *Máximas e pensamento*.

Quando cheguei na escola ela ofertava o Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) e o Ensino Fundamental II (6º ao 9º) e funcionava nos turnos matutino e vespertino. Em 2020, a escola deixou de ofertar o Ensino Fundamental I, em decorrência da implementação do processo de municipalização dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A partir dessa reorganização da rede de ensino, a responsabilidade pela oferta do Ensino Fundamental I passou a ser atribuída ao município, conforme as diretrizes legais que orientam a divisão de competências entre os entes federativos no sistema educacional brasileiro.

Com a municipalização, o atendimento aos estudantes dos anos iniciais foi gradativamente transferido para a rede municipal de ensino, cabendo ao município assumir tanto a gestão administrativa quanto pedagógica dessa etapa da educação básica. Nesse contexto, a escola passou por uma reconfiguração de sua função no sistema educacional local, concentrando suas atividades exclusivamente no Ensino Fundamental II, o que implicou alterações em sua estrutura organizacional, no quadro de profissionais e na dinâmica escolar.

No âmbito institucional, a perda do Fundamental I impactou diretamente a organização da escola, levando à redução do número de turmas, de estudantes matriculados e,

consequentemente, de profissionais. Resultando na diminuição do quadro docente e técnico-administrativo, precarizando as condições de trabalho e comprometendo a diversidade de práticas pedagógicas.

Sua estrutura arquitetônica permanece praticamente a mesma desde sua fundação, apenas pequenos reparos foram feitos ao longo dos anos: São cinco sala de aulas e uma sala de recursos multifuncional, além disso ela conta com uma secretaria, cozinha, pátio com uma pequena parte coberta e a outra descoberta e 04 banheiros, sendo dois adaptados.

Apesar da escola contar com uma área de terreno relativamente ampla em sua estrutura, foi possível observar que essa disponibilidade física não se traduziu, no transcorrer do tempo, em investimentos estruturais significativos. A instituição não recebeu reformas capazes de garantir a construção de uma quadra poliesportiva adequada, de uma biblioteca estruturada, de uma sala de informática funcional, uma sala de professores ou mesmo de um refeitório que atendesse às necessidades básicas dos estudantes.

A Figura 21 apresenta o registro fotográfico do pátio da escola, espaço utilizado para a realização de apresentações dos alunos. Como é perceptível, o local não possui cobertura nem arquibancada, o que dificulta a permanência e o conforto do público durante os eventos. A ausência dessas estruturas compromete a participação do público, especialmente em situações de forte incidência solar ou em períodos chuvosos, além de limitar as possibilidades pedagógicas e culturais das atividades realizadas no espaço.

Figura 21– Pátio da escola onde ocorre apresentações dos alunos 2018



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Eu e os demais professores ficamos angustiados pela falta principalmente de uma quadra na escola, pois a prática de atividades esportivas é algo que a maioria dos alunos amam praticar na escola. Essa ausência de quadra tem resultado no uso indevido de áreas não planejadas para a prática de esportes, gerando impactos significativos no processo pedagógico e no bem-estar dos estudantes. Sem um espaço adequado, as aulas de Educação Física e atividades recreativas são frequentemente realizadas em locais improvisados, expostos a condições climáticas adversas, como o sol intenso e as chuvas repentinas que caracterizam a região. Essa situação compromete não apenas o desempenho físico e a participação dos alunos, mas também sua segurança, uma vez que o calor excessivo pode causar mal-estar, desidratação e queda no rendimento, enquanto a chuva pode provocar escorregões, interrupções constantes e impossibilidade de continuidade das atividades.

A ausência de cobertura impacta diretamente o desenvolvimento das práticas esportivas e recreativas, mas não impede que o ambiente seja lembrado como cenário de vivências marcantes, momentos de convivência e construção de laços que atravessam a memória da comunidade escolar. Assim, o espaço, embora precário, ganha significado para além de sua função física, tornando-se parte da história da escola e das trajetórias dos estudantes, como evidencia a figura 22 ao trazer os registros dos jogos internos que fazem parte do calendário escolar.

Figura 22 – Jogos internos da escola no ano de 2017 realizado no “campinho”



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Os moradores do Xique-Xique enxergam a escola como um espaço fundamental em suas trajetórias e na formação das novas gerações. Para muitos, ela representa mais do que um

local de ensino: é um ponto de referência na comunidade, um lugar de acolhimento, convivência e esperança.

Diversos relatos me mostraram que pais e responsáveis veem a escola como uma oportunidade de mudança, sobretudo em um contexto marcado por desafios socioeconômicos. Muitos expressam gratidão pela presença da instituição no próprio bairro, o que facilita o acesso à educação e contribui para a permanência dos filhos nos estudos. Há um reconhecimento do papel da escola na construção de um futuro melhor, mesmo diante das limitações estruturais enfrentadas tanto pelo bairro quanto pela instituição.

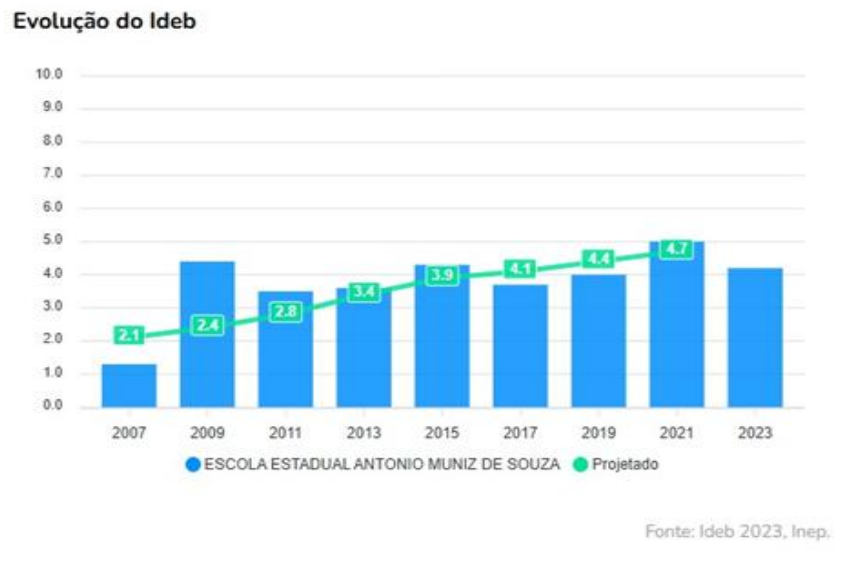
Além disso, a escola é lembrada como parte da história de vida de muitos moradores adultos, que ali estudaram, criaram laços e hoje voltam como pais, mães ou avós. Esse sentimento de pertencimento reforça o valor simbólico que a escola assume na memória coletiva da comunidade.

Por outro lado, também há críticas e cobranças quanto à infraestrutura, à segurança e à necessidade de maior apoio por parte do poder público. Apesar disso, a maioria dos moradores reconhece o esforço dos profissionais da educação e o papel transformador que a escola pode exercer na vida das crianças e adolescentes do Xique-Xique.

É importante destacar também, os resultados que a instituição de ensino vem obtendo em relação ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), pois esse é um indicador de maior relevância para a análise da qualidade da educação no Brasil, sendo uma rica fonte diagnóstica para ações planejadas de acordo com a realidade de cada escola.

Dessa forma, apresento os dados do IDEB da escola a partir do ano de 2007 até a última avaliação disponível no sistema, que foi em 2023. Conforme o gráfico da figura 22, houve uma evolução do indicador, que não foi fruto do acaso, mas resultado de um conjunto de ações pedagógicas, projetos interdisciplinares e do engajamento da comunidade escolar, que contribuíram para a melhoria do fluxo escolar e do desempenho dos estudantes nas avaliações externas.

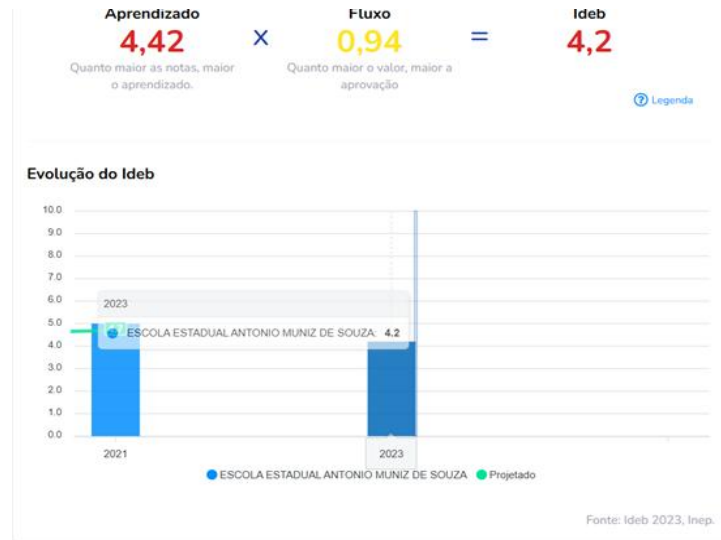
Figura 23 – Evolução do IDEB



Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2025)

O resultado do ano 2023 indica uma queda que merece análise cuidadosa, conforme mostra os dados da figura 24. A escola diminuiu o IDEB de 4,7 para 4,2. Esse resultado negativo, fez aumentar a necessidade de repensar as estratégias de acompanhamento pedagógico e de fortalecimento da permanência dos alunos na escola. Quando há evasão, faltas frequentes e descontinuidade no processo formativo, os resultados quantitativos acabam refletindo em problemas maiores que devem ser resolvidos.

Figura 24 – Dados do último IDEB 2023



Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2025).

Mesmo diante da implementação de diversos projetos que extrapolam o âmbito estritamente pedagógico, envolvendo ações culturais, sociais e comunitárias, a escola enfrenta, paradoxalmente, o risco iminente de desativação em razão da queda contínua no número de matrículas.

Nesse sentido, a redução das matrículas não pode ser analisada de forma isolada, mas compreendida dentro de um contexto mais amplo, que envolve transformações demográficas, reorganizações da rede de ensino e decisões administrativas que impactam diretamente a vida da população local. Assim, o risco de fechamento da escola revela tensões entre indicadores quantitativos e o valor social da instituição.

Mais do que um espaço de ensino formal, a escola cumpre um papel fundamental na construção de identidades, no fortalecimento dos vínculos comunitários e na promoção da cidadania. Ao longo dos anos, tornou-se referência para as famílias da região, acolhendo gerações de estudantes e contribuindo para o desenvolvimento humano e intelectual dos moradores. Sua presença reafirma o direito à educação pública de qualidade e evidencia como a escola pode ser um agente transformador em territórios historicamente marginalizados, como o Xique-Xique.

4 MUNDO DIGITAL E HISTÓRIA LOCAL: PREPARANDO AS MEMÓRIAS DE VIVÊNCIA DO XIQUE-XIQUE PARA AS REDES SOCIAIS

Para que objetivo dessa pesquisa fosse possível, adotei procedimentos metodológicos pautados no referencial teórico já apresentado, nas questões que procuramos responder ao longo do trabalho e na proposta do Recurso Didático desenvolvida por mim e pelos estudantes participantes.

Entretanto, algumas estratégias tiveram que ser modificadas ao longo do percurso, pela delimitação do tempo e de ajustes necessários para melhorar o desempenho dos estudantes, principalmente na realização das entrevistas. Por isso, nesse capítulo me debrucei em apresentar o conjunto de procedimentos empregados na realização da pesquisa, garantindo sua rigorosidade e credibilidade científica.

Na proposta curricular de Sergipe, podemos observar algumas sugestões no que diz respeito às ações pedagógicas que podem ser desenvolvidas pelos professores em sala de aula. Nela observamos uma gama de atividades que cooperam para desenvolver as competências dos alunos no processo educativo, onde a aprendizagem segue alinhada com as necessidades e os interesses do mundo moderno.

Desse modo, a ação metodológica de ensino propõe uma perspectiva pedagógica estruturada em atividades diversificadas (cadernos de registros dos estudantes; portfólios com coletâneas de atividades; dramatizações; seminários; trabalhos em grupo e outros), ampliação de vocabulário, expansão do repertório cultural, intensificação da cultura digital, promovendo espaços de argumentação onde haja liberdade de expressão com ética e respeito, em que a empatia, a cooperação, o diálogo, a resolução de conflitos permitem ao estudante agir pessoal e coletivamente na construção de uma sociedade mais solidária, acolhedora à diversidade, sustentável e com respeito às diferenças sociais (Sergipe, 2018, p. 12).

Dentro dessas atividades diversificadas enveredei pelo caminho da cultura digital para construção do recurso pedagógico de nossa pesquisa. Barros (2022a), conceitua nossa sociedade atual como digital e que dentro dessa esfera se desenvolve também a História digital e ambas se relacionam de forma mútua, cabendo ao historiador refletir sobre essas múltiplas interações e os novos desafios para continuar produzindo conhecimento histórico de qualidade. “A tecnologia, informação e comunicação possibilitadas pelo mundo digital afetam, por fim, a própria historiografia – ou o conhecimento histórico produzidos pelos historiadores e não historiadores [...]” (Barros, 2022a, p. 12).

Assim, podemos compreender que o mundo digital não contribui apenas com novos caminhos e alternativas para a pesquisa e divulgação de conhecimento histórico, mas também reflete e transforma a própria natureza da memória e da interação social, influenciando a historiografia e o conhecimento produzido, principalmente quando falamos de cultura visual e da informação em formato digital, podendo mudar a forma que a História é apreendida e transmitida.

Inspirados nas ideias supracitadas é que esse projeto optou pelo uso de um recurso pedagógico inserido na esfera da História digital, onde a possibilidade de compartilhar os resultados da pesquisa histórica em formato de *videocast* torna o conhecimento acessível a um público mais amplo, proporciona a promoção, preservação e educação da história local, oferecendo um modo acessível e criativo para conectar as pessoas com o passado e o presente da sua comunidade.

No entanto, como atesta Côrte *et al.* (2021, p. 90): “O esforço de tornar pública certa visão da história local se desdobra no necessário estabelecimento de diálogos, implícitos ou explícitos, com diferentes sujeitos, individuais ou institucionais desta localidade, podendo ser aberta ao debate público.

No processo de produção de conhecimento sobre a História local do Xique-Xique, fiz uso de um instrumento digital que possui grande habilidade e sugere uma abordagem da história que valoriza a interação, o debate e a construção conjunta de significados, ou seja, *videocast*. O formato de *videocast* que optei é gravado e narrativo, com bastantes elementos visuais, para enriquecer a narrativa e aumentar as possibilidades de conexões fortes com o público.

Assim, cabe neste momento detalhar o caminho utilizado pelos pesquisadores (alunos e professora) para que essa pesquisa fosse possível e nosso recurso pedagógico fosse construído.

4.1 APRESENTANDO O TEMA DA PESQUISA AO 9º ANO

A turma selecionada foi a do 9º ano do Ensino Fundamental II que funciona no turno vespertino, da Escola Estadual Antônio Muniz de Souza. Mesmo conhecendo os estudantes, já que 90% pertencem à rede de ensino há mais de sete anos, achei necessário aplicar um questionário socioeconômico impresso, contendo onze perguntas para analisar a realidade deles e a forma de autoconhecimento que eles possuem sobre sua realidade. O grupo de estudantes é composto por 13 meninas e 11 meninos, desses apenas um se declarou negro,

fato que ascende um alerta sobre a questão da autoafirmação racial, já que fenotipicamente é visível existir uma quantidade maior de negros dentro do grupo. Ao serem questionados sobre sua condição de moradores do Xique-Xique, 13 estudantes afirmaram residir no local, enquanto 11 declararam morar em outro lugar. No entanto, a análise mais atenta dos dados coletados por meio do questionário revela contradições significativas, uma vez que, dos estudantes que dizem residir fora do Xique-Xique, três informaram endereços que estão inseridos na área que faz parte da localidade. Tal inconsistência evidencia a complexidade que envolve a própria definição e reconhecimento do local como bairro, sobretudo diante de sua condição ambígua entre a oficialização institucional e a vivência cotidiana de seus moradores.

Esses dados apontam para a existência de múltiplas camadas de pertencimento e identificação territorial, que não se limitam à delimitação administrativa formal. A negação da condição de morador do Xique-Xique pode estar relacionada tanto à falta de conhecimento sobre os limites oficiais do território quanto à reprodução de estigmas historicamente associados a esse espaço, marcados por narrativas de marginalização e invisibilidade social. Nesse sentido, declarar-se um morador do Xique-Xique pode funcionar como uma estratégia simbólica de distanciamento de uma identidade territorial socialmente desvalorizada.

Ao mesmo tempo, o fato de o Xique-Xique permanecer, em registros oficiais, vinculado a outro bairro do município contribui para a confusão e fragiliza o reconhecimento do território como espaço autônomo. Essa indefinição institucional repercute diretamente na forma como os sujeitos se percebem e se reconhecem enquanto pertencentes ao lugar, especialmente entre jovens estudantes, cujas referências espaciais são construídas a partir de discursos familiares, escolares e midiáticos.

Assim, os dados revelam que o pertencimento ao Xique-Xique não é apenas uma questão de residência física, mas envolve processos simbólicos, identitários e históricos. A aparente contradição nas respostas dos estudantes não deve ser compreendida como um erro isolado, mas como expressão das disputas de memória, identidade e reconhecimento que fazem parte do território.

Ainda que um número significativo de estudantes não resida na localidade, sua ligação com ele é muito forte, já que moram em locais bastante próximos, chegando a fazer fronteiras ou serem denominados erroneamente como uma região que pertence ao Xique-Xique. Os que declararam que moram no local, seu vínculo vem desde o nascimento, uma vez que seus avós habitaram a região muito novos, permanecendo até os dias atuais. Assim, a família foi se desenvolvendo, crescendo e povoando ainda mais a região.

Outro ponto relevante evidenciado pelo questionário diz respeito à importância da escola para a comunidade. De forma unânime, 100% dos participantes afirmaram que a instituição escolar é extremamente significativa para os moradores do bairro. Tal percepção está diretamente relacionada, primeiramente, à sua localização geográfica, uma vez que a proximidade da escola com as residências facilita o acesso cotidiano dos estudantes.

4.2 INICIANDO A PESQUISA COM OS ESTUDANTES PESQUISADORES

Como a pesquisa foi desenvolvida com uma turma específica, procurei associar o conteúdo do Ensino de História do 9º ano ao estudo que íamos desenvolver sobre o bairro. Dessa forma, nossos encontros ocorreram no horário da própria disciplina, dentro da escola com carga horária de três aulas semanais no turno vespertino. Só tivemos encontros no contraturno para realização de uma entrevista e para produção do *videocast*, que precisava de um horário em que o ambiente escolar estivesse em silêncio para a sua execução.

Como já conheço a maioria dos alunos da escola, principalmente a turma do 9º ano, pois estudam lá desde o 1º ano do Ensino Fundamental I, sabia que não deveria falar da pesquisa que desenvolveria com eles sem uma preparação prévia, para que muitos não se assustassem ou encarassem como mais um trabalho da disciplina de História. Foi então que iniciei com diálogos informais, externando que tinha voltado para a Universidade, cursando o mestrado em História e que por isso alguns dias da semana eles não me veriam na escola como de costume.

A partir desses diálogos informais, entre um assunto e outro, fui explicando o que era um curso de mestrado e que ele exigia que eu escolhesse um tema para desenvolver um projeto, no meu caso a pesquisa tinha como temática abordar sobre o bairro Xique-Xique. Desse momento em diante, várias foram as indicações de pessoas que poderia procurar para ter informações sobre o local, dicas de onde eles achavam que foi a primeira residência no bairro, outros dizendo que em casa tinham fotos de como era o bairro antigamente e, dessa forma, iniciei certo engajamento da turma sobre a proposta do trabalho, ainda que de forma informal.

Apresentei meu projeto para meus colegas professores, que também lecionam na turma do 9º ano e pedi que trabalhássemos de forma interdisciplinar com a pesquisa, pois o conhecimento seria mais vasto para os alunos e como afirma Freitas Neto (2010), deve existir uma troca mútua com as outras áreas dos saberes para uma melhor compreensão dos resultados pretendidos com a pesquisa.

[...] alterar a compreensão de que a disciplina não é um fim em si mesma, mas um meio para chegar a outros objetivos, refletindo e atuando na educação de valores e atitudes dos alunos e cidadãos, é condição fundamental para a renovação do ensino. [...] A busca da compreensão da realidade e a efetiva participação do indivíduo a partir de dados e noções relativos ao seu cotidiano, ao seu universo, fazem com que a escola passe a ser considerada como um espaço de conhecimento, onde por intermédio das diversas disciplinas e da sua nova abordagem o aluno seja capaz de ver e vislumbrar-se como construtor de sua própria história (Freitas Neto, 2010, p. 66).

Pombo (2004), também nos chama atenção sobre essa questão, a busca pela interdisciplinaridade deve ser o centro dos debates quando o assunto é educação e pesquisa, devendo o profissional da educação buscar integrar os conhecimentos de diferentes áreas para uma compreensão mais profunda e ampla das questões que desejam responder com a pesquisa.

Trata-se de especificidade que determinadas investigações reclamam a sua própria abertura para conhecimentos que pertencem, tradicionalmente, ao domínio de outras disciplinas e que só essa abertura permite aceder a camadas mais profundas da realidade que se quer estudar. Estamos perante transformações epistemológicas muito profundas. É como se o próprio mundo resistisse ao seu retalhamento disciplinar. A ciência começa a aparecer como um processo que exige também um olhar transversal (Pombo, 2004, p. 10).

Dessa forma, a professora de Geografia, Milena Lisboa¹, desenvolveu planos de aula que trabalhassem as questões de lugar e formação de periferias no Brasil, a Marie Jolly², de Língua Portuguesa, que tem um clube de leitura com os alunos, inseriu a leitura do livro *Os perigos de uma História Única*, de Chimamanda Ngozi Adichie (2009).

Conforme registro fotográfico presente na figura 25, no primeiro encontro com a turma, para desenvolvimento da pesquisa (ainda sem eles saberem) exhibe o vídeo “*Os perigos de uma História Única*”, de Chimamanda Ngozi Adichie (2009). Nessa apresentação a autora fala sobre você pegar toda uma rede de complexos sobre uma pessoa e reduzi-la apenas a um aspecto, criando estereótipos que ajudam a desenvolver uma única visão sobre a História do indivíduo. Os propagadores desse tipo de História estão ligados por estruturas de poder e dominação, sempre sentindo a necessidade de serem maiores e mais poderosos, sendo que

¹ Graduada em Geografia pela UFS e Pedagogia pela Jardins; Pós-graduada em Atendimento Educacional Especializado pela Faculdade São Luís de França.

² Mestre em Ciências da Educação pela Universidad San Carlos (Assuncion-PY); especialista em Arte/ Educação pela Faculdade São Luís de França; Especialista em Língua Portuguesa e Literatura no contexto escolar pela Unicesumar; Especialista em Educação do Campo pela (UFS); Especialista em Psicopedagogia pela Faveni; Especialista em Letras: Português e Literatura pela Faveni. Graduada em Pedagogia pela Unicesumar; Graduada em Letras Português/Inglês pela Faculdade José Augusto Vieira.

uma das formas de conseguirem isso é disseminar que a visão da história que eles contam de alguém é definitiva e verdadeira.

Figura 25 – Exibição da palestra os perigos de uma História única em 10 de outubro de 2024



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Adichie (2009), expõe sua experiência em solo norte americano, enquanto cursava a Universidade e relatou alguns episódios em que foi indagada por visões totalmente estereotipadas da África, como a do seu orientador que a acusou de não ser autêntica, por expor no seu romance a presença de carros modernos na Nigéria.

Ao terminar a exibição do vídeo, perguntei o que eles tinham entendido e alguns disseram que contava a história de uma menina que aprendeu a ler de forma tardia e começou a escrever livros; outros disseram que falava sobre uma escritora africana que tinha seus textos criticados por relatar coisas que não existiam onde ela morava. Depois de ouvir algumas opiniões sobre o assunto, fui passando alguns trechos do vídeo e explicando que a autora abordava sobre uma visão reducionista do continente africano, principalmente a Nigéria, seu país de origem.

A História que vincula da África evidencia fome, miséria, analfabetismo, guerras por disputas de poder, enfim uma gama de elementos que transmitem só perspectivas negativas sobre esse local; fazendo com que as pessoas tenham acesso apenas a esse conhecimento único e tenham uma visão preconceituosa sobre o continente, sendo necessário a vinculação de outras histórias que também fazem parte desse território.

É claro que a África é um continente repleto de catástrofes. Existem algumas enormes, como os estupros atterroadores no Congo, e outras deprimentes, como o fato de 5 mil pessoas se candidatarem a uma vaga de emprego na Nigéria. Mas existem outras histórias que não são sobre catástrofes, e é muito importante, igualmente importante falar sobre elas (Adichie, 2009, p. 27).

Passando para o segundo momento da aula, perguntei à turma qual conhecimento as pessoas têm sobre o bairro Xique-Xique. De imediato, veio um coro de vozes: que só tem maconheiro, bairro violento, cheio de ladrão, as pessoas não sabem se comportar em outros locais, ninguém presta. Então, fiz um paralelo com o vídeo exibido demonstrando que em ambos os casos a História estava sendo propagada apenas por uma única visão.

A aluna Eshiley comentou: *“é verdade professora, eu moro no Xique-Xique e não sou maconheira e nem ando fazendo nada de errado”*. Já Heloísa, que não reside no local, fez uma comparação com o bairro dela que também é periférico e sofre com os preconceitos contra ele: *“professora, as pessoas também falam isso do meu bairro, dizem que é perigoso e têm até medo de passarem por lá a pé, mas eu moro lá e vejo que não é assim como as pessoas dizem”*.

Dessa forma, fiz uma proposta a eles: “e o que vocês acham de produzirmos um material falando das memórias de vivência do Xique-Xique, onde as pessoas possam ter acesso e tenham outras visões sobre este local? Se vocês aceitarem iremos construir juntos uma outra visão sobre sua História e eu apresentarei no meu trabalho de conclusão do mestrado”. A turma gostou da ideia e a aluna Samara até me pediu para no dia da apresentação ela estar presente, pois queria ver o fruto da nossa pesquisa sendo apresentado na Universidade Federal de Sergipe.

Aliado a esse encontro, partimos para atividade interdisciplinar na qual a clube de leitura realizaria a leitura da obra de Chimamanda *Os perigos de uma história única* juntamente com as professoras de história, português e Geografia e presenteamos todos os alunos com a obra supracitada; marcando de forma afetuosa e materializada nosso projeto interdisciplinar, visível no registro fotográfico da figura 26.

Figura 26 – Atividade de leitura com o livro *Os perigos de uma História única* em 10 de outubro de 2024



Fonte: arquivo pessoal da autora.

O trabalho foi baseado em três etapas: A primeira delas seria as entrevistas com os moradores, onde foi esclarecido que todos os alunos deveriam participar de forma ativa; a segunda etapa seria as análises das entrevistas em conjunto; e a terceira etapa seria a produção do roteiro e a gravação do *videocast*.

Na fase de gravação do *videocast* houve uma pequena divisão, que foi preenchida a partir da aptidão de cada um. Teríamos um grupo responsável pela criação do cenário de gravação, outro ligado à gravação e edição dos vídeos com um profissional dando suporte e aqueles que apresentariam o conhecimento construído por todos.

Para o segundo encontro, fiz um apanhado sobre o conceito de História e memória, sem deixar de evidenciar a importância de ambas para a História Local do bairro. Além disso, destaquei que a memória, em vez de ser apenas uma lembrança individual, é uma forma de conhecimento que pode ser compartilhada e transmitida, permitindo a reconstrução do passado e o principal meio para analisar essas memórias é através da História oral.

Se partirmos do pressuposto de que a História Oral é uma metodologia de trabalho, é evidentemente necessário que ela esteja ancorada a uma atividade de pesquisa. Primeiramente, é preciso haver questões, perguntas, que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação. A História Oral só começa a participar dessa formulação no momento em que é preciso determinar a abordagem do objeto em questão: como será trabalhado (Alberti, 1990, p. 12).

Horn e Germinari (2006), sugerem que para o ensino de História esteja ligado ao cotidiano do aluno, é de fundamental importância adotar uma prática educativa que valorize a vida cotidiana desses sujeitos, como festas familiares, coletivas, memórias e lembranças de diferentes grupos sociais, incluindo mulheres, crianças pobres e trabalhadores.

Para ensinar História a partir da experiência de vida do aluno é necessária uma perspectiva teórico-metodológica que fale da vida das pessoas, que destaque, por exemplo, as festas familiares, as festas coletivas, as memórias e lembranças dos sujeitos de todos os segmentos sociais. É preciso dar voz às histórias das mulheres, das crianças pobres, trabalhadores, enfim, fazer falar sujeitos que sempre estiveram excluídos dos conteúdos ensinados (Horn; Germinari, 2006, p. 125).

Cassab e Ruscheinsky (2004) tecem seu olhar sobre a História oral como uma metodologia de pesquisa, atribuindo às memórias individuais papel central na reconstrução da História. O principal objetivo ao utilizar esse tipo de abordagem é identificar aspectos relevantes e perspectivas que ainda não foram significativas no que diz respeito a determinados fatos históricos.

A metodologia em análise prima para registrar a memória viva, as emoções, as paixões, o olhar, a perspectiva peculiar e os sentimentos de indivíduos das mais diversas origens socioculturais. Muitas vezes o fato de detectar estas memórias, que podem ser denominadas de subterrâneas, significa delinear aspectos relevantes que de outra forma ficam à margem da história oficial ou das evidências objetivas dos historiadores. Através deste esforço e rigor de pesquisa pretende-se construir uma metodologia que permita recuperar ou trazer à luz imagens do passado e do presente, que permitirão uma abordagem abrangente e dinâmica e na compreensão do mundo (Cassab; Ruscheinsky, 2004, p. 8).

Para Thompson (1998), as fontes orais, em razão de seu valor específico, não devem ser tratadas apenas como um documento a mais entre outros. Ao contrário, elas possuem um estatuto singular no campo da pesquisa histórica, justamente por sua capacidade de revelar percepções, sentimentos, valores e significados atribuídos pelos próprios sujeitos às suas experiências. Como afirma o autor, “se as fontes orais podem de fato transmitir informação ‘fidedigna’, tratá-las simplesmente ‘como um documento a mais’ é ignorar o valor extraordinário que possuem como testemunho subjetivo, falado” (Thompson, 1998, p 137-138). Essa subjetividade, longe de comprometer a validade da fonte, constitui um de seus principais potenciais analíticos, pois permite compreender como os indivíduos constroem sentidos sobre suas trajetórias e sobre a realidade social da qual fazem parte.

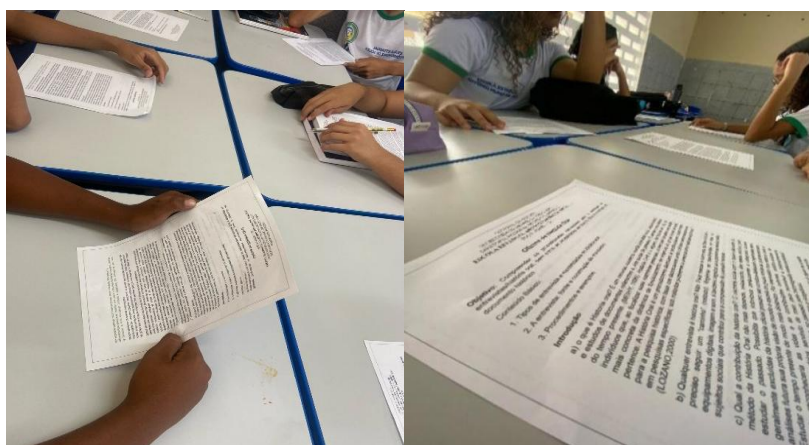
Assim, a postura do entrevistador torna-se um elemento central na condução da entrevista. Conforme destaca Thompson (1998), o entrevistador bem-sucedido deve reunir determinadas qualidades essenciais, entre as quais se destacam o interesse genuíno e o respeito pelo outro enquanto sujeito histórico, a flexibilidade nas reações, a capacidade de demonstrar compreensão e empatia em relação às opiniões expressas e, sobretudo, a disposição para permanecer em silêncio e escutar atentamente. Escutar, nesse contexto, não

significa apenas ouvir as palavras ditas, mas compreender os sentidos atribuídos pelo narrador às suas experiências, respeitando suas pausas, emoções e modos de expressão

Dessa forma, a história oral amplia o campo da investigação histórica ao democratizar as vozes presentes na narrativa do passado, deslocando o foco exclusivo das elites políticas e administrativas para incluir sujeitos comuns, suas memórias e experiências cotidianas. No âmbito do ensino de História e da pesquisa em História local, esse método revela-se particularmente potente, pois possibilita articular conhecimento histórico, memória social e práticas educativas, promovendo uma compreensão mais plural, crítica e contextualizada da história vivida e narrada pelos próprios atores sociais.

Como a pesquisa é baseada em fontes orais, preparei uma oficina para a turma sobre o tema, conforme pode ser observado na figura 27. Nesse momento, discutimos conceito, modos de entrevistas, críticas a esse tipo de fonte e, por fim, colocamos “a mão na massa”.

Figura 27 – Oficina de história oral 28 de outubro de 2024



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Para essa atividade, dividi em três equipes, onde deveriam analisar uma entrevista de temáticas diferentes e iriam expor o tema da entrevista, quem era a entrevistada e quem estava fazendo a entrevista e seu objetivo. Ainda com a sala dividida em grupos, expliquei a eles que nossa pesquisa seria sobre as memórias de vivência dos moradores do bairro e para isso selecionaríamos alguns moradores para entrevistar.

Foi acordado que realizaríamos seis entrevistas: Maria da Glória de Jesus Mateus, uma das primeiras pessoas a construir residência no bairro; Josefa Oliveira e Joel de Jesus representantes e fundadores da associação de moradores; Rana Claudia Fontes Soares, aluna do 9º e moradora; Wanderson Ribeiro Novaes, ex-aluno da escola e morador do bairro; Tereza de Jesus, avó responsável por um aluno do 8º ano e moradora.

Como conhecia bem a turma e sabia que os alunos eram bastante tímidos, além de se acharem incapazes de fazer algo de grande exposição, pedi apoio à psicóloga Cintia Mudesta³, para que tivesse um momento com os estudantes para trabalhar a autoestima e as próprias memórias que eles tinham do bairro.

Segundo a psicóloga, eles estavam bem envolvidos com a pesquisa e relataram que estavam tranquilos quanto à realização desta atividade. Achavam importante o trabalho que iriam desenvolver e tinham ciência do quanto que ele era necessário para que os moradores de Poço Verde tivessem acesso a mais conhecimento sobre o local.

Para Thompson (1998, p. 260-261), há alguns princípios que são fundamentais para a elaboração das perguntas em uma entrevista:

- as perguntas devem ser simples, diretas e em linguagem comum. Perguntas complexas e de duplo sentido conduzem a meias respostas, ou a respostas inadequadas;
- evitar perguntas diretivas que expressam as próprias opiniões do pesquisador. As perguntas assim, entrevistado dará as respostas que o seu interlocutor deseja ouvir. As perguntas devem ser elaboradas com cuidado, de tal forma que evitem sugestões de respostas;
- devem também ser evitadas perguntas que levem o entrevistado a pensar do mesmo modo que o pesquisador/entrevistador pensa.

Nossas entrevistas foram realizadas nos locais e horários combinados previamente com cada entrevistado, somente duas entrevistas ocorreram no ambiente escolar. Todas as entrevistas foram realizadas por meio da gravação de voz, sendo que quatro pessoas permitiram a realização de filmagens para compor nosso material para o *videocast*. As perguntas foram construídas coletivamente e os alunos iriam com seu roteiro pronto, além de apresentarem o termo de consentimento para serem assinados antes de iniciar as perguntas.

Abaixo trago as figuras 28 e 29, que apresentam respectivamente os registros fotográficos da aluna Rana Claudia e Tereza de Jesus sendo entrevistadas pelos estudantes. Ao registrar visualmente alguns dos entrevistados, é possível ampliar a leitura e interpretação do passado e do presente, articulando memória oral e imagem como linguagens complementares na construção do conhecimento histórico.

³ Cintia Mudesta é graduada em Terapia Cognitiva comportamental e Psicologia, atualmente está cursando especialização em Psicologia educacional.

Figura 28 – Entrevista com a aluna do 9º ano Rana Claudia



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 29 – Entrevista com a moradora dona Tereza de Jesus



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Cada equipe faria a transcrição de sua entrevista, traria impressa e compartilharia com os demais colegas para que todos tivessem acesso ao conteúdo de todas as entrevistas. Nesse momento, fomos pontuando as memórias de vivência do bairro que apareciam nas transcrições e foi bastante interessante, pois à medida que fazíamos isso, eu pude perceber por meio dos comentários que algumas dessas memórias estão presentes também nos estudantes, como as que evocavam os banhos de tanque ou do famoso “campinho de futebol”, onde ocorriam os torneios de futebol.

Percebi que os estudantes estavam bem envolvidos com a pesquisa, pois não faltaram aos encontros no contraturno para realização das entrevistas marcadas (sempre tivemos problemas de frequência com essa turma quando marcávamos encontros necessários no turno oposto), questionavam e debatiam de forma consciente sobre que perguntas deveriam inserir no roteiro.

4.3 CONSTRUINDO ROTEIRO DO NOSSO RECURSO PEDAGÓGICO: *VIDEOCAST*

Passando a fase das entrevistas, transcrição e análises; focamos em como organizar o roteiro do nosso *videocast*, como também o melhor método para sua gravação. Nessa fase, precisávamos das orientações de um profissional com experiência nessa área, foi então que convidei o Alex Rocha⁴, que vem se destacando como produtor de vídeos no município de Poço Verde/SE.

Em uma aula oficina de 50 minutos, Alex nos explicou de forma prática e com exemplos como deveríamos usar o celular para fazer nossa produção (a depender da plataforma digital, a gravação do vídeo muda de posição entre horizontal e vertical) e o tipo de microfone a ser utilizado para que o som saísse bom. Além disso, nos alertou sobre o local de gravação: deveria ser bem iluminado e todo fechado, para que barulhos externos não interferissem no momento da gravação.

Esse é um tipo de assunto bastante atual e por isso bem interessante para os estudantes. A oficina foi bem participativa, todos queriam aprender mais sobre tecnologia, principalmente quando o assunto é conteúdo digital. A equipe responsável pela produção e gravação do *videocast* estava mais ansiosa que os demais para iniciar os trabalhos e colocar a “mão na massa”.

Outro ponto importante foi a organização do espaço para as gravações, resolvemos pintar um painel que servisse de cenário para o *videocast* representando as memórias de vivência do bairro e para isso convidamos o grafiteiro e morador do local Nichola kenaldy⁵ para que orientasse o grupo de alunos responsável por essa tarefa.

Escolhemos para esse cenário a arte em forma de grafite porque tivemos um projeto⁶ voltado para essa arte ano de 2024 em que vários grafiteiros foram convidados para uma mesa

⁴ Alex Silva da Rocha tem 24 anos, natural de Poço Verde e atualmente vem se destacando na cidade como profissional de comunicação, *Videomaker*, social mídia.

⁵ Nicholas Kenaldy é natural de Poço Verde exercendo a função de pastor evangélico e grafiteiro. Já fez vários projetos sociais e oficinas sobre a arte do grafite para os jovens da cidade e nas escolas públicas.

⁶ O Projeto de grafite intitulado Batidas e cores: celebrando o *Hip Hop* e o grafite ocorreu nos dias 09, 10 e 11 de agosto na Escola Estadual Antônio Muniz de Souza, contando com a presença de renomados grafiteiros nacionais.

redonda em nosso ambiente escolar, debatendo sobre conceito, importância e resistência dessa manifestação artística que nasce e se desenvolve dentro da periferia. Logo após as discussões os alunos tiveram uma oficina e participaram juntamente com os artistas convidados da confecção do painel sobre História local no muro externo da instituição.

Como já estavam familiarizados com arte e com seu significado, optamos em trazer mais uma vez essa manifestação artística para fazer parte da composição de trabalho, já que ela também é resistência e se classifica com arte de periférica.

[...] vêm apagando a imagem de marginais, buscando autorização para suas pinturas e participando de campanhas sociais, justamente para afastar crianças e jovens das ruas, da marginalidade e das drogas, as quais sempre foram associadas a esse grupo. O grafite, cada vez mais, desmistifica seu caráter marginal, ampliando-se, dessa forma, os estudos em relação aos acontecimentos estéticos, sociais e ideológicos desse movimento artístico (Blauth; Possa 2012, p. 159).

Conforme a figura 30, é possível visualizar como ficou o painel em grafite para a gravação do recurso pedagógico. Os alunos envolvidos não só deram opiniões sobre o que deveria ser exposto, como participaram ativamente da grafitação da parede.

Figura 30 – Pintura do painel da sala de gravação do *videocast* em março de 2025



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

E assim, foram criadas as condições para que os telespectadores possam se identificar, se sensibilizar e se engajar nas reflexões propostas durante a exibição do nosso recurso pedagógico. Com um tempo estimado de 12 minutos, já que é voltado para as redes sociais *Instagram* e *Youtube*, foi necessário adaptá-lo para o formato curto e de transmissão pré-gravada, além da presença de elementos visuais para enriquecer o conteúdo.

Barros (2022b) apresenta que a produção numa esfera digital vai além do texto escrito, elementos como imagens, áudios e vídeos são utilizados para apresentar ideias, que podem ser divulgadas de forma ágil, contribuindo para uma melhor socialização e debate do conteúdo.

[...] os recursos disponibilizados pela nova sociedade digital, trazem características como sua abrangência social, a diversificação cultural, uma discursividade multimodal (não apenas discursos construídos com palavras, mas também com imagens e sons), a instantaneidade na comunicação, uma maior visibilidade através do mundo digital, novas formas de sociabilidade, invejável eficiência no armazenamento de dados e recursos mais eficazes para sua análise (Barros, 2022b, p. 57).

O roteiro do nosso *videocast* foi construído da seguinte forma:

- 1) Abertura: Declamação de poesia sobre as memórias de vivência do bairro pela aluna e autora do texto Heloisa Santana Dantas;
- 2) Breve apresentação do projeto: mestrandia do Profhistória Liliane Pinto da Silva
- 3) Memórias das festas e datas comemorativas: Jhúlia Yasmim Santana Nascimento;
- 4) Memórias dos espaços afetivos: Guilherme Ariel Santana Pereira;
- 5) Memórias dos projetos sociais: José Kevin dos Santos Souza;
- 6) Conclusão: Samara Gabrielly Santos Oliveira e Maria Kathiuscha Ribeiro Lino.

4.4 MEMÓRIAS DO XIQUE-XIQUE: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Público-alvo: Turma do 9º ano do Ensino Fundamental – Escola Estadual Antônio Muniz de Souza (turno vespertino).

Objeto do conhecimento: A história local como construção histórica baseada em memórias, fontes orais e experiências sociais dos sujeitos do território.

Habilidades: (EF09HI05) Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive.

Carga horária total: 11 aulas de 50 minutos(adaptável) e 07 aulas de 50 minutos (adaptável) no contraturno.

Conteúdo programático:

- História local;
- Narrativas orais;
- Técnicas de entrevista e coleta de informações;
- Análise crítica de textos;
- Preparação e apresentação de narrativas;

Metodologia: Pesquisa-ação participativa, História oral e abordagem interdisciplinar (História, Geografia e Língua Portuguesa).

- Saída de campo;
- Atividade Mão-na-massa;
- Oficina de história oral;
- Exibição de documentário e filme (adaptável);
- Leitura e interpretação coletiva;

- Roda de conversa;

Avaliação: A avaliação é contínua e qualitativa, considerando:

- Participação nas atividades de campo e sala de aula;
- Engajamento com as entrevistas e respeito às narrativas dos moradores;
- Produção escrita (diário de campo e sínteses);
- Trabalho em equipe;
- Construção e apresentação do *videocast*;
- Capacidade de relacionar a realidade local ao conhecimento histórico;

Resultados Esperados:

- Fortalecimento do sentimento de pertencimento à comunidade;
- Ampliação da compreensão sobre memórias e identidades locais;
- Produção de conhecimento histórico a partir de fontes não convencionais;
- Protagonismo dos estudantes como pesquisadores;
- Registro audiovisual que se torna material de História Pública e memória comunitária;

Etapas da Sequência Didática:

ETAPA 1 – Sensibilização e ativação de conhecimentos prévios (3 aulas)

Atividades:

1. Roda de conversa: “O que sabemos sobre o Xique-Xique?”
2. Exibição do vídeo “O perigo de uma história única” (Chimamanda Adichie) como provocação.
3. Debate sobre estereótipos e narrativas únicas sobre bairros periféricos (HALL, 2003; RIBEIRO, 2021).
4. Aula Interdisciplinar (História, Geografia e português) roda de Leitura do livro: O perigo de uma História única (Chimamanda Adichie)
5. Produto: painel inicial de percepções dos estudantes.

Recursos: livro, televisão, cartolina e canetinhas.

ETAPA 2 – Introdução à História Local e à História Oral (3 aulas)

Atividades:

1. Aula expositiva dialogada sobre História Local, memória e patrimônio.
2. Leitura dos conceitos e métodos de história oral (THOMPSON, 1992; PORTELLI, 2010).
3. Análise de pequenos trechos de entrevistas históricas.
4. Discussão sobre ética, respeito e cuidados na realização de entrevistas.
5. Produto: roteiro preliminar de entrevista.

Recursos: texto, televisão, caderno e caneta.

Observação: pode ser inserido no plano de aula o filme *Narradores de Javé*: O filme evidencia a centralidade da oralidade como forma legítima de produção do conhecimento histórico, ao demonstrar que as múltiplas narrativas dos moradores, ainda que marcadas por contradições, expressam identidades, sentimentos de pertencimento e disputas de memória. Tais elementos são fundamentais para a compreensão dos processos de construção do passado e dialogam diretamente com as possibilidades pedagógicas da História Oral no ensino de História, ao valorizar as vozes dos sujeitos comuns e suas experiências na produção do saber histórico.

ETAPA 3 – Preparação das entrevistas (1 aula)

Atividades:

1. Revisão e finalização do roteiro de perguntas.
2. Formação de grupos (produção, entrevistadores, câmera, pesquisador).
3. Ensaios em sala.

Produto: roteiro final e definição de papéis.

Recursos: caderno. Caneta, celular ou gravador;

ETAPA 4 – Entrevistas com moradores do Xique-Xique (3 aulas /contraturno)

Atividades:

1. Realização das entrevistas nos espaços do bairro ou na escola.
2. Captura de áudio e vídeo.
3. Registro das impressões após cada entrevista.

Produto: arquivo bruto das entrevistas + notas de campo.

Recursos: caderno. Caneta, celular ou gravador;

ETAPA 5 – Sistematização e análise das narrativas (2 aulas)

Atividades:

1. Escuta/visualização coletiva de trechos selecionados.
2. Seleção dos trechos de áudio e vídeo.
3. Criação de roteiro final do *videocast*.
4. Identificação de temas recorrentes:
 - Lugares afetivos
 - Lazer
 - Educação
 - Memórias de festas e tradições
 - Transformações urbanas do bairro

Produto: síntese temática das entrevistas.

Recursos: caderno. Caneta, celular ou gravador;

ETAPA 6 – Produção do *Videocast* (4 aulas/ contraturno)

Atividades: divisão em três equipes para produção.

1. Produção do espaço de gravação.
2. Gravação das falas dos estudantes apresentando os resultados.
3. Edição do vídeo (com apoio de um profissional da área e ferramentas acessíveis):
Título, trilha sonora livre e identidade visual.

Produto: *videocast* final (10–15 minutos).

Recursos: celular ou Computador com software de edição (CapCut, OpenShot, MovieMaker etc.), Documentos e fotos antigas (se disponíveis), *Spray* de tinta (cores variadas), Máscara de proteção, Luvas descartáveis, Óculos de proteção, Fita crepe

ETAPA 7 – Socialização dos resultados (2 aulas)

Atividades:

1. Apresentação do *videocast* para a comunidade escolar.
2. Reflexão oral: “O que aprendi sobre meu bairro e sobre mim?”

Produto: avaliação formativa e autoavaliação.

Recursos: Data show ou televisão e caixa de som.

4.5 AS MEMÓRIAS DE VIVÊNCIA DO XIQUE-XIQUE

As memórias produzidas e preservadas no interior de um local, como o Xique-Xique, podem ser consideradas como um campo privilegiado para a compreensão da história social, das identidades coletivas e das formas de resistência cultural. Longe de serem apenas lembranças individuais, elas articulam experiências vividas, vínculos comunitários e interpretações do passado que conferem sentido à vida cotidiana dos moradores.

Pollak (1992), vê a memória não apenas como uma recordação espontânea do passado, mas um processo de elaboração no qual grupos sociais escolhem o que lembrar, o que esquecer e como narrar suas trajetórias. Nos bairros periféricos, essa dinâmica é ainda mais intensa, pois as memórias dos moradores frequentemente se confrontam com narrativas oficiais que os estigmatizam, invisibilizam ou reduzem a problemas sociais. Assim, quando os moradores do Xique-Xique relatam a história dos lugares afetivos, das festas, datas comemorativas e projetos sociais, estão ao mesmo tempo preservando suas experiências e o direito de existir na história do município.

Thompson (1989), afirma que a história deve ser construída a partir da experiência concreta dos sujeitos. Para ele, as classes populares não são apenas categorias econômicas, mas grupos humanos que se formam historicamente por meio de suas lutas, práticas culturais e interpretações do mundo. Thompson critica as abordagens que tratam o povo como massa passiva e enfatiza que são os próprios sujeitos que, por meio de suas experiências, constroem sentidos para sua vida social. Nesse sentido, as memórias do bairro Xique-Xique revelam exatamente esse processo de produção de história “a partir de baixo”.

Assim, diante da análise que eu e os alunos fizemos das entrevistas realizadas foi possível perceber memórias relacionadas a festa e datas comemorativas, lugares afetivos e as ações dos projetos sociais.

As festas aparecem de forma recorrente nos depoimentos como momentos privilegiados de encontro e afirmação comunitária. Datas comemorativas, festejos religiosos, eventos juninos e confraternizações organizadas por associações de moradores são lembrados não apenas pelo caráter lúdico, mas principalmente pelo seu papel agregador. Muitos entrevistados associam essas festas à ideia de “tempo bom”, em que o local parecia mais unido. Assim, os festejos agiam como marcos temporais da memória coletiva, estruturando a forma como o passado é lembrado e narrado.

Essas festividades eram organizadas pela Associação de Moradores Comunidade Associativa Sociedade Amiga (CASA), entidade formalmente constituída, inscrita no CNPJ

nº 11.606.649/0001-77, fundada em 19 de fevereiro de 2010. A associação era liderada por Joel de Jesus (popularmente conhecido como Joel Corredor, referência em atletismo na cidade) e por sua esposa Josefa Oliveira da Silva. Sua sede está situada na Rua Pedro Rocha Sobrinho, nº 346, no município de Poço Verde (SE), CEP 49.490-000. De acordo com o Cadastro Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), sua atividade principal enquadra-se no código S-9493-6/00, correspondente às atividades de organizações associativas ligadas à cultura e à arte.

Os recursos financeiros para realização das festas eram adquiridos por doações de comerciantes locais, contribuições dos moradores e, sobretudo, pelos recursos arrecadados em bingos promovidos pela própria comunidade. Essas iniciativas expressavam não apenas estratégias de financiamento, mas também um forte sentimento de pertencimento e compromisso coletivo, especialmente voltado às crianças, público para o qual a festa do Dia das Crianças se destacava como a mais aguardada, marcada por competições recreativas e sorteios de brindes.

Entre os eventos mais significativos, destacavam-se as serestas realizadas na rua do Xique-Xique e a renda para sua realização era viabilizada principalmente pela venda de bebidas e alimentos durante as festividades. Diversos artistas locais participavam dessas apresentações, entre eles Fagner Melo e Zetinho, cuja atuação foi tão expressiva que resultou na gravação de um CD ao vivo em uma dessas serestas. O sucesso das apresentações extrapolou os limites do bairro, atraindo moradores de outras áreas da cidade de Poço Verde e também de municípios vizinhos, como Simão Dias, o que contribuiu para ampliar a visibilidade cultural do Xique-xique no contexto regional.

Com o passar do tempo, entretanto, as serestas deixaram de integrar o calendário de eventos do local. O crescimento do público e a presença de frequentadores de fora tornaram o espaço físico insuficiente para comportar a dimensão que as festas haviam alcançado. A ausência de apoio contínuo do poder público, especialmente no que se refere à melhoria da infraestrutura, como a disponibilização de banheiros e outros serviços básicos, dificultou a manutenção das atividades. Assim, a falta de investimento institucional acabou comprometendo a continuidade de uma prática cultural que, durante anos, desempenhou papel central na vida social e cultural da comunidade do Xique-Xique.

No entanto, a associação de moradores não atuava apenas na organização de festas e datas comemorativas, desde sua fundação tem desenvolvido projetos voltados à melhoria da vida comunitária, especialmente por meio do esporte e do reforço escolar. Essas iniciativas são constantemente lembradas pelos moradores como expressões de cuidado coletivo e de

compromisso com o futuro local. As memórias ressaltam que o objetivo central sempre foi oferecer oportunidades às crianças e aos adolescentes do Xique-Xique, buscava afastá-los de situações de vulnerabilidade social.

O reforço escolar, primeiro projeto implantado pela associação, ocupa lugar central nas lembranças dos moradores, sobretudo das mulheres que atuaram como voluntárias. Segundo nos relatou Josefa Oliveira da Silva, muitas crianças apresentavam dificuldades básicas de alfabetização, chegando ao ponto de não saberem escrever ou mesmo dizer corretamente o próprio nome, identificando-se apenas por apelidos. Diante dessa realidade, algumas moradoras passaram a se revezar na função de educadoras voluntárias, utilizando a garagem de sua casa como espaço improvisado para as aulas. Esse local, frequentemente citado nas narrativas, tornou-se um símbolo de resistência e solidariedade, representando a capacidade da comunidade de transformar espaços domésticos em ambientes educativos. As memórias destacam que, mais do que ensinar a ler e escrever, o reforço escolar promovia acolhimento, autoestima e a valorização das crianças.

Paralelamente às ações educativas, o projeto de atletismo se consolidou como uma atividade esportiva referência dentro do Xique-Xique, ocupando lugar de destaque nas memórias coletivas. Os moradores relatam com orgulho a trajetória de crianças e adolescentes que, por meio do esporte, alcançaram reconhecimento dentro e fora do estado de Sergipe. As competições, as viagens e as premiações são lembradas como momentos de celebração coletiva, nos quais toda a comunidade se sentia representada. Um marco recorrente nos relatos é a conquista da medalha na São Silvestrinha, em São Paulo, no ano de 2017, pelo atleta Mateus Gabriel, na categoria sub-16, considerado o maior evento de atletismo do país. Esse feito é narrado como prova concreta de que o investimento comunitário no esporte pode gerar resultados significativos e transformar trajetórias de vida.

As ações desenvolvidas pela associação de moradores, conforme percebidas nas memórias, revelam formas de organização popular que buscam suprir ausências históricas do Estado, especialmente no que se refere ao acesso à educação, ao lazer e a políticas de proteção social.

Entre os lugares mais marcantes no Xique-Xique, destaca-se o campinho, reconhecido pelos moradores como o espaço mais popular da comunidade e aquele que concentra parte significativa das memórias coletivas. Nesse espaço comunitário acontecem, historicamente, os campeonatos de futebol que mobilizam crianças, jovens e adultos, tanto os que jogam quanto aqueles que se reúnem para assistir. Nos finais de semana, sobretudo aos domingos, o campinho transforma-se em um verdadeiro centro de convivência, onde os jogos se estendem

ao longo do dia e se encerram à noite em comemorações e confraternizações entre os jogadores e os moradores do bairro.

Além dos campeonatos, o campo abriga as atividades da Escolinha de Futebol Tigres, fundada em 2017 por Coquinho, morador do próprio Xique-Xique. A iniciativa assume papel relevante não apenas por incentivar a prática esportiva entre crianças e adolescentes, mas também por promover a participação feminina, ampliando as possibilidades de inclusão e de permanência das meninas nesse espaço tradicionalmente associado aos meninos. Desse modo, o campinho ultrapassa sua função esportiva e se consolida como um espaço educativo, formativo e socializador.

Entretanto, o campo não se limita às práticas do futebol. Nas memórias dos moradores, especialmente das crianças, como relatou a aluna e entrevistada Rana Claudia ele aparece também como lugar de brincadeiras, como os conhecidos banhos de lama nos períodos chuvosos, resultado do chão de areia, e os campeonatos de badogue, que mobilizavam crianças e jovens. Essas vivências revelam uma infância marcada pela criatividade e pelo uso coletivo dos espaços disponíveis, mesmo em contextos de limitações estruturais.

Ainda sobre espaço afetivo temos o pé de “Nim”, situado em frente ao campo, que se converteu em palco de múltiplas recordações. Nesse momento, sinto-me privilegiada por se tratar de um lugar de memória de vivência que profundamente me marcou no bairro Xique-Xique. Trata-se de um espaço no qual pude desfrutar de momentos compartilhados com os moradores, vivências recheadas de afetividade que contribuíram de forma significativa para a construção de minhas memórias, dos meus vínculos e da compreensão das dinâmicas sociais e culturais da comunidade.

Ali, vizinhos se reuniam e ainda se reúnem para longas conversas, muitas vezes acompanhadas de carne na brasa e cerveja gelada nos dias mais quentes, ou, ao final das tardes, de café compartilhado entre as mulheres, que trocavam relatos sobre as dificuldades do cotidiano, conquistas pessoais e também as inevitáveis “fofocas” que fazem parte da vida cotidiana.

Outro espaço recorrente nas lembranças dos moradores é o chamado tanque de “Miro”, que funcionava como uma espécie de piscina improvisada para as crianças do bairro. Esse local permanece vivo na memória dos moradores como símbolo de uma infância compartilhada, alegre e marcada pelo uso criativo dos poucos recursos disponíveis, demonstrando uma infância vivida de forma coletiva, inventiva e profundamente significativa.

No conjunto, as memórias do bairro, extraídas dos relatos orais, mostram que festas, lugares afetivos e projetos sociais não são elementos isolados, mas dimensões interligadas da

vida comunitária. Elas revelam como os moradores constroem sentidos de pertencimento e elaboram narrativas que contrapõem visões externas estigmatizantes. Ao serem inseridas à pesquisa e ao trabalho pedagógico, essas memórias possibilitam que a História local do Xique-Xique seja escrita a partir dos sujeitos que a vivem, valorizando suas vozes, experiências e formas próprias de interpretar o passado. Nesse sentido, a oralidade não apenas registra o que aconteceu, mas atua como prática de reconhecimento e afirmação identitária, fundamental para compreender a realidade em sua complexidade histórica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As memórias de vivência do Xique-Xique, analisadas ao longo desta pesquisa, puderam demonstrar o papel importante do Ensino da História Local como campo rico para a produção de conhecimento histórico que tenha sentido no espaço escolar. Ao valorizar as narrativas, experiências e lembranças dos moradores, o trabalho possibilitou não apenas o reconhecimento do local como um lugar histórico, mas também a construção de novos olhares sobre o passado e o presente da comunidade, rompendo com visões estereotipadas e silenciamentos historicamente impostos aos espaços periféricos.

Nesse processo, os estudantes assumiram o papel de pesquisadores da própria realidade, atuando como sujeitos ativos na produção do conhecimento histórico. Ao realizarem entrevistas, selecionarem entrevistados, organizarem narrativas e refletirem sobre as memórias coletadas, os alunos desenvolveram habilidades fundamentais do fazer historiográfico, como a escuta sensível, a análise crítica das fontes orais, a problematização do tempo histórico e a compreensão das relações entre memória e História. Essa experiência contribuiu para a construção de novos saberes históricos, produzidos a partir do diálogo entre o conhecimento acadêmico e os saberes comunitários, valorizando o protagonismo do aluno e a aprendizagem significativa.

A produção do *videocast* foi como o ponto central dessa proposta pedagógica, articulando História, cultura digital e História Pública. Ao transformar as memórias de vivência do Xique-Xique em narrativas audiovisuais, os estudantes ampliaram as possibilidades de comunicação do conhecimento histórico, tornando-o acessível, dinâmico e conectado à atualidade. O *videocast* não se limitou a um recurso pedagógico final, mas se configurou como um processo educativo que envolveu planejamento, pesquisa, roteirização, gravação e edição, fortalecendo o trabalho colaborativo, a autonomia dos alunos e o uso crítico das tecnologias digitais no ensino de História.

Além disso, o ensino de História Local foi capaz de dar sentido aos conteúdos escolares, uma vez que fazia parte do contexto dos estudantes e de suas próprias referências culturais e afetivas. Ao reconhecer o Xique-Xique como um espaço de memória, sociabilidade e produção cultural, os alunos passaram a se perceber como parte da história, fortalecendo vínculos de pertencimento e ampliando a compreensão de que o conhecimento histórico não está restrito aos grandes acontecimentos ou personagens consagrados, mas também se constrói a partir das experiências cotidianas.

Com o desenvolvimento desta pesquisa, foi possível entender e melhorar o planejamento de aulas de História contextualizadas, tendo como base o tempo presente e aberto à localidade. Assim, a pesquisa possibilitou a construção de práticas pedagógicas comprometidas não apenas com a compreensão do passado, mas também com a ampliação dos horizontes de expectativas e dos futuros possíveis dos estudantes.

Posso dizer que um objetivo pessoal foi alcançado, a possibilidade de vivenciar o processo de ensino aprendizagem de maneira significativa e prazerosa junto aos meus alunos. A produção do *videocast* motivou um momento de intensa parceria entre todos os sujeitos envolvidos, favorecendo a construção coletiva do conhecimento. Nesse processo, foi possível conhecer mais profundamente os estudantes, reconhecer ainda mais seus talentos e me surpreender com as contribuições e interpretações que apresentaram acerca do que estava sendo elaborado. Portanto, um momento cheio de significados e conquistas, cujos impactos extrapolam o recurso pedagógico final e seguem influenciando de modo permanente minha prática docente enquanto professor de História.

REFERÊNCIAS

- A SEMANA. Simão Dias, SE: [s. l.], ano VIII, n. 69, 23 jan. 1954.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALBERTI, Verena. Fontes orais: História dentro da História. In: PINSKY, Bassanezi Carla (org.). **Fontes históricas**. 2. ed. 1. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.
- ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: FGV, 1990.
- ALMEIDA, Junielle Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília, DF: Liverlivros, 2005.
- BLAUTH, Lurdi; POSSA, Andrea C. Kauer. Arte, grafite e o espaço urbano. **Palíndromo**, Florianópolis, v. 4, n. 8, p. 1-18, jan./jun. 2012.
- BARROS, Carlos Henrique Farias de. Ensino de história, memória e História local. **Criar Educação**, Criciúma, v. 2, n. 2, p. 1-13, 2013.
- BARROS, José D Assunção. História local e história regional: a historiografia do pequeno espaço. **Revista Tamoios**, São Gonçalo, v. 18, n. 2, p. 22-53, 2022b. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/tamoios/article/view/57694>. Acesso em: 13 out. 2024.
- BARROS, José D' Assunção. A revolução digital, sociedade digital e História. In: BARROS, D' Assunção (org). **A História digital**: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes. 2022a. p. 11-100.
- BARROS, José D' Assunção. **O lugar da História Local**. Santo Antônio de Jesus, BA: UNEB, 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/321111136>. Acesso em: 13 out. 2024.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernanda. **Ensino de História**: Fundamentos e métodos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, DF: MEC: CONSED: UNDIME, 2018.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. 9. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023.

CASSAB, Latif Antonia; RUSCHEINSKY, Aloísio. Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral. **BIBLOS** Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, [s. l.], v. 16, p. 7-24, 2004.

CASSAB, Clarice. **(Re)construir utopias: jovem, cidade e política**. Tese. (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

CASTRO, Miguel Barboza. **Wikipédia e usos da história**: a edição de uma história pública digital por historiadores e multidões. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

CERTEAU, M. de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1, artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORREIA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática. 2004.

CURVELO, Denilsson Alves. **Poço Verde: Início e desenvolvimento**. São Paulo, SP: Ed. Lux 2022.

EUPHORBIA TIRUCALLI. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2025. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Avel%C3%B3s&oldid=69804406>. Acesso em: 26 mar. 2025.

FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. O que é, como e por que história pública? Algumas considerações sobre indefinições. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 8., 2017, Maringá. **Anais [...]**. Maringá: UNESPAR, 2017. p. 3018-3026.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de Martha Calderaro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS NETO, José Alves de. A transversalidade e a renovação no ensino de História. *In*: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 57-74.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.

GINZBURG, Carlo. **Micro-história e outros ensaios**. Trad. Antônio Narino. Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand-Brasil, 1989.

GUARIZA, Nadia Maria. A História oral e o ensino de História: a discussão atual em revistas acadêmicas brasileiras. **Os desafios da Escola Pública Paranaense da perspectiva do professor**. Caderno PDE. Curitiba: SEED-PR), 2002.

HALBAWCHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAMPÂTÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO (ed.). **História geral da África: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília, DF: UNESCO, 2010. p. 167-212.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Roma *et al.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

HORN, Geraldo Balduino; GERMINARI, Geyso Dongley. **O ensino de história e seu currículo: teoria e método**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022: primeiros resultados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 16 jan. 2026.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo da Educação Superior 2024: notas estatísticas**. Brasília: Inep, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/acesso-a-informacao/dados-abertos/inep-data>. Acesso em: 10 jan. 2026

JESUS, Edson Silva de. Periferia, um termo crítico: distanciamentos espaciais, sociais e simbólicos nas cidades. **Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais**, Recife, v. 10, p. 58-78, 2021.

LANNA, Paloma de Almeida Albergaria; CALAIS, Lara Brum de. Cidades, territórios e juventudes: Práticas e sentidos sobre pertencimento, juventude e periferia. **Psicologia Política**, São Paulo, v. 20, n. 48, p. 402-416, 2020.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LIMA, Luís Moreira de. **Ferramentas tecnológicas digitais: opções para aperfeiçoar suas atividades pedagógicas**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná. 2023.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (org.). **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007. p. 127-167.

NASCIMENTO, Evando Cardoso; DENARDIN, Valdir Frigo; QUADROS, Diomar Augusto de. Pesquisa-ação, pesquisa participante e investigação-ação participativa: semelhanças e diferenças. **ActaScientiarum. Humanand Social Sciences**, Maringá, v. 46, n. 3, e71874, 2024.

EMÍDIO NETO. **Poço Verde**: um olhar emocionado sobre sua história. Poço Verde, SE, 2019.

NUNES, Daniela. Pesquisa Historiográfica desafios e caminhos. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, Ano 2, v. 5, n. 1, p. 15-25, junho, 2011.

OLIVEIRA, Maycon Silva de. **Reflexões para o ensino de História local**: o bairro Taquari-Palmas-TO. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2022.

PEREIRA, Nilton Mullet; MARQUES, Diego Souza. Narrativas do estranhamento: ensino de História entre a identidade e a diferença. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 201, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: ANPUH, 2011.

PILOSOCEREUS POLYGONUS. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2025 Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Piloscereus_polygonus&oldid=71963523. Acesso em: 24 ago. 2025.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma história prazerosa e consequente. *In*: Karnal, Leandro (org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2004.

POÇO VERDE (Município). **Atenção Básica e Unidades de Saúde**. Poço Verde, SE: Gabinete da Prefeitura, 2025.

POÇO VERDE (Município). **Lei 352/2003, de 14 de maio de 2003**. Denomina vias públicas da sede do município de Poço Verde e dá outras providências. Poço Verde, SE: Gabinete da Prefeitura, 2003.

POÇO VERDE (Município). **Mapa de Poço Verde com povoados e municípios vizinhos**. Poço Verde, SE: Gabinete da Prefeitura, 2013.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/issue/view/306>. Acesso em: 10 mar. 2024.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade: ambições e limites. **Polis**, Lisboa, v. 5, n. 1, p. 9-20, 2004.

PRADO, Kelvin Oliveira do. Educação histórica, pensamento decolonial e teoria pós-colonial: consonâncias, novos olhares e perspectivas. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 788-704, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/33832>. Acesso em: 24 ago. 2025.

RALEJO, Adriana Soares; MELLO, Rafaela Albergaria; AMORIM, Mariana de Oliveira. BNCC e ensino de História: horizontes possíveis. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e77056, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/4jVvMMkVMzjLGYRrrBnKnft/?lang>. Acesso em: 24 ago. 2025.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROSA, Julientina Maria Ligorio. **História local e ciberespaço: memória e ensino de História de Turvânia na rede social Instagram**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

ROVAL, Marta Gouveia de Oliveira et al. **História pública como prática colaborativa: novas mídias para a produção e comunicação do saber histórico**. Alfenas: UNIFAL-MG, 2020. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/bibliotecas/wp-content/uploads/sites/125/2022/04/e-book-Historia-publica-como-pratica-colaborativa.pdf>. Acesso em 26 de julho de 2025.

RÜSEN, Jörn. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. Tradução de Marcos Roberto Kusnick. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 1, p. 7-16, jul./dez. 2006.

RÜSEN, Jörn. **História Viva: teoria da história III – formas e funções do conhecimento histórico**. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília; Goiânia: Editora da UFG, 2011.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da História: fundamentos da ciência História**. Trad. Estevão Martins. Brasília, DF: UNB, 2009.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979

SANTOS, V. B. dos; SILVA, A. O. da; RIOS, P. P. S.; VIEIRA, A. R. L.; BARROS, E. da R. Reflexões sobre a prática docente: o contexto da história de cansação a partir do uso didático das fontes históricas. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE), 12., 2015, Curitiba, **Anais [...]**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2015. p. 41539- 41548.

SANTOS, Antônio Renan de. **Registro aéreo da Escola Antônio Muniz**. Poço Verde, SE, 2024a. 1 fotografia.

SANTOS, Antônio Renan de. **Registro aéreo da localização da Escola Antônio Muniz em relação ao Xique-Xique**. Poço Verde, SE, 2024b. 1 fotografia.

SANTOS, Antônio Renan de. **Registro aéreo do bairro Xique-Xique**. Poço Verde, SE, 2024c. 1 fotografia.

SIMÃO DIAS (SE). Cartório do 1º Ofício do Registro Imobiliário. **Registro de Imóveis de uma propriedade Rural Lagoa do Mato [de] João de Oliveira**. Registro em: 19 jun. 1991.

SERGIPE, Secretaria de Estado da Educação. **Currículo da Educação Infantil e do Ensino Fundamental de Sergipe**. Aracaju: SEED, 2018.

SOUZA, Victor Batista de. **Aprender História para a vida: novos olhares para o bairro em proposta de aula-oficina**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

SOUZA, Diego Gomes. Ensino de História e História Pública: territórios comuns, zonas de contato e diálogos possíveis. **Revista Ars História**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 104-120, jan./jun. 2019.

SOUZA, Maria Helena de. Toponímia urbana e identidade local: os nomes dos bairros como patrimônios imateriais. **Revista Territórios e Fronteiras**, Cuiabá, v. 14, n. 2, p. 112-128, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.ufmt.br/territorios/article/view/12345>. Acesso em: 03 ago. 2025.

SOUZA, Mariana Jantsch. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. **Revista Graphos**, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 91-117, 2014.

SOUSA, Artur Santos José. **Bairros de Poço Verde destacando o perímetro do Xique-Xique**. Poço Verde, SE, 2025a. 1 fotografia.

SOUSA, Artur Santos José. **Mapa destacando o perímetro do Xique-Xique e suas ruas**. Poço Verde, SE, 2025b. 1 fotografia.

SOUSA, Artur Santos José. **Mapa dos municípios do Brasil com destaque para Poço Verde**. Poço Verde, SE, 2026. 1 fotografia.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

THOMPSON, PAUL. **A formação da classe operária inglesa: a força dos trabalhadores**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. v. III.

THOMPSON, PAUL. **A voz do passado: História oral**. Tradução de: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

WACQUANT, Loïc. O lugar da prisão na nova administração da pobreza. **Novos estudos - CEBRAP**, São Paulo, n. 80, p. 9-19, mar. 2008.

UCHA, Leonardo Borghi. **Eu não sabia que meu bairro tinha História: Decolonizando a aula de História com as memórias de um território na periferia de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2020.

APÊNDICE – ENDEREÇO DOS EPISÓDIOS DO *VIDEOCAST*

Epsódio 1: https://youtu.be/dfC38QJ_B5E

Epsódio 2: <https://youtu.be/LxjsIok0Eec>

Epsódio 3: <https://youtu.be/taYbrBqh4-Q>